



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JORGE MANUEL DA ROCHA NUNES

## **Espiritualidade Sacerdotal Ministerial**

O contributo de João Paulo II nas Cartas aos Sacerdotes

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

Porto  
2011

***Ele lava-me os pés!***

Lava-me não o rei.  
Lava-me o escravo.  
Lava-me não o Senhor.  
Lava-me o servo.  
Lava-me não o Mestre.  
Lava-me o sacerdote.

Seu gesto confunde os sábios,  
Mas alenta os simples.  
O despojamento fragiliza o Homem,  
Mas fortalece o pastor.

Lava-me no serviço.  
Lava-me na entrega.  
Lava-me na dádiva.  
Lava-me no amor.

Seu abaixamento escandaliza os poderosos,  
Mas ensina os débeis.  
A escravidão irrita os fortes,  
Mas encaminha os fracos.

Lava-me como vida.  
Lava-me como Salvação.  
Lava-me como Pai.  
Lava-me como irmão.

Por todo este Amor  
Quem sou eu  
Para que não deixe  
Que me leve os pés!?

## SIGLÁRIO

### *Livros da Sagrada Escritura*

AT – Antigo Testamento	Rm – Carta aos Romanos
Nm – Livro dos Números	1Cor – Primeira Carta aos Coríntios
Sl – Livro dos Salmos	2Cor – Segunda Carta aos Coríntios
Is – Livro de Isaías	Gl – Carta aos Gálatas
NT – Novo Testamento	Ef – Carta aos Efésios
Mt – Evangelho de São Mateus	Fl – Carta aos Filipenses
Mc – Evangelho de São Marcos	Heb – Carta aos Hebreus
Lc – Evangelho de São Lucas	1Pe – Primeira Carta de Pedro
Jo – Evangelho de São João	2Pe – Segunda Carta de Pedro
Act – Livro dos Actos dos Apóstolos	1Jo – Primeira Carta de João

### *Documentos Magistério da Igreja*

DV – Dei Verbum	AG – Ad Gentes
GS – Gaudium et Spes	CD – Christus Dominus
LG – Lumen Gentium	OT – Optatam Totius
SC – Sacrosanctum Concilium	PO – Presbyterorum Ordinis

### *Outros documentos*

TA – Tradição Apostólica de Hipólito	DS - Denzinger
--------------------------------------	----------------

## INTRODUÇÃO

Com o ‘caminhar’ para o final da realização do curso de *‘Mestrado Integrado de Teologia’*, havendo a necessidade de realizar uma dissertação como trabalho final,urgia a escolha de um tema para a execução do mesmo. Isso fez com que se estabelecessem objectivos e prioridades até porque, além de um trabalho científico e académico, era também algo que contribuísse quer para o percurso vocacional, quer futuramente na vida presbiteral.

Após algum tempo de meditação e oração, numa contínua tentativa de escuta do Espírito e com o envolvimento que o ‘Ano Sacerdotal’ trouxe, foi escolhido o tema: *Espiritualidade Sacerdotal Ministerial*, a partir das *Cartas aos Sacerdotes* que sua Santidade, o Papa João Paulo II, escreveu *por ocasião das Quintas-feiras Santas* ao longo do seu pontificado.

Para além de causar estranheza e surpresa a alguns, este tema adquire, por si só, alguma novidade uma vez que não há conhecimento de qualquer trabalho realizado a partir das *Cartas aos Sacerdotes* (muito menos confinado à espiritualidade sacerdotal). Esta realidade aumentou a responsabilidade da sua realização.

O caminho percorrido foi longo, e iniciou-se com uma leitura do livro *A espiritualidade Sacerdotal* de Jacques Bur que permitiu uma aproximação mais detalhada ao tema. Seguidamente fez-se uma leitura integral e livre de todas as cartas.

Terminadas estas leituras, chegara o momento de trabalhar no primeiro capítulo intitulado: *A Espiritualidade Sacerdotal no Vaticano II*. Aí, para além de estudar alguns textos do Concílio Vaticano II, principalmente a LG e a PO, esse mesmo estudo alargou-se a textos específicos de vários autores que possibilitaram, no seu conjunto, a composição do capítulo inicial.

No que se refere ao segundo capítulo, com o título: «Ele próprio era uma “carta” permanente», a sua execução iniciou-se com a realização da releitura da totalidade das

vinte e seis *Cartas aos Sacerdotes*<sup>1</sup>.

Todavia, a abordagem às cartas foi necessariamente após um estudo mais minucioso que possibilitou a interpretação e demarcação de cada tema existente, de forma a permitir uma posterior abordagem individualizada aos diversos temas relacionados com o ministério sacerdotal. Concluído este processo, o passo seguinte foi a redacção do texto, seguindo o esquema da primeira carta que permitiu, de certa forma, englobar os temas tratados nas restantes cartas. A escolha deste esquema resultou do facto de se entender que já na primeira carta se encontravam os conteúdos programáticos que o Santo Padre realizou para o seu ministério pontifício e que, na sua maioria, foram tratados noutras cartas.

A elaboração do último capítulo foi a mais demorada, visto não haver nada em concreto escrito sobre a espiritualidade sacerdotal a partir das cartas já referidas. Assim, também como não há nada escrito que possibilite o estudo e a confrontação com diversos autores sobre este assunto ou até mesmo o confronto sobre um outro aspecto, como por exemplo, de que forma as cartas são uma continuidade do Concílio Vaticano II e quais as novidades que João Paulo II desenvolve e insere. A falta de conteúdos de outros autores deitaram este e outros exemplos por terra.

Mas dado que a disponibilidade de escuta esteve sempre presente, escolheram-se cinco aspectos essenciais para a vida dos sacerdotes, a partir do segundo capítulo, o qual contém a exposição dos temas existentes nas cartas. Foi assim que se chegou ao seguinte título e consequente esquema: *Cartas aos Sacerdotes: Um itinerário de espiritualidade*

---

<sup>1</sup> O Santo Padre escreveu em todos os anos do seu pontificado, excepto no ano de 1981. O resultado de procurar saber qual a razão para que nesse ano não tivesse escrito foi nulo. Porém, no jornal L'Osservatore Romano – Ano XII – Número 19 (594) 19 de Abril de 1981 encontra-se não a *Carta aos Sacerdotes*, mas uma conferência realizada durante um retiro do clero, orientada por D. Louis Langevin – Bispo de Saint-Hyacinthe (Canadá) com o sob o tema “A espiritualidade sacerdotal”, este elemento é o único pensamos que possa ter alguma ligação ao facto de nesse ano ter havido a referida *Carta*.

De referir igualmente que tivemos também, como fonte informativa e consultiva, a página da internet da Santa Sé, onde vem indicadas quais as *Cartas aos Sacerdotes*. Aproveitamos igualmente este espaço para esclarecer alguma hipotética dúvida se a Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* devia ser tida como *Carta aos Sacerdotes* ou não. No nosso entender ela não é uma *Carta aos Sacerdotes* por ocasião da Quinta-feira Santa. Para tal servimo-nos, primeiro da mesma página da internet, que indica somente uma pequeníssima *Carta* como tal. Depois no livro “Un Tesoro en Vasijas de Barro” do Cardial Carlo Maria Martini ele diz: «João Paulo II, em sua brevíssima *Carta aos Sacerdotes por ocasião de Quinta-feira Santa* de 1992, apresentou a ampla exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis*» (p.124). Por último a própria *Carta* em questão refere isso mesmo, isto é, apresenta a *Pastores dabo vobis* aos sacerdotes.

*ministerial*. Para que não fosse apenas uma reflexão individual, tendo como base não somente o que diz o segundo e, por inerência, o primeiro capítulo acerca dos temas a tratar, e para ser um texto muito mais ‘rico’, foi necessário um estudo demorado e direccionado a vários autores, tendo sempre presente o estudo dos textos escolhidos, algo inerente aos temas delimitados para a elaboração deste capítulo.

Este foi o caminho percorrido (com avanços e recuos), através do qual se realizou este trabalho.

No que se refere à metodologia utilizada, uma pequena palavra que se pretende informativa. Tanto no primeiro como no segundo capítulo tentou-se, sempre que possível, fundamentar o que se disse a partir de confrontações e citações dos autores. É de referir, igualmente, que o motivo que levou a fazer muitas citações foi o intuito de deixar falar mais o autor do que uma interpretação dúbia que se podia realizar e que não permitisse a sua melhor compreensão.

Um outro aspecto a referir que ocorre no primeiro capítulo prende-se com o facto de dentro de algumas confrontações existirem citações de documentos do Concílio Vaticano II. Isto acontece simplesmente pelo facto de se usar frases citadas pelos autores, em que estas se tornam necessárias ao texto para um melhor entendimento. Contudo, não as temos como citação de citação, mas sim para ser fiel ao texto que seguimos e do qual retiramos a ideia explanada.

Optou-se também, para uma melhor leitura, apresentar a indicação da citação, quer do texto bíblico quer dos textos conciliares, no próprio corpo do texto. Por último, mencionar que sempre que se faz uma citação ou confrontação das *Cartas aos Sacerdotes* se denomina por: Carta de ... – seguindo-se o ano em que foi escrita, e o ponto a que se refere. É oportuno também clarificar que a carta “*Dominicae Cenaе*” e “*Ecclesia de Eucharistia*”, que fazem parte do conjunto das Cartas aos Sacerdotes são também elas denominadas por: Carta de 1980; Carta de 2003, respectivamente.

Uma pequena palavra, igualmente, ao facto de este trabalho conter alguns testemunhos que foram pedidos a alguns eclesiásticos. A sua presença prende-se não só com intuito de enriquecer o trabalho, mas principalmente para compreender melhor o eco

que as *Cartas aos Sacerdotes* tiveram na vida da Igreja e na vida daqueles a quem foram dirigidas, e como se revelava na vida de Sua Santidade, o Papa João Paulo II, a espiritualidade que transparece nas suas cartas aos sacerdotes.

Assim sendo, momento agora para apresentar o grosso da estrutura de cada capítulo.

O primeiro capítulo debruça-se sobre alguns textos do Concílio Vaticano II onde se procurou, de certa forma, apresentar a espiritualidade sacerdotal ministerial aí contida. Trabalhar sobre a *Espiritualidade Sacerdotal Ministerial no Vaticano II* possibilitou o entrosamento necessário para uma melhor compreensão do tema, bem como depois, no desenvolvimento dos restantes capítulos. Por sua vez, o segundo capítulo está elaborado de forma que seja possível tomar conhecimento, de uma forma geral, dos diversos temas da vida espiritual dos sacerdotes presentes nas *Cartas* que João Paulo II dirigia aos sacerdotes em cada *Quinta-feira Santa*, ao longo dos 27 anos do seu pontificado. Já o terceiro capítulo contém, em si, uma proposta de um itinerário espiritual para os sacerdotes, alicerçado em cinco aspectos essenciais.

Um outro elemento a referir é que desde o primeiro momento em que se iniciou este trabalho de dissertação, os objectivos a seguir foram claros. Realizar esta tese tendo presente que se trata de um trabalho de final de curso, o que faz com que acrescesse a responsabilidade de estudo e investigação e também que não fosse ‘só mais um trabalho’, mas que possibilitasse o crescimento espiritual neste caminho para a ordenação presbiteral e futuramente, para a vivência da mesma. E com alguma ousadia, realizá-lo tendo presente que pode ser um bom contributo para a vida espiritual dos sacerdotes, uma vez que, as *Cartas aos Sacerdotes* ainda não tinham sido estudadas (segundo a investigação realizada), o que permite que seja mais um dado novo, a partir dos imensos contributos que o Papa João Paulo II deixou à Igreja e ao mundo.

As últimas palavras são de agradecimento. Antes de mais, o contributo que o Bem-aventurado João Paulo II realizou, quer pelo riquíssimo tesouro que deixou, onde se incluem as *Cartas aos Sacerdotes*, quer o testemunho de vida e de sacerdote que sempre o acompanharam. A oração intercessora em seu nome, de certa forma, fê-lo ‘presente’ na elaboração deste trabalho.

Depois o agradecimento em forma de acção de graças e louvores à Santíssima Trindade, pelo acompanhamento na meditação e realização deste trabalho, o qual permitiu ir ao âmago da importância da vida espiritual dos sacerdotes. A Deus Pai pelo amor sempre presente e misericordioso, a Cristo Jesus, seu amado Filho como ‘companheiro’, guia de viagem e ao Espírito Santo pela contínua presença, conforto e inspiração sem a qual nada seria possível.

Ao Deus uno-trino confiou-se este trabalho e confia-se toda a vida de forma que, dia a pós dia se possa dizer como realidade crescente:

De entre os fracos fui escolhido.

Por Ti, Senhor, para os servir.

Resgatado como um todo faço-me todo em Ti.

«Já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim»  
(Gl 2,20)

## CAPÍTULO I

### A ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL NO VATICANO II

Iniciamos o primeiro capítulo deste trabalho apresentando o que se entende por *Espiritualidade Sacerdotal Ministerial* nos textos do Concílio Vaticano II, mais concretamente na constituição LG e no decreto PO. Nesta reflexão servirão ainda dois excelentes estudos que, de forma magnífica, abordam este mesmo tema: *A Espiritualidade do Sacerdote no Vaticano II*, de Juan Esquerda Bifet<sup>2</sup>, e um outro escrito por Nicolás López Martínez<sup>3</sup>, direccionando-se mais para a '*Presbyterorum Ordinis*' e Vaticano II.

Este tema ajudará posteriormente a compreender melhor a dimensão, o alcance, o contributo e o itinerário espiritual que as *Cartas aos Sacerdotes* de João Paulo II oferecem como vivência ministerial àqueles que participam no Único Sacerdócio de Cristo Jesus. Assim, pode-se dizer que os temas apresentados pelo Concílio Vaticano II ganham forma e corpo com o desenvolvimento que o Papa dá nas palavras que dirige aos sacerdotes do mundo inteiro.

Para além do que já se disse, este capítulo procura servir-se de vários autores que reflectiram sobre os temas que seguidamente apresentamos. Seguimos aqui e ali as indicações dos teólogos no que se refere aos textos do sagrado Concílio. Isto ajuda a que compreendamos melhor todo o seu pensamento. Daí que em algumas confrontações e citações se transcrevam frases do Vaticano II.

Por conseguinte, este capítulo realizará um percurso em dois sentidos: ascendente e descendente. Primeiramente parte-se do conceito de que todo o baptizado caminha para a santidade. Contudo, das miríades de filhos de Deus, há aqueles que caminham para essa mesma santidade no exercício do sacerdócio ministerial. Tendo isto em conta, apresentam-se de uma forma geral os textos conciliares em que está patente a vivência do ministério sacerdotal. Seguidamente, no último ponto, procura-se dar sentido ao percurso, realizando

---

<sup>2</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 283-299.

<sup>3</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 629-639.

a apresentação de uma possível espiritualidade sacerdotal a partir do Concílio Vaticano II. Perante o que dizem os textos conciliares apresentam-se os alicerces para um melhor aprofundamento e desenvolvimento sobre a espiritualidade ministerial.

## **1. A IGREJA POVO DE DEUS: REDESCOBERTA DA CONDIÇÃO BAPTISMAL**

O Concílio Vaticano II contém os frutos de uma corrente iniciada com o Papa Leão XIII, que passou pelo advento dos movimentos social, bíblico, ecuménico e litúrgico, levando a Igreja a olhar para a sociedade, para o mundo e para si mesma. Os textos conciliares advêm de uma resposta que a Igreja dá a si mesma numa encarnação do cristianismo<sup>4</sup>. Como diz Bifet, «O Vaticano II é um ponto de chegada e um ponto de partida na caminhada da Igreja peregrina»<sup>5</sup>. Com o Concílio há um regresso «às fontes da revelação DV, à liturgia SC e a tradição eclesial LG que possibilitou reunificar a teologia e a espiritualidade»<sup>6</sup>.

Partilha esta opinião Gisbert Greshake, ao referir a importância dos vários movimentos da Igreja até chegar à doutrina do Vaticano II, levando à descoberta da «antiquíssima verdade de que a missão de Cristo não se transmite só através do ministério e que, portanto, a Igreja não se edifica só a partir do ministério, mas em virtude do baptismo e da confirmação»<sup>7</sup>. Todos os cristãos devem proclamar e testemunhar a Palavra de Deus, ser missionários e participar na vocação comum à santidade, assim como, ter uma relação de oração, adoração e dedicação a Deus. Esta é uma das novidades do Concílio. A LG entende a Igreja, já não a partir do ministério, mas como Povo de Deus (embora haja classes e diferenças entre leigos e ministros), à qual todos são chamados, como observamos no texto da LG indicado por Greshake:

---

<sup>4</sup> Cf. MARTIN VELASCO, Juan – La espiritualidad del presbítero diocesano en la coyuntura histórico-social actual. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 383; CODINA, Víctor – De la ascética y mística a la vida según el Espíritu de Jesús. In FLORISTAN, Casiano; TAMAYO, Juan-José (Editado) – *El Vaticano II, veinte años después*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985, p. 272.

<sup>5</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 285.

<sup>6</sup> CODINA, Víctor – De la ascética y mística a la vida según el Espíritu de Jesús, p. 274.

<sup>7</sup> GRESHAKE, Gisbert – *Ser sacerdote hoy: Teología, praxis pastoral e espiritualidad*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010, p. 40.

«Ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cf. 1Pe 2,4-10). Por isso, todos os discípulos de Cristo, perseverando na oração e louvando a Deus (cf. Act 2,42-47), ofereçam-se a si mesmos como hóstias vivas, santas, agradáveis a Deus (cf. Rm 12,1), dêem testemunho de Cristo em toda a parte e àqueles que lha pedirem dêem razão da esperança da vida eterna que neles habita (cf. 1Pe 3,15)» (LG 10). [Por isso reina também a] «igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à actuação, comum a todos os fiéis, em favor da edificação do corpo de Cristo» (LG 32)<sup>8</sup>.

Aquilo que une o Povo de Deus é a condição baptismal. A LG apresenta ao mundo, mas principalmente à Igreja, aquilo que diz a si mesma: «Igreja de Cristo: Que dizes a ti mesma?»<sup>9</sup>. Uma das respostas dadas (uma autêntica revolução copernicana) foi a apresentação da Igreja como ‘Povo de Deus’ (cf. LG 9). É a partir desta novidade, ou melhor, desta redescoberta de Igreja como ‘Povo de Deus’, que o Concílio caminha e alcança uma outra redescoberta acerca da ‘condição baptismal’.

Tomemos este breve exemplo dado pelo padre Manuel Morujão:

«Antes de falarmos sobre as diversas espécies de árvores de uma floresta, falemos da floresta enquanto tal, dos elementos que a todos aglutinam na mesma unidade. Também os bispos, os sacerdotes e os religiosos são fiéis cristãos, são Povo de Deus, com uma só fé um só baptismo. Mais primordial e importante que sublinhar estruturas da Igreja e as diversas funções dos seus membros é realçar a sua unidade fundamental como ‘Novo Povo de Deus’»<sup>10</sup>.

Esta ‘condição baptismal’ está bem descrita nos números 9 e 32 da LG, que ajudam a compreender e clarificá-la. Ambos os números remetem para a ideia central da dignidade, indicando que todos somos iguais perante Deus.

Segundo a LG 9, salientamos, acerca da condição deste povo: a dignidade, a liberdade de filhos de Deus, o novo mandamento e o Reino de Deus (cf. LG 9).

Começando pela dignidade, ela é igual para todos os baptizados. Quanto à liberdade, Deus chamou a todos à condição de filhos, embora cada um possa escolher (seguir-lo ou não) e exercer a missão para a qual foi chamado por Deus. Isto diz São Paulo aos Gálatas: «Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão» (Gl 5, 1). O Mandamento Novo diz-nos que devemos amar a todos por igual, a exemplo de Cristo. Por fim, o Reino de Deus indica que

---

<sup>8</sup> Cf. GRESHAKE, Gisbert – *Ser sacerdote hoy*, p. 40.

<sup>9</sup> MORUJÃO, Manuel, S. J. – *Ser cristão: À luz do Vaticano II*. Braga: Editorial A.O. 1998, p. 47.

<sup>10</sup> MORUJÃO, Manuel, S. J. – *Ser cristão*, p. 52.

somos um povo em caminho que vai actualizando a salvação (já presente, mas ainda não consumada)<sup>11</sup>. Com estas afirmações podemos entender que «a Igreja-comunhão é o povo ‘novo’, o povo ‘messiânico’, o povo que ‘tem por cabeça Cristo..., por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus... por lei um mandamento novo do Amor como o próprio Cristo nos amou... por fim o Reino de Deus... e este povo é constituído por Cristo numa comunhão de Vida, de caridade e de verdade»<sup>12</sup>.

Tendo como base a referência ao n. 23 da LG, verificaremos que o Povo de Deus é uma unidade na diversidade. É de salientar a dignidade dos membros, a comum graça de filhos, a vocação à perfeição (santidade) e nenhuma desigualdade. No que diz respeito à dignidade dos membros, há uma igualdade em capacidade, ou seja, é tão digna a acção de um baptizado que preside à Eucaristia como a de um varredor de rua, ou a de um marceneiro. Tanto uma, como outras, são realizadas com ligação ao Corpo de Cristo (cf. LG 23).

«Na Igreja, o que é comum a todos está sempre antes de toda e qualquer distinção por cargos ou serviços, antes de toda e qualquer organização, mesmo que ela seja de origem Divina ou Apostólica. A primazia regressa a *ser cristão* pela habitação do Espírito, com as inerentes responsabilidades de testemunho, de culto, de inserção no mundo. O povo de Deus – e cada um nele pelo baptismo – é profeta, sacerdote e rei»<sup>13</sup>.

Constatamos que «a prioridade assim concebida ao conjunto dos crentes permite a passagem de uma definição negativa do laicado (são leigos os que não são sacerdotes ou religiosos) para uma posição positiva, baseada na condição de baptizado, segundo a qual somos todos iguais, em comunidade cristã (cf. LG 32)»<sup>14</sup>. Passando à comum graça de filhos, no Povo de Deus, que é a Igreja, todos são irmãos; nesta família de fé não há membros mais e menos excelentes, todos são dignos e importantes<sup>15</sup>; «quando se tem de verdade diante dos olhos a ‘família dos irmãos’ que somos, como convocação de Deus em

---

<sup>11</sup> Cf. ALBERIGO, Giuseppe – *Breve historia del Concilio Vaticano II (1959 – 1965): En busca de la renovación del cristianismo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005, p. 133.

<sup>12</sup> LIMA, José da Silva – *Teologia prática fundamental: Fazei vós, também*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009, p. 91.

<sup>13</sup> GUILLET, Charles-Marie – *A Igreja: Comunidade de testemunhas mergulhadas na história*. Lisboa: Edições Paulistas, 1990, p. 76.

<sup>14</sup> BOURGEOIS, Henri; SESBOÛÉ, Bernard, sj.; TIHON, Paul, sj. – Os Sinais da Salvação: Os Sacramentos, a Igreja, a Virgem Maria. In SESBOÛÉ, Bernard, sj. Dir. – *História dos dogmas*. Tomo 3. São Paulo (Brasil): Edições Loyola, 2005, p. 435.

<sup>15</sup> Cf. MORUJÃO, Manuel, S. J. – *Ser cristão*, p. 54.

Igreja, as diferenças entre os irmãos perdem toda a relevância»<sup>16</sup>. Quanto à vocação à perfeição, «na Igreja, ainda que nem todos sigam pelo mesmo caminho, todos são, contudo, chamados à Santidade e a todos com a mesma fé pela justiça de Deus (cf. 2Pe 1,1)»<sup>17</sup>. Assim, o caminho para a santidade configura-se a partir da acção de cada um na Igreja, a acção pascal *‘in sequella Christi’*; e a acção eclesial, genuína e autêntica de cristãos, cria manhãs de renovação, mesmo quando parece que a rotina se instalou e tudo é igual ao de ontem<sup>18</sup>.

Por fim, não há nenhuma desigualdade; e o termo «‘Cristão’ deveria ser o substantivo essencial de qualquer membro da Igreja: Cristão bispo, Cristão sacerdote, Cristão leigo ou Cristão religioso. Na nossa mais radical identidade é isso que nós somos, cada qual, depois, com a sua função diferente»<sup>19</sup>. A LG leva-nos até às palavras de Santo Agostinho quando disse: «Aterra-me o ser para vós, mas consola-me o estar convosco. Sou para vós, como Bispo; estou convosco, como cristão. Nome de ofício, o primeiro; de graça, o segundo; aquele, de risco; este, de salvação» (LG 32).

Podemos dizer que todos estamos por igual na Igreja, na sua edificação e na sua missão no mundo. Esta ‘verdadeira igualdade’ deve determinar o sentido, a razão de ser dos diversos ministérios, inclusive o da presidência. Todos estamos por igual junto de Deus, portadores por igual do Seu Espírito, que distribui ‘a cada um, segundo a sua vontade’ distintos carismas ou ministérios, ‘para proveito comum’ (cf. 1Cor 12,7; 12,11); todos estamos por igual no mundo e somos chamados a contribuir desde dentro, como fermento, para a santificação do mundo<sup>20</sup>. Com isto, cada um santifica-se nas circunstâncias próprias da vida, estando todos então chamados à santidade.

Concluindo, «a comunidade eclesial e a vocação comum dos baptizados são prioritárias em relação a toda a diversidade dos ministérios e de vocações na Igreja, [de tal modo que] a unidade precede a distinção, sendo que o chamamento precede a missão, o amor precede as suas figuras históricas, a Trindade precede toda a criação criatural em

---

<sup>16</sup> VELASCO, Rufino – *La Iglesia de Jesús: Proceso histórico de la conciencia eclesial*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1992, p. 264.

<sup>17</sup> GUILLET, Charles-Marie – *A Igreja*, p. 78.

<sup>18</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Teologia prática fundamental*, p. 241-243.

<sup>19</sup> MORUJÃO, Manuel, S. J. – *Ser cristão*, p. 55.

<sup>20</sup> Cf. VELASCO, Rufino – *La Iglesia de Jesús*, p. 271-272.

peregrinação escatológica»<sup>21</sup>. Estes são os alicerces da espiritualidade cristã, vivida a partir da realidade e serviço de cada membro do Povo de Deus. «O Vaticano II converte a espiritualidade não em algo para uns poucos selectos, mas sim em uma exigência de todo o baptizado, de todo o povo de Deus»<sup>22</sup>.

## 2. CONTEÚDOS GERAIS NOS DOCUMENTOS CONCILIARES

No que se refere à doutrina apresentada sobre os presbíteros, e mesmo que para alguns ela seja insatisfatória, esta coloca os «fundamentos para uma nova encarnação da identidade dos presbíteros que permite superar aquela que o anterior Concílio apresentara como a única possível»<sup>23</sup>. A doutrina anterior ao Concílio Vaticano II apresenta uma visão limitada em que o ministério era visto como poder sacerdotal para a realização dos sacramentos e portador de uma posição intermédia entre Deus e os Homens. Porém, o Concílio Vaticano II vai mais longe, descrevendo, segundo Velasco, «o ser dos presbíteros como um ministério proveniente do envio apostólico no seio da uma Igreja toda ela sacerdotal; destaca a co-responsabilidade dos presbíteros entre si e com o colégio episcopal de quem são colaboradores, salientando a sua relação com os seculares, como consequência da importância do sacerdócio comum»<sup>24</sup>.

### 2.1. Génesis da *Presbyterorum Ordinis*

O ministério e vida dos sacerdotes era uma das inquietações, mesmo antes da preparação e desenvolvimento do Concílio; o tema esteve aí presente, com inúmeros esquemas e propostas de documentos; só na véspera do encerramento foi aprovado e promulgado o texto final<sup>25</sup>. Assim se compreende o que antecede o Vaticano II, sobre esta

---

<sup>21</sup> LIMA, José da Silva – *Teologia prática fundamental*, p. 82.

<sup>22</sup> CODINA, Víctor – *De la ascética y mística a la vida según el Espíritu de Jesús*, p. 276.

<sup>23</sup> MARTIN VELASCO, Juan – *La espiritualidad del presbítero diocesano en la coyuntura histórico-social actual*, p. 383.

<sup>24</sup> MARTIN VELASCO, Juan – *La espiritualidad del presbítero diocesano en la coyuntura histórico-social actual*, p. 384.

<sup>25</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «*Presbyterorum Ordinis*» y Vaticano II, p. 629.

matéria, e a razão de se passar a valorizar a santidade da Igreja e a dos sacerdotes<sup>26</sup>.

Até chegar à PO houve um longo e árduo caminho percorrido, desde a inicial intenção disciplinar até um esquema radicalmente doutrinal. Para isto, muito contribuiu a finalização de outros textos conciliares especialmente CD, OT, AG e LG, neste último especialmente o capítulo III. Apenas o número 28 da LG fala do presbítero, o que fez com que estes se sentissem um pouco à margem. Porém, a referência da LG, sobre a constituição hierárquica da Igreja e especialmente o episcopado, projecta a vida do presbítero e a sua relação eclesial. Os fundamentos da LG desenrolam-se na PO<sup>27</sup>. Com este decreto o Concílio Vaticano II doa à Igreja, aquilo que entendemos ser, uma espiritualidade própria do sacerdote partindo do ministério: «Pelos ritos sagrados de cada dia, e por todo o seu ministério exercido em união com o Bispo e os outros sacerdotes, eles mesmos se dispõem à perfeição da própria vida» (PO 12). «Os presbíteros atingirão a santidade pelo exercício do seu ministério, realizado sincera e infatigavelmente no espírito de Cristo» (PO 13). Porém, isto talvez tenha sido melhor acolhido do que colocado em prática<sup>28</sup>. Sentindo que se abandonaria a doutrina anterior, o Concílio fez o referido decreto relativo ao exercício do ministério presbiteral e vida dos presbíteros<sup>29</sup>.

## **2.2. Presbyterorum Ordinis**

A PO apresenta a espiritualidade sacerdotal no seu Capítulo III, sob o título ‘*A Vida dos Presbíteros*’, dividindo-o em três pontos:

I - *A Vocação dos Presbíteros à Perfeição* (12-14), tem como linhas mestras: «instrumentos vivos do sacerdócio eterno de Cristo» (PO 12); «consagrados pela unção do Espírito Santo e enviados por Cristo» (PO 12); «dóceis ao Espírito de Cristo» (PO 12); «a santidade pelo próprio exercício do seu ministério, realizado sincera e infatigavelmente no espírito de Cristo» (PO 13); «incitados pela caridade do Bom Pastor» (PO 13); «ascese própria dos pastores de almas» (PO 13); «unidade de vida» (PO 14); «no próprio exercício

---

<sup>26</sup> Cf. GAMARRA, Saturnino – Espiritualidad. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 255.

<sup>27</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 629.

<sup>28</sup> Cf. GAMARRA, Saturnino – Espiritualidad, p. 256.

<sup>29</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 629-630.

da caridade pastoral o vínculo da perfeição sacerdotal» (PO 14); «encontrarão os presbíteros a unidade da própria existência na unidade da missão da Igreja» (PO 14).

II - *Peculiares Exigências Espirituais na Vida dos Presbíteros*; trata das virtudes concretas do Bom Pastor: humildade, obediência, castidade e pobreza (PO 16-17).

III - *Auxílios para a Vida dos Presbíteros*; apresenta os meios de vida sacerdotal, começando pela vida espiritual (PO 18-21).

Todavia, o decreto PO oferece uma espiritualidade sacerdotal alicerçada na relação de Cristo Sacerdote e Bom Pastor. O sacerdote participa intimamente no Sacerdócio de Cristo (cf. Cap. I) e prolonga-se na sua acção profética, cultural e real (cf. Cap. II)<sup>30</sup>. «A função sacerdotal exerce-se na *comunhão e missão da Igreja*»<sup>31</sup>.

Os primeiros dois capítulos falam do ‘ser’ e do ‘trabalho’ do sacerdote, mas também da espiritualidade sacerdotal na relação com a caridade do Bom Pastor. Nos ministérios realizados ‘em Seu nome’ e ‘em Seu espírito’, numa linha de serviço (cf. PO 1), há uma relação harmoniosa entre ‘congregação e missão’ (cf. PO 2); o ‘consagrar-se totalmente à obra’ apostólica (cf. PO 3), às virtudes humanas e cristãs (cf. PO 3), à espiritualidade e santidade pelo ministério da palavra (cf. PO 4), da Eucaristia e dos sacramentos (cf. PO 5) e no serviço à comunidade eclesial (cf. PO 6). Esta espiritualidade sacerdotal deve concretizar-se em comunhão com o bispo (cf. PO 7), com os demais presbíteros, numa ‘fraternidade sacramental’ do presbítero (cf. PO 8) e com os leigos (cf. PO 9). É também uma espiritualidade expressa na dimensão missionária universal (cf. PO 10-11)<sup>32</sup>.

Juan Esquerda Bifet resume a PO quanto à espiritualidade sacerdotal:

«Atitude e serviço (PO 1, 4-6); Consagração para a missão (PO 2-3); Comunhão da Igreja (PO 7-9); Esperança e alegria pascal (PO 10); Transparência e instrumento vivo de Cristo Sacerdote e Bom Pastor (PO 12); Santidade no exercício do ministério e ‘ascética própria do pastor de almas’ (PO 13-14); Caridade pastoral concretizada em obediência, castidade e pobreza (PO 15-17); Uso dos meios comuns e específicos de santificação e apostolado (PO 18-22)»<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 287.

<sup>31</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 287.

<sup>32</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 287.

<sup>33</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 287-288.

### 2.3. Breve alusão a outros documentos

Os temas da PO devem ser ampliados com conteúdos de outros documentos conciliares. O decreto CD refere o carisma episcopal visando a santificação dos sacerdotes (cf. PO 15-17), a vivência do presbitério enquanto *'família'* (cf. CD 28-32). O decreto OT mostra a espiritualidade no contexto da formação: pastoral, litúrgica e cultural (cf. OT 4ss)<sup>34</sup>.

As Constituições conciliares LG, DV, SC e GS, em relação à PO, colocam-nos perante dimensões muito enriquecedoras. Como resposta a *uma nova época de graça*, a Igreja do Vaticano II está empenhada numa profunda *renovação espiritual*, que aumentará a sua transparência enquanto portadora do evangelho<sup>35</sup>.

É por esta renovação, realizada na «Sua luz [de Cristo], que resplandece no rosto da Igreja» (LG 1), que cada cristão, de acordo com a sua própria vocação, torna-se parte responsável da Igreja segundo os quatro documentos principais do Concílio (LG, DV, SC, GS):

- Sinal transparente e portador de Cristo: *Igreja sacramento ou 'mistério'* (cf. LG I), *'comunhão'* ou povo de irmãos e corpo de Cristo (cf. LG II), Igreja *'missão'* e peregrina na história, início do Reino definitivo, e *'sacramento universal de salvação'* (cf. LG VII).
- Portadora da mensagem evangélica para o Homem concreto e para todos os povos: *Igreja da Palavra* (cf. DV).
- Centrada na morte e ressurreição de Cristo: *Igreja que se faz presente na história humana no mistério pascal* (cf. SC).
- Inserida nas realidades humanas: *Igreja no mundo e na história* (cf. GS)<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 289. Bifet menciona esta mesma ideia no seu livro: ESQUERDA BIFET, Juan – *Teología de la espiritualidad sacerdotal*. 2ª edición corregida y aumentada. Madrid: BAC, 1991 p.391.

<sup>35</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 289.

<sup>36</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 290.

#### 2.4. O sacerdócio na relação episcopal e presbiteral na *Lumen Gentium*

O pensamento sobre o sacerdócio, e mais concretamente sobre o presbítero, foi amadurecendo ao mesmo tempo que a longa elaboração da LG. Apesar de só referir no número 28 a figura do presbítero, a LG oferece os fundamentos essenciais sobre o sacerdócio: a relação com o episcopado, com o restante presbitério, com a comunidade de fiéis e mesmo com os infiéis, visando a unidade da família de Deus. Já os anteriores números (17-27) do capítulo III da LG, expõem o que é o ministério sacerdotal, ainda que se refira ao episcopado, e apesar de haver diferenças há também coincidências entre ambos: «uns e outros são consagrados como verdadeiros sacerdotes do NT para exercer, em grau próprio do seu ministério, a tríplice função; mas os presbíteros não têm o cume do ministério e dependem dos bispos no exercício do seu poder»<sup>37</sup>. Todos são chamados a ter como horizonte a missão que Cristo deixou aos Apóstolos<sup>38</sup>. A LG 28 tem como base a tradição da Igreja e esbarra um pouco com a concepção escolástica acerca da relação bispo – presbítero. Esta vai aos fundamentos bíblicos, mesmo sem o NT referir directamente a distinção entre uns e outros, e passa ao de leve pela referência do AT, como é o exemplo dos 70 ‘presbíteros’ que ajudavam Moisés (cf. Nm 11,16; 17,24) referidos depois na PO 7<sup>39</sup>. Isto mesmo está implícito no n. 21 da LG sobre a autêntica veia da tradição: «principalmente o argumento litúrgico, bem testemunhado pelos textos e ritos de ordenação, desde a TA [*Tradição Apostólica*] de Hipólito até hoje»<sup>40</sup>.

Estes testemunhos mostram a ‘superioridade’ do bispo em relação ao presbítero. Já o Concílio de Trento definiu, como refere López Martínez, que o poder de confirmar e ordenar pertencia só ao bispo; contudo, não explicara tal poder; a LG 28 dá duas razões: (a) o ‘cume do pontificado’ é exclusivo dos bispos de quem (b) os presbíteros dependem no exercício do seu poder<sup>41</sup>.

---

<sup>37</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 630.

<sup>38</sup> Cf. GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2008, p. 54.

<sup>39</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 630.

<sup>40</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 630.

<sup>41</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 631.

A ‘honra do sacerdócio’ é igual, embora o exercício do poder sacerdotal do presbítero esteja subordinado ao do bispo. O presbítero não é governante como o bispo; mas é verdadeiramente sacerdote e, portanto:

«O sacerdócio parece que é considerado aqui na sua clássica ordenação primordial ao sacrifício eucarístico. No entanto, o presbítero participa no sacerdócio de Cristo Cabeça não de forma incompleta, mas em subordinação do seu ministério ao seu bispo, como ‘ providente cooperador’ do mesmo e no mesmo ministério da tríplice função. Ambos actuam ‘na pessoa de Cristo’ (cf. DS 3850)»<sup>42</sup>.

Falando dos «presbíteros, como esclarecidos cooperadores da ordem episcopal e a sua ajuda e instrumento, chamados para o serviço do Povo de Deus, constituem com o seu Bispo um presbitério com diversas funções» (LG 28). A união entre o bispo e presbítero, mais do que jurídica, é espiritual, recuperando a vivência das primeiras comunidades. Assim, compreende-se que o presbítero represente o bispo perante os fiéis que lhe foram confiados<sup>43</sup>. «Esta fecunda realidade de presbitério fundamenta entre os presbíteros e seu bispo relações próprias de filhos com o pai, que, como Cristo aos seus discípulos, deve considerá-los como filhos e amigos»<sup>44</sup>.

A relação entre o presbitério deve ser sinal de unidade e fraternidade. Devem ajudar-se mutuamente no plano material, espiritual e pastoral. Em relação aos leigos, o presbítero deve ser como pai e como bom pastor, para realizar uma pastoral de paternidade como refere a LG 2<sup>45</sup>. A administração dos sacramentos e a sua conduta devem ser exemplos perfeitos a partir dos quais haja um testemunho da verdade em Cristo, até constituir a família de Deus<sup>46</sup>. Isto mesmo é referido na LG quando diz:

«Dado que o género humano caminha hoje cada vez mais para a unidade política, económica e social, tanto mais necessário é que os sacerdotes em conjunto, e sob a direcção dos Bispos e do Sumo Pontífice, evitem todo o motivo de divisão, para que toda a humanidade seja conduzida à unidade da família de Deus» (LG 28).

---

<sup>42</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 631.

<sup>43</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 631; ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 291.

<sup>44</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 631.

<sup>45</sup> Sobre isto mesmo voltaremos a tratar mais à frente quando falarmos da proximidade ao homem com a caridade do Bom Pastor.

<sup>46</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 631.

### 3. A ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL NOS DOCUMENTOS CONCILIARES

«A história da teologia demonstra que toda a teologia autenticamente cristã se nutre sempre de uma vivência espiritual. Sem espiritualidade não há teologia»<sup>47</sup>. Ao iniciarmos assim este ponto, a frase de Saturnino Gamarra é ainda mais elucidativa quando diz que «é impensável que um sacerdote de hoje – na sua dimensão pessoal e ministerial – não viva com espiritualidade e que não sirva a espiritualidade»<sup>48</sup>. Como verificamos no primeiro ponto, quanto à ‘*espiritualidade*’ ou ‘*santidade*’ sacerdotal, podemos encontrá-la junto à *santidade Cristã* (cf. LG 39-42). Todos os membros do Povo de Deus fazem parte desta sacramentalidade que está unida a Cristo (cf. LG I-II)<sup>49</sup>.

«Cada cristão vive a sua espiritualidade segundo a própria vocação»<sup>50</sup>, ligada à caridade e à imitação de Cristo. É muito importante a ligação a Cristo para compreender a origem e natureza do sacerdócio. É a partir do envio e missão dos Apóstolos que se compreende a participação dos presbíteros, isto é, como participantes do Único Sacerdócio de Cristo Cabeça, Sacerdote, Profeta e Rei (cf. LG 17. 21. 28; PO 2-3. 5-6). Importantíssima é também a ligação que se faz do sacerdócio ministerial com toda a Igreja, correspondente à igualdade dos batizados (cf. LG 23). Não pela hierarquia, mas como Povo de Deus que, no sacerdócio comum dos fiéis, tem ao seu serviço o sacerdócio ministerial. Não se trata de uma mera função, mas de ser sacramento de Cristo, Cabeça da Igreja. Daí o Concílio referir que entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial a diferença não é só em grau, mas em essência (cf. LG 10)<sup>51</sup>. A espiritualidade sacerdotal está relacionada com os ministérios (serviços) e tem como finalidade a vivência da caridade pastoral<sup>52</sup>. Como diz Saturnino Gamarra: «Não há identidade do presbítero

---

<sup>47</sup> CODINA, Víctor – De la ascética y mística a la vida según el Espíritu de Jesús, p. 273.

<sup>48</sup> GAMARRA, Saturnino – Espiritualidad, p. 255.

<sup>49</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 286; CODINA, Víctor – De la ascética y mística a la vida según el Espíritu de Jesús, p. 275.

<sup>50</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 286.

<sup>51</sup> Cf. GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 54; CURA ELENA, Santiago del – Identidad del sacerdocio ministerial: la relacionalidad como clave de comprensión. In PELLITERO, Ramiro, dir. – *La misión del sacerdote en la Iglesia*. Pamplona: EUNSA, 2011, p. 42-43. Saturnino Gamarra volta a mencionar esta mesma ideia no seu livro *Manual de Espiritualidad Sacerdotal* nas p. 209-210.

<sup>52</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 286.

sem o ministério e, conseqüentemente, tão pouco haverá espiritualidade presbiteral sem ele [ministério]»<sup>53</sup>. No que se refere à caridade, Bifet escreve:

«Esta caridade pratica-se “com o exercício do seu dever quotidiano” (LG 41), como fizeram os santos sacerdotes do passado. Efectivamente, por meio da vida e ministério sacerdotal, se chega a “uma santidade mais alta, alimentando e afervorando a sua acção com a abundância da contemplação” (LG 41)»<sup>54</sup>.

Podemos dizer que o Vaticano II traz uma nova concepção sobre a espiritualidade sacerdotal, principalmente na LG e na PO<sup>55</sup>.

Tratemos agora, a partir de alguns sob pontos, o que se consigna mais à espiritualidade sacerdotal no Concílio Vaticano II<sup>56</sup>.

### **3.1. Identidade sacerdotal como prolongamento de Cristo e participação na sua consagração e missão**

A missão e identidade do presbítero são temas que merecem atenção. «A santidade do sacerdote exigiu clarificar a sua identidade»<sup>57</sup>. Por isso, a PO intitula o seu primeiro capítulo: ‘O presbiterado na missão da Igreja’. A este respeito diz Santiago del Cura Elena:

«Nem a natureza da Igreja pode entender-se à margem da sua missão nem a missão que lhe é própria pode deixar-se ao lado quando se intenta compreender a identidade do sacerdócio ministerial. [...] Quer dizer, a missão e a identidade do sacerdócio ministerial reflecte-se na sua condição do serviço eclesial ao sacerdócio comum de todos os baptizados»<sup>58</sup>.

Como todos os cristãos, os presbíteros estão chamados à salvação (cf. Mt 5,48). «Pelo sacramento da Ordem, os presbíteros são configurados com Cristo sacerdote, como ministros da cabeça, para a construção e edificação do seu corpo, que é a Igreja, enquanto cooperadores da Ordem episcopal» (PO 12). Este é o fundamento da vida peculiar dos

---

<sup>53</sup> GAMARRA, Saturnino – La espiritualidad presbiteral y el ejercicio ministerial según el Vaticano II. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 463.

<sup>54</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 286.

<sup>55</sup> Cf. OÑATIBIA AUDELA, Ignacio – La espiritualidad en su evolución histórica. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 55.

<sup>56</sup> Esta sob divisão foi realizada a partir do esquema apresentado por Bifet no seu livro - *Teología de la Espiritualidad Sacerdotal*, aquando da abordagem aos documentos do Concílio Vaticano II sobre esta temática (Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – *Teología de la espiritualidad sacerdotal*, p. 393).

<sup>57</sup> GAMARRA, Saturnino – La espiritualidad presbiteral y el ejercicio ministerial según el Vaticano II, p. 482.

<sup>58</sup> CURA ELENA, Santiago del – Identidad del sacerdocio ministerial, p. 40-41.

presbíteros: actuar tal como são, «fazendo todo o sacerdote, a seu modo, as vezes da própria pessoa de Cristo» (PO 12) de quem é instrumento. Esta forma de agir foi obtida na ordenação com uma «graça especial» (PO 12) que, mediante o seu ministério, leva a uma vida orientada para a perfeição. Isto «muito concorre para o desempenho frutuoso do seu ministério» (PO 12)<sup>59</sup>. Assim, a noção conciliar sobre a espiritualidade do sacerdote origina uma *renovação evangélica* pronta para confrontar *novas situações de evangelização*. Daí a dimensão missionária do chamamento à santidade sacerdotal da ‘*Presbyterorum Ordinis*’, como podemos verificar a partir de um dos pontos do mesmo decreto tal como é indicado por Juan Esquerda Bifet:

«Para atingir os seus fins pastorais de renovação interna da Igreja, difusão do Evangelho em todo o mundo e diálogo com os homens do nosso tempo, exorta veementemente todos os sacerdotes a que, empregando todos os meios recomendados pela Igreja, se esforcem por atingir cada vez maior santidade, pela qual se tornem instrumentos mais aptos para o serviço de todo o Povo de Deus» (PO 12)<sup>60</sup>.

Leva ainda a ser transparência e «instrumentos vivos do sacerdócio eterno de Cristo» (PO 12), sinal claro e portador de Cristo. A relação pessoal com Ele na configuração, imitação e amizade profunda que transformam o Apóstolo em testemunha: «Nós somos testemunhas» (Act 2,32)<sup>61</sup>, é um chamamento semelhante ao que é feito a todo o Povo de Deus, como nos indica, Bifet quando refere o seguinte texto do decreto AG:

«Dado que a Igreja é toda ela missionária, e a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus, o sagrado Concílio exorta todos a uma profunda renovação interior, para que tomem viva consciência das próprias responsabilidades na difusão do Evangelho e assumam a parte que lhes compete na obra missionária junto dos gentios (AG 35; cf. LG 1. 8; SC 1)»<sup>62</sup>.

Assim se percebe como foi importante a LG ter sido aprovada antes da PO; levou ao seu desenvolvimento, tendo presente o que foi dito na LG 28, permitindo dar respostas à ‘crise de identidade’, além de referir qual a missão dos presbíteros no mundo actual. Um outro ponto foi a unidade entre ministério e a vida do presbítero<sup>63</sup>. «No presbítero, como em Cristo, “a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo” (Jo 10,36), a consagração é para a

---

<sup>59</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p.636.

<sup>60</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 290.

<sup>61</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 288.

<sup>62</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 291.

<sup>63</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 631; ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 285.

missão e que esta esteja condicionada por aquela»<sup>64</sup>. Os padres conciliares foram além da finalidade clássica do presbítero (administrar os sacramentos, em especial a Eucaristia), e bebendo em São Paulo, referem que o ministro tem a missão de «ser para os gentios um ministro de Cristo Jesus, que administra o Evangelho de Deus como um sacerdote, a fim de que a oferenda dos gentios, santificada pelo Espírito Santo, lhe seja agradável» (Rm 15,16). Aqui está o âmago da PO<sup>65</sup>. Pode fazer-se um paralelo com a LG 21 que refere a tríplice função do bispo, a que o presbítero deve estar intimamente unido, permitindo afirmar «que toda a actividade ministerial está vinculada à Eucaristia e a ela se ordena (cf. PO 5)»<sup>66</sup>.

Para sintetizar recorreremos às palavras de Bifet que diz:

«Se o sacerdote é, pois, “instrumento vivo de Cristo Sacerdote” (PO 12), é, por ele mesmo, “o máximo testemunho do amor” (PO 11). É na linha bíblica de proximidade e epifania de Deus, cujo ponto culminante é Cristo (cf. Jo 3,16), de quem o sacerdote ministro é “sinal” e “aroma” (cf. 2Cor 2,15), “glória” ou expressão (cf. Jo 17, 10)»<sup>67</sup>.

### 3.2. Atitude de serviço

Citamos de novo Saturnino Gamarra: «O presbítero, por ser ministro ordenado, foi assumido por Jesus Cristo para O servi, em ligação estreita e consequentemente com o Seu ministério de Profeta, Sacerdote e Rei ou Pastor para a edificação da Igreja na tríplice perspectiva fundamental da palavra, no culto e na comunhão pela caridade»<sup>68</sup>. Também Juan Esquerda Bifet escreve: «O serviço sacerdotal é para construir a comunidade no amor»<sup>69</sup>. É servir «Cristo mestre, sacerdote e rei» (PO 1), trabalhar em seu nome como Cabeça da comunidade (cf. PO 2), não visando privilégios ou vantagens humanas, mas ser o sinal da doação sacrificial ou ‘humilhação’ (kenosis) de Cristo (cf. Fl 2,7). Compreendemos, assim, que «a harmonia entre a dimensão teocêntrica do presbiterado (identificação com a vontade de Deus) e a antropocêntrica (serviço ministerial aos outros), à volta das quais se desenvolve toda a PO desde o n.2, determina algumas exigências

<sup>64</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 632.

<sup>65</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 632.

<sup>66</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 632; cf. GAMARRA, Saturnino – La espiritualidad presbiteral y el ejercicio ministerial según el Vaticano II, p. 482.

<sup>67</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – *Teología de la espiritualidad sacerdotal*, p. 392.

<sup>68</sup> GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 210.

<sup>69</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 288.

espirituais na vida do presbítero»<sup>70</sup>. A consagração sacerdotal é participação na consagração de Cristo (cf. PO 2), na adesão total à *missão* recebida do Pai (cf. Lc 4,18; Jo 20,21) que se cumpre pela ordenação. «Os presbíteros [...], em virtude da vocação e ordenação, de algum modo são segregados dentro do Povo de Deus, não para serem separados dele ou de qualquer homem, mas para se consagrarem totalmente à obra para que Deus os chama» (PO 3)<sup>71</sup>. A espiritualidade sacerdotal, concretizada pelo exercício do ministério (cf. PO 12-14), requer disponibilidade missionária, generosa e vivencial, respeitando os mistérios proféticos, litúrgicos e a arte de conduzir (cf. PO 4-6)<sup>72</sup>. Saliente-se o facto de o ministro dever estar ao serviço da Palavra de Deus, exercendo tal ministério com Deus e para Deus. Pela Palavra, desperta-se a fé, alimenta-se e reúne-se o Povo de Deus, descobre-se a sua presença nos sinais sacramentais. Este ministério necessita da quem escute, mas também de quem anuncie; o presbítero deve fazê-lo pelo «testemunho de vida, na variedade da catequese e, em geral, na adaptação da verdade do Evangelho às circunstâncias concretas»<sup>73</sup>, através de uma *atitude relacional* com Cristo (cf. PO 14. 18), enviado para prolongar a sua acção evangelizadora, sem fronteiras, visto que se participa da mesma missão, como podemos verificar no texto da PO indicado por Bifet:

«O dom espiritual, recebido pelos presbíteros na ordenação, não os prepara para uma missão limitada e determinada, mas sim para a missão imensa e universal da salvação, “até aos confins da terra” (Act 1,8); de facto, todo o ministério sacerdotal participa da amplitude universal da missão confiada por Cristo aos Apóstolos» (PO 10; AG 38-39)<sup>74</sup>.

De entre os muitos exemplos relativos a esta repercussão que melhorou o exercício do ministério, salienta-se a reforma litúrgica. Mais que trazer em si a fórmula que levou a uma maior participação dos fiéis, acarreta uma maior exigência para quem preside, o que fez com que houvesse uma melhor formação. Levando a que os presbíteros estabelecessem uma nova relação com os membros celebrantes, fez com que houvesse uma distribuição de

---

<sup>70</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 636.

<sup>71</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 288.

<sup>72</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 291; GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 210.

<sup>73</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p.634.

<sup>74</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 291.

tarefas ministeriais, com que passasse a haver catequeses e formações para as acções litúrgicas, bem como, uma programação conjunta para a sua realização<sup>75</sup>.

### **3.3. Proximidade ao Homem com a caridade do Bom Pastor**

Esta proximidade realiza-se no exercício da função litúrgica, ou do culto que os presbíteros desempenham e que culmina na Eucaristia, «fonte e coroa de toda a evangelização» (PO 5). Sendo homens da liturgia, compete-lhes estimular os fiéis à oração, continuar a acção de graças eucarística, rezar o Ofício Divino, realizado em nome da Igreja em favor de todos os povos; a PO fala igualmente (e em ligação à SC 122-127) da dignificação dos espaços litúrgicos e da necessidade de cultivarem a ciência e a arte litúrgica (cf. PO 5). Sendo guias do Povo de Deus (cf. PO 6), os presbíteros desempenham o seu poder espiritual na edificação da Igreja, congregando e encaminhando os fiéis a «conseguir a maturidade cristã» (PO 6). Estar ao serviço dos mais necessitados para uma «genuína comunidade cristã» (PO 6) de caris missionário. Nunca estão ao serviço de uma facção ou ideologia, mas devem actuar como «anunciadores do Evangelho e pastores da Igreja» (PO 6)<sup>76</sup>.

A relação com os leigos deve primar pelo poder e serviço recebidos pelo presbítero (cf. PO 9). Deve ser uma relação paternal e fraternal, fundada no baptismo. Nicolás López Martínez refere:

«Há que reconhecer e promover a dignidade, autonomia, liberdade e diversidade de carismas dos leigos, conduzi-los à unidade do amor, impulsioná-los a que promovam o bem comum e sejam testemunhas da verdade; envolver-se, como bom pastor, à distância. Pede-se aos leigos que amem os seus presbíteros com especial carinho como seus pastores e pais e que os ajudem ‘pela oração e pelo trabalho’ a superar as suas dificuldades e a cumprir frutuamente as suas obrigações (cf. PO 9)»<sup>77</sup>.

Sendo *Cristo Cabeça e Pastor*, estes são como sinais e instrumentos próprios na vida do sacerdote. Esta necessidade de obediência a Cristo leva a uma união íntima e pessoal com Ele nas mais variadas situações da vida, tornando-o assim imitador da caridade do Bom Pastor, oferecendo-se totalmente (cf. PO 12, 13, 14, 16, 18; AG 39). Para

---

<sup>75</sup> Cf. MARTIN VELASCO, Juan – La espiritualidad del presbítero diocesano en la coyuntura histórico-social actual, p. 384.

<sup>76</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 634.

<sup>77</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 635.

definir o que é essencial para a espiritualidade sacerdotal é primordial que se tenha isto presente. Uma nova postura faz com que seja necessária uma atitude de disponibilidade ao serviço da comunhão eclesial<sup>78</sup>.

### **3.4. Espiritualidade no exercício do ministério**

O sentido de *comunhão eclesial* é parte substancial da espiritualidade do sacerdote. «O ministério sacerdotal, porém, sendo ministério da própria Igreja, só em comunhão hierárquica com todo o corpo se pode desempenhar» (PO 15). Na prática, isso traduz-se numa união afectiva e efectiva com o próprio bispo (cf. PO 7), com os demais sacerdotes do Presbitério (cf. PO 8) e com a comunidade eclesial, a qual serve (cf. PO 9)<sup>79</sup>.

A espiritualidade e santidade sacerdotais acontecem «pelo próprio exercício do seu ministério, realizado sincera e infatigavelmente no espírito de Cristo» (PO 13). Esta é a ascese peculiar de quem desempenha um ofício pastoral: «ascese própria dos pastores de almas» (PO 13). Salva a distinção entre momentos (oração, acção, estudo, convivência, descanso, etc.), a ‘unidade de vida’ deve manter-se sem antagonismo (cf. PO 14). Em Cristo encontram-se os diversos sinais da Igreja e do irmão<sup>80</sup>. López Martínez, num artigo sobre a *Prebyterorum Ordinis*, refere a relação que existe entre a santidade e a realização da tríplice função (cf. PO 13). Com tantas acções surge a questão sobre a «unidade de vida dos presbíteros em Cristo» (PO 14), que só é possível pela imitação de Cristo, Ele que cumpriu a vontade do Pai (cf. Jo 4,34). Mas «a fidelidade para com Cristo não se pode separar da fidelidade para com a Igreja» (PO 14); desta forma «encontrarão os presbíteros a unidade da própria existência na unidade da missão da Igreja» (PO 14), e pela cooperação «trabalham sempre em união com os Bispos e com os outros irmãos no sacerdócio» (PO 14)<sup>81</sup>.

---

<sup>78</sup> Cf. OÑATIBIA AUDELA, Ignacio – La espiritualidad en su evolución histórica, p. 55; GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 64.

<sup>79</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 288; OÑATIBIA AUDELA, Ignacio – La espiritualidad en su evolución histórica, p. 56.

<sup>80</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 288.

<sup>81</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 636.

A Igreja é ‘*comunhão*’ de irmãos, membros do mesmo Povo e do mesmo Corpo de Cristo. O sacerdote forma parte da Igreja-comunhão, como membro do presbitério, cuja cabeça é o bispo, ao serviço da comunidade eclesial (cf. PO 7-9; CD 28; LG 28)<sup>82</sup>.

Nicolás López Martínez, refere que a PO 18 aponta para a índole espiritual, intelectual e material que a Igreja agora recomenda ou reorienta; aponta ainda que os presbíteros vivam de forma a que se unam a Cristo, seja qual for a circunstância. O proposto para a vida espiritual está relacionado com a deontologia sacerdotal, apresentada por ordem de importância (sacramental e devocional), em função do ministério do presbítero (cf. PO 18)<sup>83</sup>. Não se faz a separação entre ministério e vida pessoal. Sem colocar de parte outros meios de santificação recomendados (cf. PO 18), o principal é mesmo o seu ministério, juntamente com a multiplicidade de actividades (a celebração eucarística como fonte e coroa) que encaminham e fazem com que ele realize o dom recebido na ordenação (cf. PO 12-13)<sup>84</sup>. O Concílio salienta que a santidade, por parte do presbítero, não se adquire só a partir da castidade. Houve uma grande preocupação sobre a santidade do presbítero e a sua relação com o ministério. Mesmo virados para uma vertente mais pastoral, os textos (cf. PO 12-13) levam os sacerdotes a uma maior consciência dos objectivos pastorais, sentindo a urgência da sua missão na Igreja de ‘hoje’<sup>85</sup>.

### **3.5. Fraternidade sacerdotal no presbitério diocesano**

Quanto às relações entre os presbíteros, o decreto sobre o seu ministério contém o esquema e motivações doutrinárias usado pela LG 28; porém, há denominações, esclarecimentos e indicações disciplinares. A relação com o bispo (cf. PO 7) alicerça-se no «mesmo e único sacerdócio e ministério de Cristo que a unidade de consagração e missão requer a sua comunhão hierárquica com a Ordem episcopal» (PO 7), expressa na concelebração da Eucaristia presidida pelo bispo que deve ter os presbíteros como

---

<sup>82</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 293.

<sup>83</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 637.

<sup>84</sup> Cf. OÑATIBIA AUDELA, Ignacio – La espiritualidad en su evolución histórica, p. 56; GAMARRA, Saturnino – La espiritualidad presbiteral y el ejercicio ministerial según el Vaticano II, p. 464. Saturnino Gamarra menciona esta mesma ideia no seu livro *Manual de Espiritualidad Sacerdotal* nas p. 244-245.

<sup>85</sup> Cf. GAMARRA, Saturnino – La espiritualidad presbiteral y el ejercicio ministerial según el Vaticano II, p. 480-481.

‘cooperadores e conselheiros necessários ao exercício da tríplice função e considerá-los como irmãos e amigos’ (cf. PO 7). O bispo deve preocupar-se com o bem espiritual e material, a santificação e formação e o diálogo para uma boa relação e governação da diocese. Aos presbíteros pede-se reverência e autoridade que advêm de Cristo, a caridade e obediência, para realizar as funções a que cada um é chamado, sob orientação do bispo<sup>86</sup>.

O Concílio foi muito preciso, apontando uma novidade a respeito do aprofundamento doutrinal e das expressões verbais. A LG apresenta esta fraternidade, não só como meio para viver a santidade sacerdotal e a disponibilidade missionária, mas também como exigência *dos carismas sacerdotais*, como refere o seguinte texto da LG para o qual Esquerda Bifet remete:

«Em virtude da comum sagrada ordenação e missão, todos os presbíteros estão entre si ligados em íntima fraternidade, que espontânea e livremente se deve manifestar no auxílio mútuo, tanto espiritual como material, pastoral ou pessoal, em reuniões e na comunhão de vida, de trabalho e de caridade» (LG 28)<sup>87</sup>.

Todos conhecem a expressão da PO sobre a vida fraterna no presbitério, que qualifica de *‘fraternidades sacramentais’* (cf. PO 8)<sup>88</sup>; todos formam um só. Diz Martínez:

«Estão unidos com seus irmãos pelo vínculo da caridade, da oração e na abrangente cooperação; a qual implica esforço para superar as barreiras geracionais, prestar especial atenção aos enfermos e aos que estão sós, fomentar formas de convivência, criar associações sacerdotais para estimular à santidade e à ajuda fraternal, atender cuidadosamente os que estão em dificuldades (cf. PO 8)»<sup>89</sup>.

À luz da LG 28, a palavra *‘sacramental’* indica a relação com o sacramento da Ordem. Mas no contexto global da constituição conciliar não se deixa de indicar o aspecto da *‘sacramentalidade’* da Igreja (cf. LG 1). A fraternidade sacerdotal é um *‘sinal eficaz da santificação e da evangelização’*, de acordo com a oração sacerdotal do Senhor, em São João (cf. Jo 17,23) e segundo as expressões usadas já pelo magistério pós-conciliar<sup>90</sup>.

---

<sup>86</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 634; GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 65.

<sup>87</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – *La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II*, p. 293.

<sup>88</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – *La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II*, p. 293.

<sup>89</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 635.

<sup>90</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – *La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II*, p. 293.

### 3.6. Virtudes do Bom Pastor a partir da caridade pastoral

A *caridade pastoral* realiza-se nas virtudes e gestos da vida do Bom Pastor: obediência, castidade, pobreza (cf. PO 15-17). Quem é um símbolo da palavra, da acção sacrificial e do pastoreio de Cristo, também o é do Seu modo de amar e dar a própria vida<sup>91</sup>.

«A santidade sacerdotal enraíza na espiritualidade cristã»<sup>92</sup>. As *virtudes humano-cristãs* passam a ser *sacerdotais* ao exprimir-se através da caridade pastoral. Desta raiz humana, cristã e sacerdotal, brotam aplicações concretas para a formação e vida sacerdotal. Compreende-se, isto mesmo, a partir da passagem da PO que Bifet cita:

«Não poderiam ser ministros de Cristo se não fossem testemunhas e dispensadores duma vida diferente da terrena, e nem poderiam servir os homens se permanecessem alheios à sua vida e às suas situações [...] muito importam as virtudes que justamente se apreciam no convívio humano, como são a bondade, a sinceridade, a fortaleza de alma e a constância, o cuidado assíduo da justiça, a delicadeza, e outras» (PO 3. cf. OT 11. 19)<sup>93</sup>.

A caridade pastoral materializa-se através de um serviço como o de Cristo que: «passou fazendo o bem» (Act 10,30). O sacerdote faz-se transparência de Cristo como refere São Paulo: Sede mais imitadores, como eu o sou de Cristo (cf. 1Cor 4,16)<sup>94</sup>.

Esta espiritualidade, de *linha missionária*, conjuga-se com outra de *seguimento evangélico*. As virtudes do Bom Pastor (a humildade, a obediência, a castidade e a pobreza (cf. PO 15-17)) são «sinal e estímulo da caridade pastoral» (PO 16) e deverão ser redimensionadas, quanto ao seu papel evangelizador, por serem «virtudes que sobretudo se requerem no ministério dos presbíteros» (PO 15)<sup>95</sup>. Sobressaem entre as virtudes, a *humildade e a obediência* «responsável e voluntária» (PO 15), meios imprescindíveis para imitar Cristo.

O *celibato* que deve ser tido como graça «e fonte singular de fecundidade espiritual no mundo, [...] tão harmónico com o sacerdócio» (PO 16), sendo já antecipação dos tempos futuros. O tema do celibato será tratado no Sínodo de 1971. No entanto, a PO optou por manter a disciplina existente, encorajando os presbíteros a implorarem, com

<sup>91</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 289.

<sup>92</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 289.

<sup>93</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 289.

<sup>94</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 289.

<sup>95</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 291.

humildade e perseverança, «a graça da fidelidade, que nunca é negada aos que a suplicam» (PO 16), bem como, a servir-se dos meios garantidos pela experiência da Igreja.

Por último, a referência à *pobreza* a praticar pelos presbíteros, tendo presente o mundo e os bens terrenos. Devem aprender a «cultivar os valores humanos e a estimar os bens criados como dons de Deus» (PO 17) que são utilizados, decorridos da missão da Igreja. Para administrar os bens eclesiásticos podem ter a ajuda de alguns leigos qualificados, para ficar ao serviço da ornamentação do culto, ao sustento do clero e das obras do apostolado ou da caridade. Se o presbítero adquirir bens no exercício dos seus cargos, estes devem servir para uma sustentação modesta e para o cumprimento dos deveres para com o Estado; o restante deve ser para a Igreja ou para o exercício de obras de caridade e não para aumentar a riqueza familiar. Não lhe é permitido ter nenhum negócio, porque deve, abraçar a pobreza voluntariamente para melhor poder configurar-se a Cristo. A sua casa deve ser um lugar aberto a todos sem excepção e nela não deve haver vaidade (cf. PO 17)<sup>96</sup>.

Há uma estreita relação entre o *seguimento evangélico* dos Apóstolos e a sua *acção evangelizadora*; este é um dado bíblico claro: ‘chamou-os para estar com Ele e para enviá-los a pregar’ (cf. Mc 3,13-14). Uma das causas da *dicotomia* entre a espiritualidade e a acção apostólica do sacerdote foi a apresentação do seu estilo de vida, quase só como agente de um carisma profético, cultural e arte de conduzir, esquecendo a conexão com o *testemunho do seguimento evangélico*, como parte integrante da mesma evangelização<sup>97</sup>.

A PO relacionou as virtudes do Bom Pastor (que são a base do seguimento evangélico) e, de forma especial, a caridade pastoral do sacerdote com o exercício do ministério<sup>98</sup>. Esquerda Bifet sintetiza desta forma:

«Exercer os ministérios “no espírito de Cristo” (PO 13) equivale a vivê-los em *sintonia com a caridade do Bom Pastor*:

- No mistério da *Palavra*: pregar a mensagem, tal como é, por inteiro, a todos os homens, ao homem na sua situação concreta, sem buscar-se a si mesmo.
- Na *celebração da eucaristia*: viver a realidade de ser sinal de Cristo enquanto Sacerdote e Vítima pela redenção de todos.

---

<sup>96</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 636-637.

<sup>97</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 291-292.

<sup>98</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 292.

- No ministério dos *sinais sacramentais*: celebrá-los em sintonia com a presença activa e salvífica de Cristo, que se faz encontrar com os crentes n'Ele.
- Em toda a *acção apostólica*: fazendo-se realidade na própria vida, a sede e o zelo pastoral em Cristo.

A santidade ou perfeição cristã consiste na caridade (cf. LG V). A santidade ou perfeição sacerdotal consistem na caridade pastoral»<sup>99</sup>.

Os sacerdotes, «fazendo as vezes do Bom Pastor, encontrarão no próprio exercício da caridade pastoral o vínculo da perfeição sacerdotal, que conduz à unidade de vida e acção» (PO 14). A sua espiritualidade ou 'ascese' corresponde ao «pastor de almas» (PO 13)<sup>100</sup>.

A *caridade do Bom Pastor* é referência de toda a espiritualidade sacerdotal (cf. LG 41). Nela se reflecte a glória de Deus (linha vertical ou ascendente) e os problemas dos homens (linha horizontal). O equilíbrio de ambas encontra-se na missão e no dar a vida (linha missionária). Para o sacerdote ministro, esta caridade é um dom de Deus (linha descendente) que se faz '*unidade de vida*' pessoal e ministerial, à luz da missão recebida. Mais uma vez, Bifet indica um trecho do PO, para clarificar o que foi dito:

«Esta unidade de vida não pode ser construída com a mera ordenação externa do seu ministério nem apenas com a prática dos exercícios de piedade, por mais que isto concorra para ela. Mas poderão os presbíteros construí-la, seguindo, na prática do ministério, o exemplo de Cristo Nosso Senhor, cujo alimento era fazer a vontade d'Aquele que O enviou para realizar a sua obra» (PO 14)<sup>101</sup>.

A disponibilidade missionária e o seguimento evangélico são, assim, elementos básicos da espiritualidade sacerdotal como *expressão da caridade pastoral*. Há, um terceiro factor indispensável: a *fraternidade sacerdotal*, especialmente no presbitério (cf. PO 8; LG 28; CD 28). Na história da Igreja, os períodos de renovação sacerdotal e evangelizadora caracterizaram-se pela prática destes três elementos, chamados '*vida apostólica*', vida ministerial à imitação do Apóstolos. A disponibilidade missionária e o seguimento evangélico não seriam possíveis sem a prática da fraternidade sacerdotal<sup>102</sup>.

<sup>99</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 292.

<sup>100</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 292; OÑATIBIA AUDELA, Ignacio – La espiritualidad en su evolución histórica, p. 56.

<sup>101</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 292.

<sup>102</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 292-293.

A Igreja é ‘*mistério*’, enquanto sinal transparente e portador de Cristo Ressuscitado. O sacerdote forma parte da Igreja mistério como *sinal do Bom Pastor* (cf. PO 13), para prolongar a Sua palavra, a Sua acção salvífica e pastoral (cf. PO 4-6)<sup>103</sup>.

### 3.7. Serviço à Igreja particular e universal

Os sacerdotes devem ter presente a acção e relação Igreja – Mundo. O presbítero está chamado a esta realidade e relação pessoal com o mundo. O Concílio refere que os presbíteros do Novo Testamento são segregados, mas não separados, isto é, ‘estar no mundo sem ser do mundo’ (cf. Jo 17,15-16). «Não poderiam ser ministros de Cristo se não fossem testemunhas e dispensadores duma vida diferente da terrena, e nem poderiam servir os homens se permanecessem alheios à sua vida e às suas situações» (PO 3). Estamos perante um difícil equilíbrio que harmonize o que há de válido para o sacerdote de hoje em relação com a tradição do ‘*fuga mundi*’ e as advertências contra a mundanização, bem como, a estima positiva das realidades terrenas e o necessário diálogo com o mundo<sup>104</sup>.

A presença dos presbíteros no mundo esteve bem presente na reflexão do Concílio. A GS apresenta isto mesmo, entendendo que a sua postura deve ser de uma fidelidade de quem é consagrado e enviado e, sendo-o, é enviado consagrado (cf. PO 3)<sup>105</sup>. Assim esta acção no mundo advém da passagem da mera orientação do culto para a apostolicidade, como algo específico do que é ser presbítero. A sua espiritualidade está centrada na acção, na caridade apostólica e no compromisso com as necessidades pastorais, numa sociedade submetida a mudanças profundas. Isto mostra a importância dos documentos do Concílio para uma renovação da consciência, acção e vida dos presbíteros, mesmo que tal tivesse levado a uma crise<sup>106</sup>. A secularidade na espiritualidade do presbítero está muito presente; não se pode prescindir da sua identidade (cf. PO 3)<sup>107</sup>.

As raízes ‘apostólicas’ do ministério presbiteral estão relacionadas com a missão deixada pelos Apóstolos, o que leva os presbíteros «a organizar a sua vida segundo o

<sup>103</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 293.

<sup>104</sup> Cf. OÑATIBIA AUDELA, Ignacio – La espiritualidad en su evolución histórica, p. 56.

<sup>105</sup> Cf. GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 55.

<sup>106</sup> Cf. MARTIN VELASCO, Juan – La espiritualidad del presbítero diocesano en la coyuntura histórico-social actual, p. 384.

<sup>107</sup> Cf. GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 66.

modelo “apostólico” e a fomentar na sua vida ministerial e pessoal o espírito missionário e espírito de universalidade, sem circunscreverem -se às suas funções do culto (cf. PO 4-6) nem às fronteiras da sua Igreja local»<sup>108</sup>. Tendo presente a missão apostólica universal dos presbíteros, a PO menciona a preocupação do próprio Concílio quanto à distribuição dos mesmos. Esta necessidade e preocupação levaram a uma revisão nos processos de incardinação, à possível necessidade de criação de seminários inter-nacionais, inter-diocesanos ou até mesmo prelaturas pessoais; sendo enviados para outro país tenham-se presente as dificuldades físicas e espirituais<sup>109</sup>.

A disponibilidade para a *missão universal* é uma exigência do dom recebido na ordenação, como participação na missão universal de Cristo (cf. PO 10). É ‘*a solitudine por todas as Igrejas*’, ao estilo de Paulo (cf. 2Cor 11,28). Esta perspectiva de universalidade liberta o ministro sacerdotal de uma problemática estéril e doentia, levando a um tom de esperança e de ‘*alegria pascal*’ (cf. PO 11) que pressupõe uma saudável antropologia de sentir-se amado por Cristo e capacitado para O amar e fazer amar, entendendo ainda a caridade pastoral como «maior testemunho de amor» (PO 11). A alegria de pertencer a Cristo é uma nota característica da ‘evangelização’, anúncio da ‘Boa Nova’ da ressurreição de Cristo; este tom de alegria pascal é fonte de vocações sacerdotais<sup>110</sup>. Bifet indica-nos uma vez mais um texto do Concílio:

«O sacerdócio de Cristo, de que os presbíteros se tornaram verdadeiramente participantes, dirige-se necessariamente a todos os povos e a todos os tempos, nem é coarctado por nenhuns limites de sangue, nação ou idade. [...] Lembrem-se, por isso, os presbíteros que devem tomar a peito a solitudine por todas as Igrejas» (PO 10; cf. AG 38-39)<sup>111</sup>.

«O sacerdote cuida de cada um dos fiéis a ele confiados»<sup>112</sup>. Mas esta acção pastoral «não se limita ao cuidado singular dos fiéis, mas estende-se também propriamente à formação da genuína comunidade cristã. Para que seja cultivado devidamente o espírito de comunidade, deverá abraçar não só a Igreja local, mas também a Igreja inteira» (PO 6).

---

<sup>108</sup> OÑATIBIA AUDELA, Ignacio – La espiritualidad en su evolución histórica, p. 56.

<sup>109</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 635.

<sup>110</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 288.

<sup>111</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 291.

<sup>112</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 291.

A Igreja é, por natureza, *'missionária'*, fundada por Cristo para evangelizar. O sacerdote encontra-se ao serviço da Igreja-missão, porque participa da mesma missão de Cristo (cf. PO 10) para uma obra em Seu nome e pessoa (cf. PO 2. 6. 12)<sup>113</sup>.

Podemos ainda referir a relação e a preocupação dos presbíteros com as vocações sacerdotais (cf. PO 11) para que os ministros não faltem ao Povo de Deus. «Devem mentalizar os fiéis sobre esta necessidade mediante a pregação, o testemunho da sua vida, o fomento da oração pelas vocações, a direcção espiritual»<sup>114</sup>. Refere o dever dos pais e educadores, mas também a importância da criação e utilização de meios para chegar às pessoas, a necessidade de presbíteros e a dignidade do ministério presbiteral (cf. PO 11)<sup>115</sup>.

Todavia, seria redutor dizer que os documentos do Concílio bastam para uma evolução da vida como Presbitério e quanto à sua situação no mundo. A isto mesmo nos levam os inúmeros escritos e comentários acerca dos textos conciliares para vermos que eles não bastam para que haja uma renovação da doutrina referente à vida e ministério do presbítero<sup>116</sup>. Um dos contributos é «o magistério de João Paulo II, com as suas *Cartas de Quinta-feira Santa* e vários discursos sacerdotais, apresentando uma espiritualidade sacerdotal expressa na alegria de ser sacerdote, no seguimento generoso de Cristo Bom Pastor, na fraternidade sacerdotal e na disponibilidade missionária local e universal»<sup>117</sup>. Concordamos com Víctor Codina quando afirma que «o Vaticano II não é unicamente um conjunto de textos; é antes de tudo um acontecimento espiritual; [...] trata-se de um verdadeiro Pentecostes em pleno século XX, de uma primavera eclesial depois de um largo e gélido inverno»<sup>118</sup>.

Findo este capítulo, urge ainda realizar uma pequena síntese conclusiva. O tema apresentado, ao iniciar com a referência de que todos aos baptizados, seja qual for o seu

---

<sup>113</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 293.

<sup>114</sup> LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 635.

<sup>115</sup> Cf. LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II, p. 635.

<sup>116</sup> Cf. MARTIN VELASCO, Juan – La espiritualidad del presbítero diocesano en la coyuntura histórico-social actual, p. 385.

<sup>117</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II, p. 286.

<sup>118</sup> CODINA, Víctor – De la ascética y mística a la vida según el Espíritu de Jesús, p. 273-274.

modo de vida em Cristo, caminham para a santidade, permite ter presente que o sacerdócio ministerial faz parte deste mesmo Povo de Deus que peregrina.

Tendo isto como base, caminhou-se para uma melhor compreensão dos textos do Concílio Vaticano II referentes ao tema da espiritualidade sacerdotal ministerial. Os sacerdotes na vivência ministerial, que é uma espiritualidade vivencial, podem obter indicações concretas e concisas sobre como deve ser a sua vida espiritual. Sem vida espiritual não há ministério e tudo o que daí advém.

Depois de se ter percorrido os textos conciliares, principalmente a LG e a PO, foi possível elaborar aquilo que se intitulou por *espiritualidade sacerdotal nos documentos conciliares*. Iniciou-se referindo que o Sacerdote prolonga Cristo e participa no seu Sacerdócio e missão. Missão esta que deve estar patente na atitude de serviço e na realização da caridade do Bom Pastor perante os Homens.

A espiritualidade vive-se no contínuo exercício do ministério até porque a fraternidade sacerdotal é uma realidade necessária e prioritária para a vivência das virtudes do Bom Pastor que se realiza a partir da caridade pastoral. Por fim, o serviço à Igreja, quer particular quer universal, é um exercício também ele espiritual.

As palavras de são Paulo aos Filipenses sintetizam o que se pretende que seja a vida sacerdotal:

«Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus:

Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.

Por isso mesmo é que Deus o elevou acima de tudo e lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, os dos seres que estão no céu, na terra e debaixo da terra; e toda a língua proclame: "Jesus Cristo é o Senhor!", para glória de Deus Pai» (Fl 2,5-11).

## CAPÍTULO II

### «ELE PRÓPRIO ERA UMA “CARTA” PERMANENTE»

D. Manuel Clemente<sup>119</sup>

O presente trabalho centrar-se-á agora, exclusivamente, nas *Cartas aos Sacerdotes por ocasião de Quinta-feira Santa*, escritas pelo Santo Padre João Paulo II durante o seu pontificado. A partir dos respectivos conteúdos realizou-se uma esquematização por temas, tendo-se adoptado o delineamento seguido na primeira carta. Por conseguinte, foi necessário realizar toda uma elaboração, distribuição e interligação de temas.

Sendo as *Cartas aos Sacerdotes* a fonte principal desta dissertação, e tendo presente que esta se debruça sobre a *espiritualidade sacerdotal ministerial* a leitura realizada, a consequente elaboração do texto foi realizada tendo como pressuposto esta finalidade. Isso permitiu que ao redigir o texto ele ganhasse contornos de um caris teológico-espiritual.

A finalidade deste capítulo é apresentar as cartas globalmente. O Santo Padre ao escrevê-las, fazia sentir o seu amor a Cristo e à Igreja que lhe foi confiada, sendo Vigário de Cristo, o sucessor de Pedro. Este mesmo amor fez com que ele amasse os irmãos no sacerdócio, tornando-se presente ano após ano, desta forma particular, com palavras quase sempre de encorajamento, amizade, gratidão e de um enorme sentimento paternal. Quem se abeira destas cartas, principalmente os sacerdotes, apreende, entre outras coisas, a vivência espiritual do Papa; isto é, uma vida como verdadeiro seguidor e testemunha do único Bom Pastor.

#### 1. PARA VÓS SOU BISPO, CONVOSCO SOU SACERDOTE

O Papa João Paulo II dirigiu a todos os sacerdotes as Cartas que servem de fonte a este trabalho. Contudo, sentiu a necessidade de referir que elas são para todos os sacerdotes, tanto diocesanos, como religiosos, mesmo para aqueles que não tenham a

---

<sup>119</sup> Adoptamos como título para este capítulo uma frase que o senhor Bispo do Porto, D. Manuel Clemente, deixou no testemunho que lhe foi pedido.

actividade pastoral dos sacramentos<sup>120</sup>. É na comunhão de sacramento e de ministério que escreve e, adaptando as palavras de Santo Agostinho, diz: «Para vós sou bispo, convosco sou sacerdote»<sup>121</sup>. “Tu amas-me? Amas-me tu mais do que estes?” (cf. Jo 21,15-17) é a pergunta que deve marcar o dia-a-dia de cada sacerdote para um ‘sim’ contínuo e verdadeiro.

«Quinta-Feira Santa, o dia da festa anual do nosso Sacerdócio»<sup>122</sup> é recordado por João Paulo II, com estas ou outras palavras, em várias cartas<sup>123</sup>. Em dia de *Quinta-Feira Santa*<sup>124</sup>, celebra-se a instituição da Eucaristia, juntamente com a instituição do sacerdócio ministerial<sup>125</sup>; além de ser a comemoração da instituição da ‘Fracção do Pão’, é perceptível este nascer da Eucaristia todas as vezes que é celebrada, independente do dia, hora e local<sup>126</sup>. Diz o Papa: «Esta celebração invocativa recorda-nos o dia em que, juntamente com a Eucaristia, foi instituído por Cristo o sacerdócio ministerial. E este foi instituído para a Eucaristia e, portanto, para a Igreja que, enquanto Povo de Deus, se forma por meio da Eucaristia»<sup>127</sup>. Continuando com as palavras do Santo Padre, podemos dizer que «a Quinta-feira Santa é o dia natalício do nosso sacerdócio. Foi neste dia que nós nascemos. Assim como um filho nasce do seio de sua mãe, também nós, ó Cristo, nascemos do vosso único e eterno sacerdócio»<sup>128</sup>. Ele deu-nos o Seu Corpo e Sangue, recebidos de Sua Mãe<sup>129</sup>. Há uma íntima relação entre o sacerdócio ministerial e a Eucaristia. Ela é mesmo a principal e central razão do ministério, é a razão primeira do Sacerdócio; o ‘ser’ do sacerdote realiza-se ‘a partir dela’ e ‘para ela’<sup>130</sup>. «Quinta-feira Santa, o dia do amor de

---

<sup>120</sup> Cf. Carta de 1979, n. 1; Carta de 1980, n. 2; Carta de 1985, n. 2.

<sup>121</sup> «Vobis enim sum episcopus, vobiscum Christianus» (Serm, 340, 1 - nota de roda pé (3) da Carta de 1979).

<sup>122</sup> Carta de 1979, n. 1.

<sup>123</sup> Cf. Carta de 1982, n. 1. 9; Carta de 1985, n. 1; Carta de 1986, n. 1; Carta de 1987, n. 1; Carta de 1988, n. 8; Carta de 1995, n. 3. 8; Carta de 1997, n. 1.

<sup>124</sup> Neste primeiro ponto achamos por bem ter presente o que o Santo Padre diz acerca da *Quinta-Feira Santa*. Isto porque, remete, quase sempre, para a vivência deste dia junto do Bispo e em redor do Altar da Eucaristia.

<sup>125</sup> Cf. Carta de 1986, n. 1; Carta de 1987, n. 1; Carta de 1989, n. 1; Carta de 1993, n. 2; Carta de 1996, n. 8; Carta de 1997, n. 1; Carta de 2002, n. 11; Carta de 2004, n. 2; Carta de 2005, n. 1.

<sup>126</sup> Cf. Carta de 1994, n. 1; Carta de 1998, n. 7.

<sup>127</sup> Carta de 1983, n. 1.

<sup>128</sup> Carta de 1982, n. 1.

<sup>129</sup> Cf. Carta de 1995, n. 3.

<sup>130</sup> Cf. Carta de 1980, n. 2. Aproveitamos para referir que neste ano a intenção do Santo Padre passou por dirigir esta *Carta* aos Bispos, mas também aos Sacerdotes e Diáconos, que tem como tema principal a Eucaristia: “*Dominicae Cenaee*”.

Cristo levado “até ao extremo” (cf. Jo 13,1), o dia da Eucaristia, o dia do nosso sacerdócio»<sup>131</sup>; do amor de Cristo “obediente até à morte” (Fl 2,8)<sup>132</sup>.

Neste mesmo dia, é de importância capital descobrir que entre a instituição da Eucaristia e a sua realização na Cruz está a oração de Cristo<sup>133</sup>; bem como que o sacrifício da Cruz está ligado ao Mistério da Encarnação. Por sua vez, o sacrifício da Nova Aliança liga-se à instituição da Eucaristia, que é sacramento do sacerdócio e que na realidade é a mesma Encarnação<sup>134</sup>.

Continuando a deter-nos em *Quinta-Feira Santa*, sigamos de perto as palavras do Papa:

«Sim, nós hoje abrimos os nossos corações – estes corações que ele novamente “criou”, pela sua acção divina. Pela graça da vocação sacerdotal, Ele os “re-criou” e neles age constantemente. Não há dia em que Ele não crie. Cria em nós, e “re-cria” sem cessar a realidade que constitui a essência do nosso Sacerdócio: aquilo que confere a cada um de nós a plena identidade e a autenticidade no serviço sacerdotal; e que nos dá a possibilidade de “ir e dar fruto” e a força para que este fruto “seja duradouro” (cf. Jo 15,16)»<sup>135</sup>.

Convidou-os a viver a renovação sacerdotal, de *Quinta-feira Santa*, tendo presente a agonia, a Paixão, a Morte e Ressurreição de Jesus<sup>136</sup>. Nesta mesma ideia, referiu que a Última Ceia é como que a antecipação da Paixão, Morte e Ressurreição; o ‘isto é’ e o ‘fazei isto’ realiza-se definitivamente no «tudo está consumado» (Jo 19,30)<sup>137</sup>.

«Ao entardecer, vejo-vos entrar no Cenáculo para iniciar o ‘Tríduo Pascal’. É precisamente naquela “sala mobilada, no andar de cima” (Lc 22,12) que Jesus nos convida a retornar em cada *Quinta-Feira Santa*, e onde mais me apraz «encontrar-me convosco, amados irmãos no sacerdócio»<sup>138</sup>, diz o Santo Padre. Recorda a invocação do Espírito Santo – Vem, Espírito Criador – do dia da ordenação de cada sacerdote. Relembrou, igualmente, que no início do Tríduo Pascal, o convite a que todos os sacerdotes se dirigissem para o Cenáculo onde Cristo, juntamente com os seus, instituiu a Eucaristia e o

---

<sup>131</sup> Carta de 2005, n. 1.

<sup>132</sup> Cf. Carta de 1998.

<sup>133</sup> Cf. Carta de 1987, n. 9; Carta de 2001, n. 16; Carta de 2003, n. 21.

<sup>134</sup> Cf. Carta de 1988, n. 1.

<sup>135</sup> Carta de 1990, n. 2.

<sup>136</sup> Cf. Carta de 1999, n. 7.

<sup>137</sup> Cf. Carta de 1998, n. 2; Carta de 2003, n. 3.

<sup>138</sup> Carta de 2004, n. 1.

sacerdócio que foi herdado por eles. Isto porque, em dia de *Quinta-feira Santa*, volta-se à origem do sacerdócio da Nova e Eterna Aliança e cada sacerdote recorda em especial o início de sacerdócio na sua vida<sup>139</sup> porque «este é o nosso dia com Ele»<sup>140</sup>.

### **1.1. Unidade dos sacerdotes com o seu bispo**

É importante o vínculo da *fraternidade* e unidade entre os sacerdotes e o seu bispo<sup>141</sup> numa união colegial<sup>142</sup>; o Papa exortou à comunhão com o papado, entre o episcopado e presbiterado<sup>143</sup> e a viver na unidade do Espírito Santo<sup>144</sup>. Esta mesma união entre os bispos e sacerdotes, na celebração e na vida da Igreja, tem a sua renovação em cada missa crismal<sup>145</sup>, dia em que, reunidos em redor do bispo, se ouvem as palavras de Jesus na sinagoga (cf. Lc 4,18), as quais se adaptam a cada um; unem-se, na mesma celebração, a renovação sacerdotal e a bênção dos Óleos Santos que são usados em alguns sacramentos<sup>146</sup>; é o momento de acção de graças a Deus, pelo dom da Eucaristia, da sua vocação. Porém, os sacerdotes devem ter presente a disponibilidade nas suas vidas para a acção do Espírito Santo<sup>147</sup>; unem-se ao Pentecostes, em que foi enviado o Espírito Santo Paráclito que como dom que agrega ao Único Sacerdote; isto porque é pelo Espírito Santo que o sacerdote age *'in persona Christi'* em todo o seu ministério<sup>148</sup>.

## **2. UNE-NOS O AMOR DE CRISTO E DA IGREJA**

Antes de nos debruçarmos propriamente neste tema vamos fazer referência à forma, à atitude e à fonte principal de que o Santo Padre se serviu para escrever as *Cartas*: o amor que une os sacerdotes, isto é, o amor a Cristo e à sua Igreja. Este que é o maior dom do

---

<sup>139</sup> Cf. Carta de 1990, n. 1.

<sup>140</sup> Carta de 1993, n. 1.

<sup>141</sup> Cf. Carta de 1979, n. 1; Carta de 1986, n. 1; Carta de 1991, n. 3.

<sup>142</sup> Cf. Carta de 1985, n. 2.

<sup>143</sup> Cf. Carta de 1983, n. 3.

<sup>144</sup> Cf. Carta de 1984, n. 4.

<sup>145</sup> Cf. Carta de 1989, n. 9; Carta de 1990, n. 1.

<sup>146</sup> Cf. Carta de 1991, n. 1; Carta de 1994, n. 1; Carta de 1999, n. 2; Carta de 2000, n. 14; Carta de 2002, n. 11; Carta de 2004, n. 1.

<sup>147</sup> Cf. Carta de 1998, n. 2; Carta de 2001, n. 1.

<sup>148</sup> Cf. Carta de 1991, n. 3.

Espírito Santo<sup>149</sup>. Diz expressamente o Papa: «Estas minhas palavras são-me ditadas pelo amor à Igreja»<sup>150</sup>.

O amor a Cristo e à Igreja poder-se-á dizer que tem o seu alicerce na Eucaristia, isto porque uma não existe sem a outra; a Eucaristia é lugar de encontro sacramental e de intimidade com Cristo que pelo sacrifício eucarístico se torna também comunhão e anúncio<sup>151</sup>. A Eucaristia como memorial e não como mera recordação<sup>152</sup>; é a mesma e contínua Eucaristia que vivemos e celebramos<sup>153</sup>; não recorda, mas sim actualiza o ‘hoje’ único da Morte e Ressurreição de Cristo<sup>154</sup>. «A Eucaristia é um bem comum de toda a Igreja, como Sacramento da sua unidade»<sup>155</sup>. Este mesmo amor a Cristo e à Igreja inicia-se no Cenáculo em Jerusalém «foi aqui que Ele nos deixou o dom imenso da Eucaristia. Aqui nasceu também o nosso sacerdócio»<sup>156</sup>. Sempre que um sacerdote vive este momento e perante tal ‘extraordinária realidade’ – que é a consagração das espécies eucarísticas – «só nos resta ajoelhar e, em silêncio, adorar este mistério supremo da fé»<sup>157</sup>. Até porque «não podemos esquecer, nem sequer por um instante, que a Eucaristia é um bem peculiar de toda a Igreja. Ela é o dom maior que, na ordem da graça e dos sacramentos, o divino Esposo ofereceu e oferece incessantemente à sua Esposa»<sup>158</sup>. O Santo Padre recorda igualmente a íntima união entre sacerdócio e Eucaristia. O sacerdócio só faz sentido pela Eucaristia<sup>159</sup>. «Nós nascemos da Eucaristia»<sup>160</sup>.

Jesus Cristo é o Único Sacerdote da Nova Aliança<sup>161</sup>. Este mesmo sacerdócio é chamado pelo Pai desde o Princípio; daí o mistério do sacerdócio encontrar a seu início na

---

<sup>149</sup> Cf. Carta de 1979, n. 2. Mesmo tendo indicado nesta primeira carta qual a fonte de inspiração, estamos certos que esta mesma fonte está presente em todas as restantes cartas.

<sup>150</sup> Carta de 1979, n. 2.

<sup>151</sup> Cf. Carta de 1980, n. 4. 12; Carta de 1982, n. 1; Carta de 2003, n. 52.

<sup>152</sup> Cf. Carta de 2000, n. 12.

<sup>153</sup> Cf. Carta de 2000, n. 12; Carta de 2003, n. 11. 12.

<sup>154</sup> Cf. Carta de 2005, n. 5.

<sup>155</sup> Carta de 1980, n. 12.

<sup>156</sup> Carta de 2000, n. 1. A carta do ano 2000, Ano do Jubileu, foi escrita no Cenáculo de Jerusalém, assim se compreende melhor esta mesma frase do santo padre.

<sup>157</sup> Carta de 2004, n. 2.

<sup>158</sup> Carta de 1980, n. 12.

<sup>159</sup> Cf. Carta de 2004, n. 2.

<sup>160</sup> Carta de 2004, n. 2

<sup>161</sup> Cf. Carta de 1996 n. 1; Carta de 1990, n. 5; Carta de 1980, n. 8; Carta de 1987, n. 8; Carta de 1989 n. 1. 3; Carta de 1995, n. 3; Carta de 1997, n. 1; Carta de 1998, n. 2.

Trindade, tendo a sua particularidade com a Encarnação, a partir do seio de uma mulher<sup>162</sup>. Como diz o Papa: «Para nós, enquanto sacerdotes, a Última Ceia é um momento particularmente sagrado [...] é um momento marcadamente cristocêntrico: recebemos, com efeito, o Sacerdócio de Cristo-Sacerdote, o único Sacerdote da Nova Aliança»<sup>163</sup>. «Naquela noite santa, Ele chamou pelo nome, cada um dos sacerdotes de todos os tempos»<sup>164</sup>. O olhar de Cristo fixou cada um dos sacerdotes como fez com Simão e André, Tiago e João, Natanael...<sup>165</sup>. Toda esta realidade de amor a Cristo e à Sua Igreja está, de facto, unido ao ‘Sacerdote da Nova Aliança’ fazendo de cada um deles ‘sacerdotes da Nova Aliança’<sup>166</sup> e isto mesmo se iniciou da forma mais plena, isto é, Cristo inicia o ‘Sacerdócio da Nova Aliança’ num contexto de oração<sup>167</sup>. «O sacramento da Ordem imprime, na alma do sacerdote, um carácter específico, que, uma vez recebido, permanece nele como *fonte da graça sacramental*, de todos os dons e carismas próprios da vocação e serviço sacerdotal na Igreja»<sup>168</sup>. Os ministros da Eucaristia devem realizar a vontade de Cristo e da Igreja, deixando-se iluminar pela fé viva<sup>169</sup>.

O mistério sacerdotal é grande porque faz dos sacerdotes homens que amam sem limites, são sinais de unidade, homens do serviço, isto tudo na íntima relação e imitação de Jesus Cristo<sup>170</sup>. O Lava-pés, como o gesto de humildade, serviço, e que serve para ser imitado pelos sacerdotes, foi um exemplo referido<sup>171</sup>. O sacerdote deve viver a realidade maternal da Igreja configurada com a realidade paternal do Espírito, para que seja esta a sua presença junto do povo<sup>172</sup>, daí o continuar da acção do Espírito Santo na Igreja de cada dia<sup>173</sup>. Aprofundar a vocação sacerdotal a partir do amor maternal e paternal de Deus já

---

<sup>162</sup> Cf. Carta de 1996, n. 1.

<sup>163</sup> Carta de 1995, n. 3.

<sup>164</sup> Carta de 2004, n. 5.

<sup>165</sup> Cf. Carta de 2004, n. 5.

<sup>166</sup> Cf. Carta de 1983, n. 1-3; Carta de 1984, n. 3; Carta de 1990, n. 2; Carta de 1995, n. 3; Carta de 1996, n. 1; Carta de 1997, n. 5.

<sup>167</sup> Cf. Carta de 1987, n. 8.

<sup>168</sup> Carta de 1991, n. 3.

<sup>169</sup> Cf. Carta de 1980, n. 8.

<sup>170</sup> Cf. Carta de 2001, n. 1.

<sup>171</sup> Cf. Carta de 2000, n. 4.

<sup>172</sup> Cf. Carta de 1988, n. 4.

<sup>173</sup> Cf. Carta de 1998, n. 1.

presente na Igreja e a qual é expressa como amadurecimento apostólico e espiritual<sup>174</sup>. A certeza serena de que Cristo continua presente, que não nos deixou órfãos<sup>175</sup>. Digamos que este mesmo amor é uma graça que Deus concede aos sacerdotes. Entendemos isto mesmo nas seguintes palavras: «A graça, portanto, é um dom puramente do Amor, que só no mesmo Amor, e não em qualquer outra coisa, tem a sua razão e a sua motivação»<sup>176</sup>. A graça é um dom porque é a prova de que o Homem é filho adoptivo em Cristo e daí o sacerdote ser administrador da graça<sup>177</sup>.

O ministério sacerdotal cumpre-se convertendo-se em amigos de Cristo (cf. Jo 15,15). «Ser sacerdote quer dizer estar particularmente em amizade com o mistério de Cristo, com o mistério da Redenção, no qual Ele deu a própria “carne pela vida do mundo” (Jo 6,51)»<sup>178</sup>. É o cumprir o mandamento novo «que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei» (Jo 13,34)<sup>179</sup>. O Santo Padre refere que as *Cartas* têm como especial objectivo a fraternidade ‘na comum participação no Sacerdócio de Cristo’<sup>180</sup>.

### **3. «ESCOLHIDO DE ENTRE OS HOMENS... CONSTITUÍDO A FAVOR DOS HOMENS»**

Em breves palavras elencaremos alguns aspectos sobre o sacerdócio ministerial e sacerdócio comum dos fiéis a partir da nossa ‘fonte’<sup>181</sup>.

É pela condição baptismal dos fiéis que se realiza pela tríplice união a Cristo – Profeta, Sacerdote e Rei – e, como membros do Povo de Deus, que os sacerdotes, participantes da ordem hierárquica, realizam a missão do múnus do Mestre na Igreja e no mundo como testemunhas<sup>182</sup>. Leva também a que tenham consciência de que pelo sacerdócio ministerial o Espírito Santo actua com a força da Cruz e da Ressurreição, para

---

<sup>174</sup> Cf. Carta de 1998, n. 4.

<sup>175</sup> Cf. Carta de 2000, n. 11.

<sup>176</sup> Carta de 1984, n. 2.

<sup>177</sup> Cf. Carta de 1984, n. 2.

<sup>178</sup> Carta de 1983, n. 2.

<sup>179</sup> Cf. Carta de 2000, n. 5.

<sup>180</sup> Cf. Carta de 2004, n. 1.

<sup>181</sup> Não sentimos a necessidade de alargar muito este ponto visto que este trabalho direcciona-se ao Sacerdócio Ministerial.

<sup>182</sup> Cf. Carta de 1979, n. 3.

ser causa da salvação humana<sup>183</sup>. Entende-se por Ministerial o serviço que só os sacerdotes podem realizar (Eucaristia e Reconciliação) e por hierárquico o serviço que permite servir e guiar o Povo de Deus e na comunhão com os Bispos<sup>184</sup>. «Este sacerdócio ministerial, que é nossa herança [sacerdotes], é também a nossa vocação e a nossa graça. Ele marca toda a nossa vida com o selo de um serviço sumamente necessário e o mais exigente que há: o da salvação das almas»<sup>185</sup>. Já a Carta aos Hebreus leva a que se compreenda o Sacerdócio de Cristo unido ao sacrifício da Cruz e, por sua vez, à entrega sacrificial e total à obra da Redenção. É no oferecimento ao Pai que Jesus realiza o sacrifício; a partir daqui o Santo Padre indica que o sacerdócio ministerial é chamado, pela Igreja, a ser participante do ‘Sacerdócio Único do Eterno Cristo’<sup>186</sup>. Tal participação faz com que as palavras aos Hebreus (cf. Heb 9,11-15) devessem estar no íntimo de cada sacerdote sempre que celebram o sacrifício eucarístico<sup>187</sup>.

### **3.1. Sacerdócio ministerial e sacerdócio comum dos fiéis**

O sacerdócio, recebido pelo sacramento da Ordem, imprime ‘carácter’ e está em explícita relação com o sacerdócio comum dos fiéis<sup>188</sup>. Podemos mesmo dizer que o sacerdócio ministerial tem origem no sacerdócio comum dos fiéis – é daí que os presbíteros são chamados<sup>189</sup>. Contudo, há necessidade de se sentirem indignos para o sacerdócio, como Pedro se sentiu quando Jesus lhe quis lavar os pés (cf. Jo 13,8); isto deve estar bem presente na vida dos sacerdotes, porque não são eles que se capacitam por si mesmos, mas é Cristo que os capacita para tal ministério. Até porque é pela misericórdia que Deus escolhe, chama e perdoa continuamente. «Não fostes vós que Me escolhestes, fui Eu que vos escolhi» (Jo 15,16)<sup>190</sup>. A partir desta mesma frase, o Papa deixou o desejo de

---

<sup>183</sup> Cf. Carta de 1882, n. 2.

<sup>184</sup> Cf. Carta de 1995, n. 1.

<sup>185</sup> Carta de 1986, n. 1.

<sup>186</sup> Cf. Carta de 1996, n. 1.

<sup>187</sup> Cf. Carta de 1997, n. 4.

<sup>188</sup> Cf. Carta de 1979, n. 3.

<sup>189</sup> Cf. Carta de 1989, n. 3.

<sup>190</sup> Cf. Carta de 2001, n. 6; Carta de 1988, n. 6.

que todos os sacerdotes se sintam chamados e escolhidos por Cristo para ir e darem frutos<sup>191</sup>.

Tanto o sacerdócio comum dos fiéis como o ministerial, embora diferindo entre si, não somente em grau, dispõem reciprocamente e associam-se, cada um a seu modo, no Único Sacerdote que é Cristo<sup>192</sup>. Até porque, o sacerdócio ministerial não existe junto ao laicado, nem acima deste, mas sim ‘para’ os leigos; daí ser ministerial, ser serviço<sup>193</sup>. «O sacerdócio ministerial está ao serviço do sacerdócio comum dos fiéis. De facto, quando o sacerdote celebra a Eucaristia e administra os sacramentos, torna os fiéis conscientes da sua peculiar participação no Sacerdócio de Cristo»<sup>194</sup>.

A Eucaristia, como elo de união entre o povo sacerdotal e o sacerdócio ministerial, conduz o *povo sacerdotal* a realizar o sacrifício eucarístico, onde Cristo, na pessoa do ministro sagrado, se oferece a Deus em nome do Povo<sup>195</sup>. Desta forma, o culto Eucarístico vivifica e une o sacerdócio ministerial ao do comum dos fiéis<sup>196</sup>. O que o sacerdote oferece é toda uma re-apresentação de Cristo e Deus Pai<sup>197</sup>.

#### 4. O SACERDOTE, DOM DE CRISTO PARA A COMUNIDADE

É pela realização do sacerdócio ministerial (serviço) que os fiéis tomam consciência do seu sacerdócio comum<sup>198</sup>. Entende-se assim que «o Sacerdote desempenha a sua missão principal e manifesta-se em toda a sua plenitude ao celebrar a Eucaristia»<sup>199</sup>.

---

<sup>191</sup> Cf. Carta de 1997, n. 5.

<sup>192</sup> Cf. Carta de 1979, n. 3; Carta de 1989, n. 3; Carta de 1990, n. 3; Carta de 1996, n. 2; Carta de 2000, n. 7. O Papa utiliza a LG 10 para a definição entre Sacerdócio Ministerial e Comum dos Fiéis.

<sup>193</sup> Cf. Carta de 1990, n. 3.

<sup>194</sup> Carta de 1996, n. 2.

<sup>195</sup> Cf. Carta de 1979, n. 3.

<sup>196</sup> Cf. Carta de 1980, n. 2.

<sup>197</sup> Cf. Carta de 2000, n. 8.

<sup>198</sup> Cf. Carta de 1979, n. 4.

<sup>199</sup> Carta de 1980, n. 2. Cf. LG 28; PO 2. 5; AD 39.

No quarto e quinto ponto, entendemos que poderíamos desenvolver o tema da Eucaristia na vida espiritual dos sacerdotes. Contudo, este mesmo tema está presente em todos os restantes pontos, visto ser um tema abrangente e fundamental para a espiritualidade sacerdotal. Aproveitamos para referir que o tema da Eucaristia foi muito referido nas *Cartas aos Sacerdotes*, especialmente a *Carta* de 1980 “DOMINICAE CENAE”, a de 2003 “ECCLESIA DE EUCHARISTIA” e a última *carta* que o Papa João Paulo II escreveu aos sacerdotes, isto no ano 2005, Ano da Eucaristia. Aliás esta última *carta* apresenta toda uma Espiritualidade

Todos os que participam na Eucaristia, embora de forma diferente do ministro, oferecem igualmente, em virtude do sacerdócio comum dos fiéis, o sacrifício eucarístico ali presente no Pão e no Vinho<sup>200</sup>. Como diz o Papa:

«Quando se celebra a Eucaristia na basílica do Santo Sepulcro, em Jerusalém, volta-se de modo quase palpável à “hora” de Jesus, a hora da cruz e da glorificação. Até àquele lugar e àquela hora se deixa transportar em espírito cada presbítero ao celebrar a Santa Missa, juntamente com a comunidade cristã que nela participa»<sup>201</sup>.

Compreende-se e sabe-se que há uma ligação entre o celebrante e os participantes. Porém, os sacerdotes estão, de maneira especial inundados, pelo que, a Eucaristia une-se ao mistério Pascal e juntos actualizam o ‘hoje’ da Santa Missa através dos séculos<sup>202</sup>. É Cristo que inicia nesse dia o Mistério Pascal, ‘abre-o’ com a ‘chave’ da Eucaristia e do Sacerdócio, Ele que é única e eterna fonte do Sacerdócio<sup>203</sup>. Até porque o mandato de Jesus no “fazei isto” não se limita somente à acção, mas também indica o realizar ‘para’, isto é, o realizar no sacerdócio ministerial, tendo aí o seu nascimento e mais íntima realização<sup>204</sup>. Para esta íntima realização, o Papa recordou como é bela e sublime a forma de poder participar no sacrifício de Cristo, sempre que são pronunciadas as palavras da consagração eucarística; exortou a que sempre que isso aconteça, seja como se fosse a primeira vez, que os sacerdotes não as deixem cair na rotina porque elas exprimem o mais concreto do sacerdócio<sup>205</sup>. De igual modo, recordou que foi na realização dos acontecimentos pascais, que se celebraram no *Triduum Sacrum*, que Cristo constituiu os Apóstolos como participantes do Seu Sacerdócio e fê-lo juntamente com o «fazei isto em memória de mim» (1Cor 11,24)<sup>206</sup>. «O facto de estarmos tão intimamente vinculados a este mistério é, para nós [sacerdotes], simultaneamente motivo de alegria e fonte de

---

Sacerdotal a partir das palavras da instituição da Eucaristia como ele próprio refere: «Irei fazê-lo, deixando-me guiar pelas palavras da instituição da Eucaristia, as mesmas que diariamente pronunciamos, *in persona Christi*, para tornar presente sobre os nossos altares o sacrifício realizado uma vez por todas no Calvário; é que de tais palavras brotam indicações de espiritualidade sacerdotal muito elucidativas: se toda a Igreja vive da Eucaristia, a existência sacerdotal deve a título especial tomar “forma eucarística”. Por isso, as palavras da instituição devem ser, para nós, não apenas uma fórmula de consagração, mas uma “fórmula de vida”» (Carta de 2005, n. 1).

<sup>200</sup> Cf. Carta de 1980, n. 9.

<sup>201</sup> Carta de 2003, n. 4.

<sup>202</sup> Cf. Carta de 2003, n. 5.

<sup>203</sup> Cf. Carta de 1983, n. 1; Carta de 1985, n. 1.

<sup>204</sup> Cf. Carta de 2000, n. 10.

<sup>205</sup> Cf. Carta de 1997, n. 3; Carta de 1987, n. 2

<sup>206</sup> Cf. Carta de 1996, n. 4.

responsabilidade»<sup>207</sup>. Das palavras da instituição da Eucaristia, segundo o Santo Padre, brotam indicações de uma espiritualidade sacerdotal muito elucidativas. Se a Igreja vive da Eucaristia, muito mais se diga dos sacerdotes. Eles devem ser ‘eucaristia’. A consagração para eles não deve ser uma mera fórmula, mas uma ‘fórmula de vida’<sup>208</sup>. «Não é possível repetir as palavras da consagração sem sentir-se implicado neste movimento espiritual. Em certo sentido, o sacerdote deve aprender a dizer, com verdade e generosidade, também de si próprio: “tomai e comei”»<sup>209</sup>.

Os sacerdotes participam no mistério da Encarnação e no Mistério de Cristo Ressuscitado, fazendo-o em nome de todo o Povo de Deus que se oferece nas mais variadas formas do ‘hoje’ de cada dia<sup>210</sup>. Daí a centralidade da Eucaristia na vida da Igreja<sup>211</sup>; daí a Eucaristia ser o sacrifício da Nova e Eterna Aliança<sup>212</sup>; daí a importância capital que a Eucaristia tem na vida do sacerdote e da comunidade; nela está o sacrifício do próprio Cristo que salva o Mundo<sup>213</sup>; daí a necessidade de abrir os olhos da alma para viver melhor o sacrifício de Cristo pela Eucaristia<sup>214</sup>. Ele mesmo diz: «A Eucaristia é o ponto donde tudo irradia e para o qual tudo conduz»<sup>215</sup>. Assim, os sacerdotes ao celebrarem o ‘memorial’, em cada ‘geração cristã’ e em cada ‘ângulo da terra’, tornam presente o sacrifício da doação da Cruz; lá estará presente o Cristo Redentor<sup>216</sup>. O culto Eucarístico, gerando vida, faz com que os seus participantes vivam os restantes sacramentos, visto que são eles que conferem o estilo sacramental na vida do cristão; pela Eucaristia chega-se à plenitude da Iniciação Cristã, de forma que Ela é o centro e o fim; é também pela ‘Fracção do Pão’ (cf. Act 2,42) que os outros dois sacramentos se realizam na totalidade<sup>217</sup>. Isto mesmo está vincado nas seguintes palavras:

«O culto eucarístico constitui a alma de toda a vida cristã. Se é verdade que a vida cristã se exprime no cumprimento do maior mandamento, ou seja, no amor de Deus e do

---

<sup>207</sup> Carta de 2000, n. 13.

<sup>208</sup> Cf. Carta de 2005, n. 1.

<sup>209</sup> Carta de 2005, n. 3.

<sup>210</sup> Cf. Carta de 1994, n. 1; Carta de 1983, n. 2.

<sup>211</sup> Cf. Carta de 1993, n. 1.

<sup>212</sup> Cf. Carta de 1985, n. 1.

<sup>213</sup> Cf. Carta de 1986, n. 8; Carta de 2000, n. 10.

<sup>214</sup> Cf. Carta de 1984, n. 4.

<sup>215</sup> Carta de 2000, n. 10.

<sup>216</sup> Cf. Carta de 2000, n. 11.

<sup>217</sup> Cf. Carta de 1980, n. 7.

próximo, este amor tem a sua fonte exactamente no Santíssimo Sacramento, que comumente é chamado: Sacramento do Amor»<sup>218</sup>.

A partir do amor que recebem da Eucaristia tornam-se seres que amam; aprendem a amar; o culto eucarístico torna-os mais semelhantes a Deus<sup>219</sup>. O sacerdote é a testemunha criada do Amor que se manifesta na Redenção. Ela dá-se no Amor do Filho pelo Pai e do Pai pelo Filho. E é neste Amor que o Homem terá a vida eterna. Este amor redentor está presente nos sacerdotes quando, na Eucaristia, o tornam presente, no hoje de cada dia, através das suas mãos e dos seus lábios. Está permanentemente inscrito na vocação do ministério<sup>220</sup>. «Este dom é exactamente fruto do Vosso amor: é o fruto do Cenáculo e do Calvário»<sup>221</sup>.

É também importante a Palavra na Eucaristia. Ela torna-a mais frutífera, bem como, origina um alento que faz com que os fiéis sintam a necessidade de a celebrarem e de aprofundar a sua vivência<sup>222</sup>. «A liturgia eucarística é a escola de oração cristã por excelência para a comunidade»<sup>223</sup>. Ela faz com que o Povo de Deus se sinta mais evangelizador e, assim, viva o mistério da Encarnação e Redenção de Cristo<sup>224</sup>. Porém, lembra o Papa que uma assembleia de fiéis sem sacerdote não pode celebrar Eucaristia<sup>225</sup>; A Eucaristia só é possível com um ministro ordenado<sup>226</sup>. Todavia, preocupava o Papa a falta da Eucaristia em algumas comunidades, bem como os abusos em torno dela<sup>227</sup>. «A Eucaristia é verdadeiramente um pedaço de céu que se abre sobre a terra; é um raio de glória da Jerusalém celeste, que atravessa as nuvens da nossa história e vem iluminar o nosso caminho»<sup>228</sup>. Devemos também ter presente a Adoração ao Santíssimo, como continuidade da Eucaristia<sup>229</sup>.

---

<sup>218</sup> Carta de 1980, n. 5.

<sup>219</sup> Cf. Carta de 1980, n. 5.

<sup>220</sup> Cf. Carta de 1983, n. 2.

<sup>221</sup> Carta de 1982, n. 7.

<sup>222</sup> Cf. Carta de 1994, n. 1.

<sup>223</sup> Carta de 1999, n. 6.

<sup>224</sup> Cf. Carta de 1994, n. 4.

<sup>225</sup> Cf. Carta de 2003, n. 29.

<sup>226</sup> Cf. Carta de 2004, n. 4.

<sup>227</sup> Cf. Carta de 1982, n. 2; Carta de 2003, n. 10.

<sup>228</sup> Carta de 2003, n. 19.

<sup>229</sup> Cf. Carta de 1999, n. 6; Carta de 2003, n. 25.

#### 4.1. O sacerdócio sacramental não recebe a sua origem da comunidade

O chamamento e origem do sacerdócio ministerial provem de Cristo e não de um chamamento da comunidade<sup>230</sup>. Este mesmo chamamento deve ser continuamente acção de graça visto que torna os participantes, ‘Servidores da Nova Aliança’, em nome de Cristo<sup>231</sup>. A íntima identidade com o Sacerdócio de Cristo leva a que esteja no mundo para ser mediador e participante da função do Único Mediador e Salvador. Ele sim é a fonte do sacerdócio e não o ‘mundo’<sup>232</sup>.

Todavia, o Santo Padre referiu a importância e o esforço que as famílias fazem quando um filho é chamado ao sacerdócio; eles mesmos participam no chamamento de Deus. Falou da felicidade que uma comunidade experimenta por uma missa nova vivenciando, deste modo, a sua ‘maternidade espiritual’, o quanto é útil a oração, quer para novas vocações, quer pelos sacerdotes<sup>233</sup>. «Sim, os homens depositam a sua confiança na nossa vocação ao serviço de Deus»<sup>234</sup>.

O chamamento nasce do chamar do Redentor. Porém, ele é fruto do sonho da Igreja que é o Povo e terreno espiritual de vocações<sup>235</sup>.

O chamamento à vocação brota da vivência cristã a partir da vida activa da Igreja; contudo, cada vocação ao sacerdócio tem a sua história, tem o seu sentir: “Segue-me” (cf. Mt 4,19; 9, 9; Mc 1,17; 2,14; Lc 5,27; Jo 1,43; 21,19). O Senhor chama homens de todo o género a segui-Lo: Pedro (cf. Mt 4,19), o filho de Zebedeu (cf. Mt 4,22), Levi (cf. Mc 2,14), Saulo de Tarso (cf. Act 9,15) entre outros<sup>236</sup>. Por conseguinte, diz João Paulo II: «A vocação ao sacerdócio é, pois, uma vocação a oferecer ‘*in persona Christi*’ o sacrifício, em virtude da participação no seu sacerdócio. Foi dos Apóstolos que herdámos o ministério sacerdotal»<sup>237</sup>. Assim, responder ao chamamento do Mestre é dar início à caminhada que

---

<sup>230</sup> Cf. Carta de 1979 n. 4.

<sup>231</sup> Cf. Carta de 1982, n. 1.

<sup>232</sup> Cf. Carta de 1986, n. 10.

<sup>233</sup> Cf. Carta de 1994, n. 4.

<sup>234</sup> Carta de 1994, n. 4.

<sup>235</sup> Cf. Carta de 1989, n. 3.

<sup>236</sup> Cf. Carta de 1996, n. 3.

<sup>237</sup> Carta de 1996, n. 4.

tem como caminho final aquele que vai da ordenação até à morte. Porém, quem é chamado têm que responder e viver continuamente o chamamento de Deus<sup>238</sup>.

#### **4.2. O sacerdócio foi-nos dado para servir os outros e não para se poder renunciar a tal**

«O sacerdócio ministerial, no desígnio de Cristo, não é expressão de domínio, mas de serviço»<sup>239</sup>. Na realidade, no serviço ministerial, o sacerdote deve incluir a participação de todos. Até porque o sacerdócio ministerial não existe por causa do sacramento da Ordem, mas sim pela Eucaristia<sup>240</sup>. O sacerdócio é ministerial, de serviço porque une ao múnus de Cristo e faz com que os sacerdotes hajam *'in persona Christi'* sempre que repetem as palavras da narração da Eucaristia. Eles já não são servos, mas amigos (cf. Jo 15,15)<sup>241</sup>. Até porque a presença de Cristo, sacramentalmente, realiza-se por meio do Espírito Santo<sup>242</sup>. Tal como escreve o Papa: «Na vida de cada um de nós, dever ser legível o mistério de Cristo, do qual brota o *'sacerdos'* como *'alter Christi'*»<sup>243</sup>. A partir do «fazei isto em minha memória» (Lc 22,19; 1Cor 11,24ss), os ministros da Igreja tornam presente este sacramento que foi oferecido para a redenção do mundo e pelo qual Cristo ordena que os mesmos ministros realizem *'in persona Christi'*<sup>244</sup>, um agir *'in persona Christi Capitis'*<sup>245</sup>. Neste sentido, lembrava o Papa aos sacerdotes: «A nossa vocação, amados Irmãos, encerra em si um *serviço* sublime e fundamental *em relação a cada um dos homens!*»<sup>246</sup>. Ela compreende-se a partir da vivência do início do 'Tríduo Pascal', sente-se a mais profunda e íntima relação com o exemplo de Cristo que lava os pés como quem serve; configura-se no recordar e no viver das palavras de Jesus: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar» (Lc 4,18; cf. Is 61,1)<sup>247</sup>. «A dimensão

---

<sup>238</sup> Cf. Carta de 1996, n. 5; Carta de 1986, n. 12.

<sup>239</sup> Carta de 1995, n. 7.

<sup>240</sup> Cf. Carta de 1995, n. 7; Carta de 1982, n. 8.

<sup>241</sup> Cf. Carta de 1979, n. 4; Carta de 1980, n. 8; Carta de 1884, n. 4; Carta de 1988, n. 1; Carta de 1994, n. 1; Carta de 1997, n. 5; Carta de 2003, n. 29.

<sup>242</sup> Cf. Carta de 1993, n. 1; Carta de 1998, n. 2.

<sup>243</sup> Carta de 1991, n. 2.

<sup>244</sup> Cf. Carta de 1985, n. 1.

<sup>245</sup> Cf. Carta de 2002, n. 1.

<sup>246</sup> Carta de 1984, n. 3.

<sup>247</sup> Cf. Carta de 1991, n. 1.

humana do serviço sacerdotal, para ser totalmente autêntica, terá de radicar-se em Deus»<sup>248</sup>. Pelo ‘sacerdócio de serviço’ os sacerdotes experimentam a sua dignidade e disponibilidade, bem como, a abertura contínua aos dons do Espírito Santo que lhes permitem distribuir aos Homens os *frutos do amor e da paz*, de forma que pela fé firme nasce «a compreensão profunda do sentido da existência humana e a capacidade de introduzir a ordem moral na vida dos indivíduos e dos ambientes humanos»<sup>249</sup>. Assim, compreende-se a necessidade de em cada dia se voltarem a consolidar os dons do Espírito Santo, como forma de manter as forças para o combate e anúncio de Deus<sup>250</sup>. De igual modo, não se pode esquecer que a comunhão de Cristo faz de nós um só corpo, isto é, no Corpo de Cristo<sup>251</sup>. «Podemos dizer não só que *cada um de nós recebe Cristo*, mas também que *Cristo recebe cada um de nós*»<sup>252</sup>. É pelo Espírito Santo recebido que ao sacerdote foi revelado o caminho da vocação; foi constituído ministro da Eucaristia, viu-se participante do único Sacerdócio impresso com o selo indelével: «Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec» (Heb 5,6)<sup>253</sup>.

O Santo Padre recordou a importância da comunhão eucarística ou, em algumas ocasiões, a comunhão espiritual. Recorda igualmente que quem tiver pecado não se pode abeirar da comunhão sem antes se reconciliar. Esta é uma doutrina que ainda está e estará vigente<sup>254</sup>. Há uma necessidade cada vez maior de se ter consciência da participação na filiação divina, no administrar com verdade o sacramento da Reconciliação e a Sagrada Comunhão, isto porque a ‘*unção sacerdotal*’ está enraizada profundamente na *mesma unção messiânica de Cristo*<sup>255</sup>.

Podemos resumir este ponto com as seguintes palavras: viver o sacerdócio é deixar tudo para seguir Cristo, e segui-Lo até nas horas de Cruz<sup>256</sup>.

---

<sup>248</sup> Carta de 1991, n. 2.

<sup>249</sup> Carta de 1979, n. 4.

<sup>250</sup> Cf. Carta de 1998, n. 7.

<sup>251</sup> Cf. Carta de 2003, n. 23.

<sup>252</sup> Carta de 2003, n. 22.

<sup>253</sup> Cf. Carta de 1990, n. 1; Carta de 1997, n. 3.

<sup>254</sup> Cf. Carta de 2003, n. 36.

<sup>255</sup> Cf. Carta de 1984, n. 3.

<sup>256</sup> Cf. Carta de 1979, n. 4.

## 5. AO SERVIÇO DO BOM PASTOR

«Caros Irmãos, sois enviados como trabalhadores da vinha do Senhor (cf. Mt 20,1-16)»<sup>257</sup>. Iniciamos este ponto com este ‘grito’ do Papa João Paulo II aos sacerdotes.

Eles são participantes em Cristo à imagem do Bom Pastor<sup>258</sup>. Por Cristo, foram ‘constituídos’ pastores para cuidar das ovelhas e das ‘ovelhas sem pastor’. Daí alertar para que nenhum pastor se sinta inútil, mas que realize a sua acção melhor que nunca e que esta seja límpida e eficaz. ‘Hoje’ mais que nunca são necessários ‘bons pastores’<sup>259</sup>; sacerdotes como Aquele que serve<sup>260</sup>; pastores que renunciem a si mesmos, como é o exemplo de São João Maria Vianney. Nele a santificação concretizou-se no que fez para a santificação do próximo através dos sacramentos, que são gestos salvíficos de Cristo<sup>261</sup>; recordou também os sacerdotes que pelo martírio deram a vida, sendo exemplos do Bom Pastor<sup>262</sup>.

A participação no Sacerdócio de Cristo faz com que os sacerdotes sejam ministros do caminho para Cristo, da redenção do mundo e do Corpo e Sangue que foi derramado para a salvação de todos<sup>263</sup>; é o continuar da história de salvação dos Homens<sup>264</sup>. O sacerdote é aquele que deve encaminhar o Povo de Deus para o encontro definitivo com Cristo. O Santo Padre chama-lhe espiritualidade sacerdotal sob a forma da caridade pastoral. É o conduzir o povo a caminhar com ele (sacerdote), tendo os olhos sempre na meta (cf. Fl 3,13-14) com um viver sempre novo, porque vive apaixonado por Cristo e com São Paulo dizem: «Para mim, viver é Cristo» (Fl 1,21)<sup>265</sup>.

Pareceu-nos oportuno realizar, neste momento, a ligação que existe entre a Eucaristia e a Reconciliação, bem como a influência desta última na vida do sacerdote, tendo em conta a imagem do ‘Bom Pastor’.

---

<sup>257</sup> Carta de 1979, n. 5.

<sup>258</sup> Cf. Carta de 1979, n. 5; Carta de 1985, n. 4.

<sup>259</sup> Cf. Carta de 1984, n. 5.

<sup>260</sup> Cf. Carta de 1989, n. 4.

<sup>261</sup> Cf. Carta de 1986, n. 11.

<sup>262</sup> Cf. Carta de 2000, n. 5.

<sup>263</sup> Cf. Carta de 1993, n. 1.

<sup>264</sup> Cf. Carta de 1998, n. 2.

<sup>265</sup> Cf. Carta de 2005, n. 7.

O Santo Padre chamou a atenção para que a rotina eucarística não faça esquecer a necessidade do sacramento da Penitência<sup>266</sup>. Até porque há uma união entre Eucaristia e Reconciliação<sup>267</sup>. Ambas são sacramentos que Cristo deixou àqueles que escolheu para *‘permanecerem com Ele’* e a quem, depois na Ceia, disse: «Fazei isto em minha memória» (Lc 22,19). Hoje os sacerdotes participam deste mandato de Jesus a que o Santo Padre chama ‘apostolicidade da Eucaristia’<sup>268</sup>. É num sentido de vigilância que o sacerdote deve realizar a comunhão eucarística; é o estarem vigilantes no que se refere à comunhão do Corpo de Cristo<sup>269</sup>. Contudo, ele não é o proprietário da Eucaristia<sup>270</sup>.

Os sacerdotes devem estar conscientes de que estão ao serviço da reconciliação do ser humano com Deus que se cumpriu para sempre em Cristo. Terem bem presente que o Jubileu – refere-se ao Ano Santo da Redenção que se celebrou no ano de 1983 – foi proposto como um momento para a comunidade do Povo de Deus ganhar consciência do Mistério da Redenção e, para que tal pudesse acontecer, foi pedido aos sacerdotes que realizassem o que lhes é devido. Estarem disponíveis para o sacramento da Penitência, a fim de que por ele vivam na vida presente o que será a realidade futura, isto é, o Amor de Deus. O Papa convidou a que os sacerdotes vivessem o Ano Santo como «mestres da verdade de Deus sobre o perdão e a remissão»<sup>271</sup>, buscassem caminhos de ânimo para os Homens desse tempo e como ministros do sacramento da Penitência, manifestassem no serviço do confessor a especificidade do sacerdócio ministerial<sup>272</sup>; (convite este ainda muito actual). Um bom exemplo de estar ‘ao serviço do Bom Pastor’ é o serviço ao Povo de Deus pela oração e no serviço do confessor<sup>273</sup>.

A partir do exemplo de São João Maria Vianney, os sacerdotes foram (são) convidados a restituir ao mistério da reconciliação a sua importância. «É no confessor precisamente que se manifesta, acima de tudo a grande misericórdia de Deus»<sup>274</sup>. A partir

---

<sup>266</sup> Cf. Carta de 1980, n. 7.

<sup>267</sup> Cf. Carta de 1986, n. 8; Carta de 2002, n. 2; Carta de 2003, n. 37.

<sup>268</sup> Cf. Carta de 2004, n. 3; Carta de 2003, n. 26-33.

<sup>269</sup> Cf. Carta de 1980, n. 11.

<sup>270</sup> Cf. Carta de 1980, n. 12.

<sup>271</sup> Carta de 1983, n. 3.

<sup>272</sup> Cf. Carta de 1983, n. 3.

<sup>273</sup> Cf. Carta de 1986, n. 5.

<sup>274</sup> Carta de 1986, n. 7.

do santo de Ars, o Papa expressou o desejo de que os sacerdotes dedicassem mais tempo à confissão. O perdão realiza-se no encontro pessoal com Cristo crucificado e ali presente na pessoa do ministro. Ao dedicarem mais tempo ao serviço da reconciliação, esta disponibilidade deve mesmo sobrepor-se a outras tarefas, até porque com esse esforço pode-se obter bons frutos, como aconteceu com o Cura de Ars. Todavia, tem bem presente que o serviço do confessor é exigente e desgastante<sup>275</sup>. Há a necessidade de recomeçar, de redescobrir a Cristo para, assim, recomeçar d'Ele no amor aos irmãos. «Confesso-vos a minha admiração por este ministério discreto, perseverante, criativo, mesmo se, às vezes, banhado por aquelas lágrimas da alma que só Deus vê e “recolhe no Seu vaso” (cf. Sl 56 (55),9)»<sup>276</sup>. A Reconciliação deve ser o encontro com o rosto e a voz do Bom Pastor e com o acolher do amor de Deus ali presente na pessoa do ministro<sup>277</sup>.

### **5.1. A salvação do próximo dá sentido à vida sacerdotal**

«Jesus Cristo está no meio de nós e diz-nos: “Eu sou o Bom Pastor” (Jo 10,14)»<sup>278</sup>. Sendo Cristo a fonte primeira do sacerdócio, e visto que Ele, como Bom Pastor, deu a vida na Cruz, também o sacerdote é chamado a ser instrumento de salvação em Cristo. N'Ele o sacerdote encontra o caminho, a solicitude pela *salvação do próximo*, a razão de ser da sua vocação e o sentido para a vida que o chama à *perfeição e à santidade*<sup>279</sup>. São chamados como servidores do Povo<sup>280</sup>. A Igreja é peregrina e os sacerdotes estão chamados a guiá-la, a serem pastores, a serem como ministros do Bom Pastor<sup>281</sup>. Devem ter sempre presente a sua acção na missão redentora de Cristo, da qual os fiéis têm necessidade, esperam e têm direito a receber<sup>282</sup>. Por sua vez, o sacerdote, ao longo do seu ministério, acompanha os Homens nas mais variadas formas de vida, desde recém-nascidos, passando por crianças,

---

<sup>275</sup> Cf. Carta de 1986, n. 7.

<sup>276</sup> Carta de 2001, n. 3.

<sup>277</sup> Cf. Carta de 2002, n. 9

<sup>278</sup> Carta de 1984, n. 5.

<sup>279</sup> Cf. Carta de 1979, n. 5; Carta de 1986, n. 1.

<sup>280</sup> Cf. Carta de 1982, n. 1.

<sup>281</sup> Cf. Carta de 1987, n. 13.

<sup>282</sup> Cf. Carta de 1989, n. 4. 5.

adolescentes, jovens, adultos e idosos, todos estes com as mais variadas realidades e necessidades<sup>283</sup>.

«Nós [os sacerdotes] temos na mão – exactamente nas nossas “mãos vazias” – o poder dos meios de acção que o Senhor nos entregou»<sup>284</sup>. Estes meios de acção estão tanto na Palavra de Deus, como na Liturgia da Horas e nos Sacramentos – principalmente no da Penitência, que deve voltar a ter importância para os sacerdotes assim como para os fiéis – bem como na vida espiritual e são meios de salvação<sup>285</sup>. Realizam-se igualmente, no reunir e no guiar o Povo de Deus para celebrarem o dia em que Cristo ofereceu o Seu Corpo e Sangue<sup>286</sup>. Contudo, é pela acção do Espírito Santo, que os sacerdotes continuam, pela Eucaristia, a levar aos Homens a salvação de Cristo<sup>287</sup>. Entende-se, assim, o porquê de o Santo Padre ter realçado a importância da doxologia final com a qual se exprime a coroação do *'mysterium fidei'* pela acção do Espírito Santo que tornam o Pão e Vinho em Corpo e Sangue do mesmo Cristo<sup>288</sup>. Diz o Papa: «No nosso ministério, especialmente no serviço litúrgico, deve permanecer sempre viva a consciência de estarmos a caminho do Pai, guiados pelo Filho no Espírito Santo»<sup>289</sup>. Este mesmo Paráclito que realiza a Sua acção por meio dos sacerdotes<sup>290</sup>. Ele que acompanha os discípulos de Cristo no 'caminho da salvação' e que está nos vários momentos do encontro com o amado<sup>291</sup>. É o ser-se consagrado: pelo mistério da fé o sacerdote adora e faz com que os outros adorem o que pelas suas mãos, palavras e com o poder de Cristo e do Espírito Santo, se torna «verdadeira, real e substancialmente» em Corpo e Sangue de Cristo<sup>292</sup>.

«Um estreito vínculo une o nosso sacerdócio ao Espírito Santo e à sua missão»<sup>293</sup>. Na ordenação presbiteral o Espírito Santo actua de tal modo com os Seus dons que faz com

---

<sup>283</sup> Cf. Carta de 1996, n. 7.

<sup>284</sup> Carta de 1984, n. 5.

<sup>285</sup> Cf. Carta de 1984, n. 5.

<sup>286</sup> Cf. Carta de 1986, n. 1; Carta de 1989, n. 5.

<sup>287</sup> Cf. Carta de 1991, n. 1.

<sup>288</sup> Cf. Carta de 1999, n. 4.

<sup>289</sup> Carta de 1997, n. 2.

<sup>290</sup> Cf. Carta de 1987, n. 13.

<sup>291</sup> Cf. Carta de 1998, n. 1.

<sup>292</sup> Cf. Carta de 2005, n. 6.

<sup>293</sup> Carta de 1998.

que cada sacerdote continue o que Cristo iniciou com os Discípulos (cf. Jo 20,21-23)<sup>294</sup>. Um bom exemplo é o de Cristo ter ensinado a chamar Deus por “Pai-nosso”, mas este chamamento só é possível com o auxílio do Espírito Santo<sup>295</sup>. O Papa refere mesmo que os que receberam o sacerdócio ministerial têm uma especial atenção por parte do Espírito Santo na acção dos Seus dons; eles permitem lutar contra o mal e realizar uma melhor configuração à vida de Cristo<sup>296</sup>; o receber o Corpo e Sangue de Cristo faz aumentar o dom do Espírito Santo<sup>297</sup>. Refere ainda, como seria bom o sacerdote fazer com que a acção do Espírito Santo em si levasse a que ele conduzisse os fiéis até ao conhecimento do Pai e do Filho<sup>298</sup>. «Caminhamos, pois, juntamente com Cristo para o Pai»<sup>299</sup>. Este caminhar tem o seu ponto-chave na Cruz; daí todos os dias se repetir: “Em vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito” (cf. Lc 23,46), ansiando sempre o encontro com Cristo no Pai<sup>300</sup>.

«Quem quiser salvar a sua vida, há-de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há-de salvá-la» (Mc 8,35). Estas palavras, parecendo inexplicáveis e paradoxais, encontram a sua resolução assim que forem postas em prática<sup>301</sup>.

## **6. «A ARTE DE GUIAR AS ALMAS É A ARTE DAS ARTES»**

Os diversos caminhos realizados com verdade e com amor levam à unidade espiritual da Igreja e à sua salvação<sup>302</sup>. Os sacerdotes, como «servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus» (1Cor 4,1), são homens ao serviço da economia da salvação, instrumentos da graça e acção do Espírito Santo ‘com o poder da Cruz e Ressurreição de Cristo’<sup>303</sup>. Escreve o Papa: «O nosso sacerdócio é ministerial. Sim, nós devemos servir. E ‘servir’ quer dizer levar o homem aos próprios fundamentos da sua

---

<sup>294</sup> Cf. Carta de 1998.

<sup>295</sup> Cf. Carta de 1999, n. 1.

<sup>296</sup> Cf. Carta de 1998, n. 5.

<sup>297</sup> Cf. Carta de 2003, n. 17.

<sup>298</sup> Cf. Carta de 1998, n. 6.

<sup>299</sup> Carta de 1999, n. 2.

<sup>300</sup> Cf. Carta de 1999, n. 2.

<sup>301</sup> Cf. Carta de 1979, n. 5.

<sup>302</sup> Cf. Carta de 1979, n. 6.

<sup>303</sup> Cf. Carta de 1984, n. 2.

humanidade, ao cerne mais profundo da sua dignidade»<sup>304</sup>. Podemos ligar estas palavras do Santo Padre ao conhecido texto de Isaías (cf. Is 61,1-3). Isto mesmo está presente na atitude apostólica onde a pastoral passa por reunir o Povo de Deus para a Eucaristia, para a realização de catequeses e para a celebração da Penitência, mas também, pelo testemunho silencioso de fé em locais não cristãos. Serve de exemplo a vida de São João Maria Vianney<sup>305</sup> em quem o testemunho e as obras apostólicas se centram na ‘Eucaristia, na catequese e no sacramento da Penitência’<sup>306</sup>.

As palavras com que terminam as orações ajudam a recordar que estamos a caminho do Pai<sup>307</sup>. É como que o viver no ‘tempo’, junto com Cristo no caminhar para o Pai<sup>308</sup>. Este caminhar tem no sacramento da Penitência o encontro íntimo com Cristo. A isto mesmo levou o Jubileu do Ano 2000 a partir do qual, o Santo Padre, depois de referir a grande afluência que o sacramento da Penitência teve durante o Ano Santo, exortou a que este sinal não caia por terra<sup>309</sup>. Porém, há a necessidade de uma boa preparação para administrar o sacramento da Reconciliação para realizar este encontro do Homem com Deus<sup>310</sup>; bem como a necessidade de catequeses morais sobre a noção de pecado<sup>311</sup>. O Papa alertou que não se pode dar aquilo que não se tem<sup>312</sup>. Daí referir e recordar o convite realizado, um ano antes<sup>313</sup>, a redescobrir e fazer redescobrir a ‘beleza do sacramento da Reconciliação’. O sacerdote deve transparecer o amor e a luz de Cristo ao coração do Homem que procura o perdão de Deus. Insiste que vivam eles próprios o sacramento da Penitência como caminho que leva à santidade. Isto porque a partir deste sacramento os fiéis têm necessidade de encontrar o rosto de Cristo Bom Pastor e isso só é possível se o ministro o realizar com responsabilidade. É interessante a comparação que ele fez do sacramento da Reconciliação com a passagem entre Jesus e Zaqueu (cf. Lc 19,1-10). Isto

---

<sup>304</sup> Carta de 1984, n. 3.

<sup>305</sup> O segundo centenário do nascimento de São João Maria Vianney realizou-se no ano de 1986. O Santo Padre nesse ano escreve aos sacerdotes a partir dos inúmeros exemplos de vida deste santo. Destaca sobretudo, a sua vida ligada ao Sacramento da Penitência (Cf. Carta de 1986).

<sup>306</sup> Cf. Carta de 1986, n. 6.

<sup>307</sup> Cf. Carta de 1997, n. 2.

<sup>308</sup> Cf. Carta de 1999, n. 2.

<sup>309</sup> Cf. Carta de 2001, n. 4. 5.

<sup>310</sup> Cf. Carta de 2001, n. 13; Carta de 2002, n. 6.

<sup>311</sup> Cf. Carta de 2001, n. 15.

<sup>312</sup> Cf. Carta de 2001, n. 3.

<sup>313</sup> Cf. Carta de 2001, n. 12.

porque indicou de que forma os sacerdotes devem acolher aquelas pessoas que se abeiram do sacramento da Penitência sem saber para o que vêm ou à procura de outra coisa; a atitude é a mesma da de Cristo a Zaqueu. Para o Homem, isso pode tornar-se o lugar de encontro com Cristo, tal como aconteceu com Zaqueu. «No sacramento da Reconciliação, somos instrumentos dum encontro sobrenatural com leis próprias, que devemos apenas respeitar e favorecer»<sup>314</sup>. Diz ainda que «a confissão, antes de ser um caminho do homem para Deus, é a chegada de Deus à casa do homem»<sup>315</sup>. Recordou a importância da Palavra de Deus no sacramento da Penitência bem como o facto da Reconciliação dever conduzir sempre à alegria, a exemplo de Zaqueu quando recebeu Jesus (cf. Lc 19,6). Tal como Zaqueu, se o penitente se sentir tratado como filho irá comportar-se como filho. João Paulo II convidou a que se olhasse esta passagem como exemplo para o desempenho deste sacramento. Porém, chamou à atenção para o *rigorismo* – é a misericórdia de Deus que actua e não a do sacerdote – e para o *laxismo* – este sacramento deve fazer sentir a conversão, mudança de vida. Tanto um como outro devem ser usados com equilíbrio. Por último, a necessidade de uma pastoral juvenil onde o sacramento da Penitência esteja presente e seja incentivado, bem como as formações adequadas ao esclarecimento<sup>316</sup>.

«Sois portadores da graça de Cristo, eterno Sacerdote, e do carisma do Bom Pastor. E isto não podeis nunca esquecer-lo. A isto não podeis nunca renunciar»<sup>317</sup>.

### **6.1. «Adaptação» dos grandes santos ao seu tempo**

A partir dos santos aprende-se como viver o trabalho pastoral em íntima ligação ao Evangelho<sup>318</sup>. Os seus escritos são úteis para esta vivência, especialmente para a relação entre Eucaristia e Caridade<sup>319</sup>. A reforma litúrgica fez com que a participação dos fiéis fosse mais consciente e participativa no Sacrifício do Altar; a Adoração ao Santíssimo e a Procissão do Corpo de Deus também tiveram uma nova força e adesão<sup>320</sup>. Por sua vez, a

---

<sup>314</sup> Carta de 2002, n. 5.

<sup>315</sup> Carta de 2002, n. 6.

<sup>316</sup> Cf. Carta de 2002, n. 3-10.

<sup>317</sup> Carta de 1979, n. 6.

<sup>318</sup> Cf. Carta de 1979, n. 6; Carta de 1985, n. 4; Carta de 2000, n. 9.

<sup>319</sup> Cf. Carta de 1980, n. 5.

<sup>320</sup> Cf. Carta de 2003, n. 10.

Eucaristia leva a viver já as realidades futuras, no ‘já’ e ‘ainda não’. «Quem se alimenta de Cristo na Eucaristia não precisa de esperar o Além para receber a vida eterna: *já a possui na terra*, como primícias da plenitude futura, que envolverá o homem na sua totalidade»<sup>321</sup>.

«Esforçai-vos por ser “artistas” da pastoral»<sup>322</sup>. São João Maria Vianney é o exemplo, por excelência. É certo que alguns já vivem o seu sacerdócio sendo seguidores desta figura ímpar que foi e é este santo. No entanto, todos os sacerdotes foram e são convidados a seguir o testemunho do Cura de Ars adaptando-o à realidade de cada época, tendo sempre presente o Reino de Deus, com uma pastoral de proximidade e dedicação<sup>323</sup>. «No sacerdote, Cristo torna a viver a Sua Paixão pelas almas»<sup>324</sup>. É a participação na Redenção com o ‘nosso’ coração e com a ‘nossa’ carne. O testemunho vivo do Cura de Ars é, assim, um exemplo para toda a Igreja, mesmo para os nossos dias<sup>325</sup>.

Os sacerdotes têm que se sentir salvos para poderem ser testemunhas de salvação e encaminhar os Homens à Salvação. Este é o espírito missionário que cada um deve ter, levando cada um de nós a fazer «tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo» (1Cor 9,22)<sup>326</sup>. «Só vivendo como salvados é que nos tornamos arautos credíveis da salvação»<sup>327</sup>. Esta vivência pode ser entendida pelo facto de o sacerdote dever ser o guardião do “sacrossanto” Mistério. A relação com a Eucaristia faz dele homem sagrado. A sua vida deve transparecer isso mesmo, como é o exemplo de tantos santos que viveram dessa forma a seu sacerdócio e devoção à Eucaristia<sup>328</sup>.

## 7. DISPENSADORES E TESTEMUNHAS

«A vida sacerdotal é construída sobre o sacramento da Ordem, que imprime na nossa alma carácter indelével»<sup>329</sup>. O sacerdote deve converter-se para converter pelo

---

<sup>321</sup> Carta de 2003, n. 18.

<sup>322</sup> Carta de 1979, n. 6.

<sup>323</sup> Cf. Carta de 1986, n. 2.

<sup>324</sup> Carta de 1986, n. 11.

<sup>325</sup> Cf. Carta de 1986, n. 11.

<sup>326</sup> Cf. Carta de 2005, n. 4.

<sup>327</sup> Carta de 2005, n. 4.

<sup>328</sup> Cf. Carta de 2005, n. 6.

<sup>329</sup> Carta de 1979, n. 7.

testemunho<sup>330</sup>, e testemunho do Evangelho<sup>331</sup>.

O ser-se dispensadores e testemunhas leva a que optássemos por referir, mais uma vez, a importância da Eucaristia e, por sua vez, a vida pastoral. «O autêntico sentido da Eucaristia torna-se, de per si, escola de amor activo para com o próximo»<sup>332</sup>. A Eucaristia educa os sacerdotes no amor e no amor ao próximo; leva a que sendo vivida autenticamente seja crescimento para a dignidade humana e para a relação com o próximo<sup>333</sup>. Contudo, a sempre necessária preparação para a celebração da Eucaristia e a presença assídua junto do Sacrário para o encontro com Ele são outros exemplos deixados pelo sacerdote de Ars<sup>334</sup>. O testemunho do sacerdote está muito ligado à forma como se vive a Eucaristia<sup>335</sup>. E continuando com São João Maria Vianney, o Santo Padre refere a importância da catequese, que deve ser realizada a partir da Palavra de Deus. Diz ainda que a Palavra tem a mesma importância que o Corpo de Cristo. Exortou também a que, a exemplo deste santo, houvesse empenhamento no ensino da Palavra de Deus que a todos chama à conversão e à santidade<sup>336</sup>.

Um meio de ajuda para esta acção pastoral é o ‘Catecismo da Igreja Católica’<sup>337</sup>, que se pretende que seja um instrumento para aprofundar e realizar a comunhão e o testemunho. Ele permitirá aprofundar a fé e ser um contributo para a íntima união com Cristo. Para o Papa, o novo Catecismo é um contributo e um instrumento para o anúncio da Boa Nova, que os sacerdotes estão chamados a realizar. Fará que haja mais comunhão e igualdade no testemunho, bem como, na catequese que se venha a realizar<sup>338</sup>. O ‘Catecismo da Igreja Católica’ contém em si um tesouro para toda a Igreja<sup>339</sup>.

O Santo Padre convidou a que se realizasse e vivesse o culto Eucarístico fora da Eucaristia e deixou alguns exemplos: «A Igreja e o mundo têm grande necessidade do

---

<sup>330</sup> Cf. Carta de 1999, n. 6.

<sup>331</sup> Cf. Carta de 2001, n. 2.

<sup>332</sup> Carta de 1980, n. 6.

<sup>333</sup> Cf. Carta de 1980, n. 6.

<sup>334</sup> Cf. Carta de 1986, n. 8.

<sup>335</sup> Cf. Carta de 2000, n. 14.

<sup>336</sup> Cf. Carta de 1986, n. 9.

<sup>337</sup> O Santo Padre convidou a que se desse graças a Deus pelo dom do ‘Catecismo da Igreja Católica’ que foi apresentado a 11 de Outubro de 1992, no Vaticano (cf. Carta de 1993).

<sup>338</sup> Cf. Carta de 1993, n. 2.

<sup>339</sup> Cf. Carta de 1993, n. 3.

culto eucarístico. Jesus espera por nós neste Sacramento do Amor»<sup>340</sup>. Assim sendo, o sacerdote deve ser exemplo e testemunha de uma vivência eucarística<sup>341</sup>; ser aquilo que está chamado a ser e a agir com sacralidade perante Cristo<sup>342</sup>. Por aqui se compreende que a graça se viva através do testemunho e fidelidade a Deus<sup>343</sup>; esclarecedoras disto mesmo são as palavras do Papa quando diz: «Irmãos muito amados: saibamos reencontrar, dia após dia e ano após ano, *o conteúdo e a substância*, verdadeiramente inefáveis, do nosso sacerdócio nas profundezas do mistério da Redenção»<sup>344</sup>. Levados até ao Getsemani, os sacerdotes são também eles testemunhas da oração de Cristo que precede a realização sacrificial do Sacerdócio de Cristo, e isto é fundamental para os sacerdotes, em dia de *Quinta-feira Santa*<sup>345</sup>. Que os sacerdotes redescubram o sacerdócio a partir da Eucaristia e que façam com que os fiéis a reencontrem nas suas vidas, é outro desejo do Santo Padre<sup>346</sup>. Recorda que é da competência dos pastores estimular o culto eucarístico com o seu testemunho e as Adorações ao Santíssimo onde encontramos a presença real do próprio Cristo<sup>347</sup>. «É bom demorar-se com Ele e, inclinado sobre o seu peito como o discípulo predilecto (cf. Jo 13,25), deixar-se tocar pelo amor infinito do seu coração»<sup>348</sup>.

«É preciso que o sacerdote esteja muito perto dos jovens»<sup>349</sup>. A pastoral juvenil e a pastoral vocacional necessitam de acompanhamento. Tal como Jesus ao Jovem Rico (cf. Mt 19,16-26), assim o sacerdote deve ser para as jovens: lugar de ‘encontro, benevolência, disponibilidade’. Deve ser de temperamento reservado e deve indicar meios e caminhos para ocorrerem ‘diálogos de salvação’. Ser capaz de fazer com que os jovens sintam ‘confiança, alguém confidente para os problemas fundamentais, que ajuda nas questões espirituais e nas dúvidas de consciência’<sup>350</sup>. «O sacerdote que está em contacto com os jovens *deve saber ouvir e responder*»<sup>351</sup>. “Ele olhando-o amou-o” (cf. Mc 10,21). Isto

---

<sup>340</sup> Carta de 1980, n. 3.

<sup>341</sup> Cf. Carta de 1980, n. 12.

<sup>342</sup> Cf. Carta de 1982, n. 6.

<sup>343</sup> Cf. Carta de 1984, n. 2.

<sup>344</sup> Carta de 1984, n. 4.

<sup>345</sup> Cf. Carta de 1987, n. 8.

<sup>346</sup> Cf. Carta de 2000, n. 15.

<sup>347</sup> Cf. Carta de 2003, n. 25.

<sup>348</sup> Carta de 2003, n. 25.

<sup>349</sup> Carta de 1996, n. 7.

<sup>350</sup> Cf. Carta de 1985, 3-4. 7; Carta de 1996, n. 7.

<sup>351</sup> Carta de 1985, n. 5.

mesmo testemunham aqueles que fazem pastoral com jovens; primeiramente há que olhá-los com Amor, como fez Cristo. É pelo amor desinteressado e gratuito que os jovens sentem confiança. O Papa diz mesmo: «Cada um de nós, sacerdotes, deveria estar *preparado*, de maneira especial, *para esse amor gratuito*»<sup>352</sup>; acompanhado ‘pela bondade, dedicação e firmeza’. É a oração que leva ao amor desinteressado e ajuda a que saibam agir com os jovens dos dois sexos, adequando-se às necessidades de cada um. O bem maior que se pode oferecer é propor aos jovens que sigam Jesus Cristo. Não há maior bem, nem nenhum Homem pode oferecer bem maior que este. Seguir Cristo leva a descobrir a própria vocação a que está chamado. Porém, a primeira é a de ‘ser Homem’ e cristão. Se os sacerdotes souberem amar os jovens, saberão igualmente ajudar a discernir, com liberdade, qual a sua vocação. Exortou a estar atentos aos vários tipos de sofrimento que os jovens vivem. Para além da necessidade de ajuda, por vezes, a vocação nasce da ajuda recebida. Fá-los entender que o mundo de Jesus é o Reino dos Céus<sup>353</sup>.

A fonte perene da pastoral vocacional está no chamamento de Cristo, a partir do Cenáculo. O Papa responsabiliza os sacerdotes na tarefa de ajudar Cristo para que os que Ele chama escutem o convite. Primeiro que tudo isto está o testemunho como forma de atracção vocacional. Se os sacerdotes forem ‘enamoradores da Eucaristia’ comunicarão aos rapazes o ‘*enlevo eucarístico*’. Recordou que em quase todas as vocações está um bom testemunho de um sacerdote por detrás. Exortou a que os sacerdotes dessem especial atenção aos grupos de acólitos. Eles são uma espécie de ‘viveiro’ de vocações sacerdotais. Devem fazer chegar às famílias a importância de os seus filhos serem acólitos “como *“ rebentos em volta da mesa”* de Cristo, Pão da vida” (cf. Sl 128 (127),3). Os sacerdotes não esqueçam que o seu testemunho é singular para a vida dos jovens – acólitos – porque, ao participarem da Eucaristia, é das mãos dos sacerdotes que vêm ‘fazer-se’ a Eucaristia<sup>354</sup>.

É no ser em Cristo e para Cristo que o sacerdote deve ser imagem de Jesus; as pessoas esperam ‘ver’ a Cristo nos sacerdotes, especialmente os jovens. Eles sentem esta necessidade. Defende mesmo que se os jovens virem ‘Cristo’ no padre, se eles forem

---

<sup>352</sup> Carta de 1985, n. 6.

<sup>353</sup> Cf. Carta de 1985, n. 6-7.

<sup>354</sup> Cf. Carta de 2004, n. 5-6

«mais santos, mais alegres, se nos mostrarmos mais apaixonados no exercício do nosso ministério»<sup>355</sup> não hão-de faltar vocações<sup>356</sup>. «Um sacerdote ‘conquistado’ por Cristo (cf. Fl 3,12) pode mais facilmente ‘conquistar’ outros para a opção de fazerem a mesma aventura»<sup>357</sup>. Não devem esquecer que a falta de oração leva a que não se sinta o chamamento para o sacerdócio. O Santo Padre liga o dom da oração ao dom do chamamento. Sem um não há o outro. Daí a oração ser necessária a cada momento<sup>358</sup>.

Apesar de o Ano Internacional da Família em 1994 ter sido uma iniciativa das Nações Unidas, a Igreja participou de forma a olhar para o valor da família a partir da Família de Nazaré e reforçando a ideia das primeiras comunidades que a família é Igreja doméstica. O ‘Evangelho da família’ deve ser anunciado pela voz daqueles que exercem o mistério sacerdotal. O Santo Padre chamou a atenção para a grande importância que tem a pastoral familiar na ‘promoção do *apostolado dos leigos*’. Ele tomou como primeira atitude dos sacerdotes o convite à oração ‘com as famílias e pelas famílias’<sup>359</sup>. Diz o Papa: «Caros Irmãos, o apelo à oração com as famílias e pelas famílias diz respeito a cada um de vós, de uma forma muito pessoal. Devemos a vida aos nossos pais e temos para com eles uma *perene dívida de gratidão*»<sup>360</sup>.

A importância da mulher na vida do sacerdote é outro assunto tratado por João Paulo II<sup>361</sup>. Ele diz que «a primeira e fundamental relação que o ser humano estabelece com a mulher é precisamente a de filho com a mãe»<sup>362</sup>; diz ainda: «A mãe é a mulher a quem devemos a vida»<sup>363</sup>. Para além de nos gerar a vida, levou-nos à Igreja para nos tornarmos filhos adoptivos de Deus. Por isso mesmo, a própria vocação nasce, para muitos, da própria mãe, da sua oração e exemplo<sup>364</sup>. O Santo Padre desejou que se voltasse a ler e a reflectir a Carta Apostólica *Mulieris dignitatem* escrita em 1988. Até porque continua a ser

---

<sup>355</sup> Carta de 2005, n. 7.

<sup>356</sup> Cf. Carta de 2005, n. 7.

<sup>357</sup> Carta de 2005, n. 7.

<sup>358</sup> Cf. Carta de 1982, n. 8.

<sup>359</sup> Cf. Carta de 1994, n. 2.

<sup>360</sup> Carta de 1994, n. 4.

<sup>361</sup> Este tema está particularmente tratado na *Carta aos Sacerdotes* de 1995. De referir que neste mesmo ano realizou-se a Conferência Internacional de Pequim da ONU tendo como tema a Mulher.

<sup>362</sup> Carta de 1995, n. 1.

<sup>363</sup> Carta de 1995, n. 1.

<sup>364</sup> Cf. Carta de 1995, n. 1.

importante a figura de Maria – Mãe de Deus e Mãe da Igreja, quer pelos aspectos históricos e culturais, na vida da Igreja e dos países, mas também, de modo particular, na vida sacerdotal, que faz com que a mulher seja importante na ‘existência do sacerdote’<sup>365</sup>.

Para além da figura da mulher como mãe, o Santo Padre referiu a mulher como irmã na vida do sacerdote. É do ambiente de homens e mulheres que nascem as vocações sacerdotais e consagradas. Por sua vez, a vivência e o relacionamento, ao longo da vida, com pessoas de ambos os sexos ajudam a uma melhor vivência celibatária e permite ter a mulher como irmã. Ter os homens e as mulheres como irmãos e irmãs e tê-los também como filhos e filhas que são enviados como um ‘ministério de autêntica paternidade espiritual’. «A figura da ‘irmã’ representa, sem dúvida, uma específica manifestação da beleza espiritual da mulher; mas, ao mesmo tempo, é revelação da sua ‘intangibilidade’»<sup>366</sup>. Ter presente a figura de irmã ajuda a que o sacerdote, com a graça de Deus e a protecção de Maria, vivencie a confiança de tal forma que as mulheres serão para ele irmãs ou mães, consoante a idade. O sacerdote deve realizar em si esta forma de estar com as mulheres, tendo-as como mãe ou irmã. Assim, facilitará a sua convivência, mesmo no que se refere a nível pastoral. A mulher deve sentir que o sacerdote é um irmão<sup>367</sup>.

«O Sacerdote, em virtude da sua vocação e em ordem ao seu ministério, deve descobrir de um modo novo o problema da dignidade e da vocação da mulher, quer na Igreja, quer no mundo de hoje»<sup>368</sup>. O Santo Padre referiu a importância que tem o relacionamento dos sacerdotes com as mulheres, tal como a forma como eles devem acompanhar e defendê-las; para tal usa os exemplos de Jesus Cristo (cf. Jo 4,1-42; Jo 8,1-11; Lc 7,36-50; Lc 10,38-42; Jo 11,1-44; Mt 28,1-10).

Os sacerdotes não podem esquecer que a mulher também tem um papel no anúncio da Boa Nova; que elas acompanharam Jesus e estiveram junto à Cruz, foi por meio delas que se deu o anúncio da Ressurreição e que elas participam na missão sacerdotal de Cristo pelo Baptismo<sup>369</sup>. Escreve o Papa:

---

<sup>365</sup> Cf. Carta de 1995, n. 2.

<sup>366</sup> Carta de 1995, n. 5.

<sup>367</sup> Cf. Carta de 1995, n. 4-5.

<sup>368</sup> Carta de 1988, n. 5.

<sup>369</sup> Cf. Carta de 1995, n. 6.

«A relação do sacerdote com a mulher, enquanto mãe e irmã, enriquece-se com um novo aspecto, graças à tradição mariana: o do serviço, à imitação de Maria serva. Se o sacerdócio é, por sua natureza, ministerial, importa vivê-lo em união com a Mãe, que é serva do Senhor. Então, o nosso sacerdócio será guardado nas suas mãos, melhor no seu coração, e poderemos alargá-lo a todos»<sup>370</sup>.

Um outro testemunho é o serviço realizado no confessional. O Papa chega mesmo a referir que a ‘Hora’ de Cristo foi realizada por São João Maria Vianney especialmente no serviço do confessional, ‘hora’ em que o sacerdote também é chamado por vocação ao serviço<sup>371</sup>.

Adverte e preocupa-se com a falta de sensibilidade, compreensão e fome da comunhão eucarística. Contudo, o contrário acontece cada vez mais, isto é, fiéis que se apresentam para comungar sem preparação interior. Tal acção pode estar ligada ao facto de entenderem a Eucaristia somente como um banquete; daí que os sacerdotes devam ser vigilantes e ensinadores para uma melhor compreensão<sup>372</sup>.

### **7.1. A laicização da vida sacramental**

Os Homens esperam dos clérigos uma personalidade sacerdotal forte e clara. Até porque quem defende a secularização dos sacerdotes serão, por certo, os primeiros a abandoná-los por deixarem de ser necessários e populares. No entanto, não devemos ceder a esta provocação, antes devemos ser testemunhas<sup>373</sup>. «Assim, na vocação Sacerdotal de um pastor tem de haver um espaço peculiar para as pessoas dos leigos e para a sua ‘laicidade’, a qual, de per si, é um grande bem da Igreja»<sup>374</sup>. Pelos sacramentos do Baptismo e Confirmação os leigos adquirem o essencial da sua vocação; por sua vez, os sacerdotes não seriam ministros de Cristo se não fossem testemunhas e dispensadores de uma vida terrena distinta, nem poderiam servir os Homens<sup>375</sup>. O sacerdote amando a glória

---

<sup>370</sup> Carta de 1995, n. 8.

<sup>371</sup> Carta de 1987, n. 9. 3.

<sup>372</sup> Cf. Carta de 1980, n. 11.

<sup>373</sup> Cf. Carta de 1979, n. 7.

<sup>374</sup> Carta de 1989, n. 5.

<sup>375</sup> Cf. Carta de 1989, n. 5.

de Deus não se afasta de tudo o resto, bem pelo contrário, capacita-o a descobrir a sua essência<sup>376</sup>.

Porém, o ministério sacerdotal é de ordem diferente do comum dos fiéis. Ele está chamado a agir em nome de Cristo – Cabeça, a fim de caminhar, a partir das suas acções pastorais, no desígnio salvífico de Deus. «Numa palavra, a nossa identidade de Sacerdotes manifesta-se no desenvolvimento “criativo” do amor pelas almas comunicado por Cristo Jesus»<sup>377</sup>, assim refere João Paulo II. Mesmo sabendo-se que a laicização do sacerdote é prejudicial, isto não quer dizer que ele se deva isolar do mundo, bem pelo contrário. A exemplo de João Maria Vianney, deve ser testemunha de uma vida que tem como horizonte o Reino de Deus, numa dimensão vertical<sup>378</sup>. A atitude de estar ao serviço dos Homens, e de ser testemunha de vida em Cristo, permite realizar a função de reunir o Povo para o qual está chamado. Esta reunião é realizada em nome de Cristo e não em nome pessoal, visto terem recebido do Espírito Santo esse mesmo dom<sup>379</sup>. O testemunho que o sacerdote dá de Cristo é diminuto, imperfeito e defeituoso. Todavia, é o Espírito Santo que realiza o trabalho no sacerdote, de forma que este seja testemunha, isto porque sozinho nada pode realizar. Assim, o sacerdote deve ter sempre o seu ser aberto à voz e à acção do Espírito Paráclito<sup>380</sup>.

O mundo contemporâneo tem sede de Cristo. Para que essa sede seja saciada verdadeiramente são necessárias autênticas testemunhas, é o mesmo que dizer bons homens de Deus – padres<sup>381</sup>. O Santo Padre afirmou que os sacerdotes têm que desenvolver uma ‘espiritualidade da memória’, até porque é a isso mesmo que convidam as palavras de Jesus: «Fazei isto em minha memória» (Lc 22,19). Tendo em conta a sociedade hoje, eles devem ser aqueles que fazem o ‘memorial’ que torna presente Cristo, a partir das Escrituras, da sua vida e da Eucaristia<sup>382</sup>.

---

<sup>376</sup> Cf. Carta de 1996, n. 7.

<sup>377</sup> Carta de 1986, n. 10.

<sup>378</sup> Cf. Carta de 1986, n. 10; Carta de 1989, n. 4; Carta de 1998, n. 7.

<sup>379</sup> Cf. Carta de 1989, n. 6; Carta de 1998, n. 4.

<sup>380</sup> Cf. Carta de 1991, n. 3.

<sup>381</sup> Cf. Carta de 2001, n. 3.

<sup>382</sup> Cf. Carta de 2005, n. 5.

## 7.2. Esperam que sejamos homens de oração

Dos sacerdotes espera-se que sejam homens de oração e homens próximos das pessoas. No meio dos problemas das pessoas, eles não devem esquecer a vocação a que foram chamados, isto é, a serem realmente sacerdotes, bem como, não se podem esquecer que é no Evangelho, melhor, no próprio Cristo que se encontram as respostas<sup>383</sup>. A vida do Cura de Ars foi e é modelo para aqueles que se preparam para o sacerdócio pois o seu caminho foi doloroso; mas foi pelo trabalho e oração que ultrapassou as dificuldades, até porque tinha o grande desejo de ‘ganhar almas para Deus’<sup>384</sup>. Ele é um paradigma do zelo sacerdotal que se configura no amor sem limites a Deus e no desejo de salvar os Homens pelas quais Cristo deu a vida. As suas palavras reflectem esse mesmo amor: «O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus»<sup>385</sup>. «Oh meu Deus, eu prefiro antes morrer amando-vos, do que viver um só instante sem Vos amar... Eu amo-Vos, meu divino Salvador, porque Vós fostes crucificado por mim... porque me sustendes crucificado para Vós»<sup>386</sup>. Por Cristo, ele viveu a radicalidade que Jesus propõe aos seus discípulos: oração, pobreza, humildade, renúncia a si mesmo e penitência voluntária. Como Cristo, ele entregou-se à pastoral sem limites e no sacrifício de si mesmo. O Santo Padre exortou a que se vivesse o sacerdócio como marco de missão e dinamismo pastoral no coração de Jesus, como fez o Cura de Ars no amor aos Homens. Sem esta fonte, o ministério corre o perigo de dar poucos frutos<sup>387</sup>. Tal atitude faz com que, vivendo as realidades terrenas, o sacerdote encaminhe e viva com os olhos postos na Salvação eterna<sup>388</sup>. É no estar próximo e ajudando a encaminhar o Homem para o encontro com Deus que o próprio sacerdote realiza o seu caminho de santificação. «O sacerdote torna-se aquele a quem as pessoas confiam as coisas mais íntimas e os seus segredos, por vezes tão dolorosos»<sup>389</sup>.

Para crentes e não crentes, do sacerdote é esperado que seja homem de oração. Sinal pela disposição e testemunho do Amor de Cristo que é o próprio Deus<sup>390</sup>. A oração

---

<sup>383</sup> Cf. Carta de 1979, n. 7.

<sup>384</sup> Cf. Carta de 1986, n. 3; Carta de 1987, n. 9.

<sup>385</sup> Carta de 1986, n. 4.

<sup>386</sup> Carta de 1986, n. 4.

<sup>387</sup> Cf. Carta de 1986, n. 4.

<sup>388</sup> Cf. Carta de 1979, n. 7.

<sup>389</sup> Carta de 1996, 7.

<sup>390</sup> Cf. Carta de 1979, n. 7; Carta de 1987, n. 10.

dos sacerdotes deve levar os Homens à oração. A partir do exemplo de Jesus, que é mestre de oração, esta deve ser realizada em favor de todos; seja qual for a sua disposição no mundo. O ser-se sacerdote para os outros, segundo o modelo de Cristo, é ser-se oração. O Santo Padre reconhece que todas as vertentes pastorais e de serviço não são fáceis e chegam a ser penosas, contudo, está certo que pela oração é possível superar todos os sacrifícios<sup>391</sup>. Por isso, encorajou a que os sacerdotes na sua missão encaminhassem a comunidade para a oração<sup>392</sup>. O sacerdote deve doar-se também. Não se pode pensar num sacerdote que não se sinta implicado nas palavras da consagração – ‘tomai e comei’ – ele deve doar-se à comunidade, estar ao dispor, ao serviço, numa entrega de amor, a exemplo de Cristo e da Trindade Santíssima<sup>393</sup>.

### **7.3. O mistério sacerdotal dos contemplativos**

Uma brevíssima palavra sobre o sacerdócio ministerial nos religiosos contemplativos.

Mesmo o padre religioso está chamado a ser como Bom Pastor que conduz à salvação. «E todos devemos reflectir bem nisto: a nenhum de nós é lícito merecer o nome de “mercenário”, ou seja, de alguém a quem as ovelhas não pertencem”, de alguém que “ao ver chegar o lobo, abandona as ovelhas e foge; e assim o lobo as arrebatou e dispersa”»<sup>394</sup>. Decorrente disto, o Santo Padre deseja que a personalidade sacerdotal seja a do Bom Pastor que faz com que os Homens tenham vida em abundância (cf. Jo 10,10) e que nenhum se perca (cf. Jo 17,12), mas que tenham a vida eterna<sup>395</sup>.

## **8. SIGNIFICADO DO CELIBATO**

Este ponto encaminha-nos para o significado do celibato na vida do sacerdote<sup>396</sup>. O

---

<sup>391</sup> Cf. Carta de 1987, n. 11-12; Carta de 1999, n. 6.

<sup>392</sup> Cf. Carta de 1999, n. 6.

<sup>393</sup> Cf. Carta de 2005, n. 3.

<sup>394</sup> Carta de 1979, n. 7.

<sup>395</sup> Cf. Carta de 1979, n. 7.

<sup>396</sup> O tema sobre o Celibato, contra aquilo que talvez se pudesse esperar, não é muito referido ao longo de todas as *Cartas*. Parece-nos oportuno também mencionar, e visto que, em parte, está ligado a este tema,

Santo Padre toca neste tema, que foi tratado no Concílio, na Encíclica *Sacerdotalis Caelibatus* de Paulo VI, em 1967, e no Sínodo dos Bispos em 1971, de uma forma mais amadurecida e para reforçar a decisão que a Igreja Católica assumiu<sup>397</sup>.

O sacerdote reconhece-se em Maria e na sua virgindade porque Ela é pura e fiel ao Esposo que é Jesus esposo da Igreja (cf. Ef 5,32); igualmente se recorda que é participante do sacerdócio de Cristo no qual e pelo qual deve ser fiel a Cristo, à Igreja e à sua vocação. Nesta analogia Igreja – Maria compreende-se a vivência celibatária dos sacerdotes que se «fizeram eunucos a si mesmos, por amor do Reino do Céu» (Mt 19,12)<sup>398</sup>. Diz ainda o Papa: «Renunciamos livremente ao matrimónio, a construir uma família, para podermos servir melhor a Deus e aos nossos irmãos»<sup>399</sup>. É na vivência de uma paternidade ‘segundo o espírito’, que ao mesmo tempo tem características maternas, e não ‘segundo a carne’, que o sacerdote é convidado à íntima vida com a Igreja. Para tal tem o exemplo da pureza e fidelidade da Virgem Maria<sup>400</sup>. «É necessário recorrer a esta Mãe – Virgem, quando encontramos dificuldades no caminho escolhido, de uma vez para sempre»<sup>401</sup>. Assim, para uma boa vivência do celibato é necessário recorrer a Maria, Virgem e Mãe, para ultrapassar as dificuldades, afirmar a vivência e realizar a ‘paternidade do Espírito’<sup>402</sup>.

### 8.1. Herança da Igreja latina

Para além de ser uma vertente da Tradição, esta herança é muito mais um querer compreender as palavras de Cristo e seguir o Seu exemplo (cf. Mt 19,12), até porque a Igreja Latina tem consciência de que este é um tesouro que possuímos por amor ao Reino dos Céus<sup>403</sup>. O celibato é apenas uma das dimensões da vocação, mas está presente para toda a vida<sup>404</sup>.

---

que somente na *Carta de 2002*, o Santo Padre refere o problema de pedofilia e fá-lo mais num contexto de reconciliação e oração do que propriamente num contexto de Celibato.

<sup>397</sup> Cf. Carta de 1979, n. 8.

<sup>398</sup> Cf. Carta de 1988, n. 5.

<sup>399</sup> Carta de 1988, n. 5.

<sup>400</sup> Cf. Carta de 1988, n. 5.

<sup>401</sup> Carta de 1988, n. 5.

<sup>402</sup> Cf. Carta de 1988, n. 5.

<sup>403</sup> Cf. Carta de 1979, n. 8; Carta de 1995, n. 5.

<sup>404</sup> Cf. Carta de 1996, n. 5.

## 8.2. Dom do Espírito, diverso da vocação ao amor conjugal

Tê-lo como tesouro não é desprezar o valor do matrimónio. «O motivo essencial, próprio e adequado, está contido, sim, na verdade que Cristo declarou, ao falar da renúncia ao matrimónio por amor do reino dos Céus, e que São Paulo proclamou, ao escrever que na Igreja cada um tem o seu dom (cf. 1Cor 7,7)»<sup>405</sup>.

«O celibato é exactamente ‘dom do Espírito’»<sup>406</sup>. O celibato é dom magnífico voluntariamente consagrado ao Senhor<sup>407</sup>. É certo que o matrimónio também tem o seu dom. Contudo, para bem do Povo é necessário que alguns membros deste mesmo Povo vivam a dom do celibato<sup>408</sup>. «O celibato “por amor do Reino” (Mt 19,12) não é apenas um sinal escatológico. Tem também grande significado social na vida presente, no serviço a prestar ao Povo de Deus»<sup>409</sup>. Ele deve ser entendido não como negação à dignidade ou fuga do matrimónio, mas como um outro caminho pelo Reino de Deus, leva a que na vivência celibatária o sacerdote só possa ter a mulher como irmã<sup>410</sup>. Pelo celibato, o sacerdote torna-se doação plena assumindo a figura paternal e maternal para os Homens que o Bom Pastor lhe confiou como filhos do seu espírito<sup>411</sup>. «O celibato é sinal de liberdade para servir»<sup>412</sup>.

## 9. PROVA E RESPONSABILIDADE

Este ponto sobre a ‘prova e responsabilidade’ é apresentado de uma forma brevíssima<sup>413</sup>. Esta prova e responsabilidade está alicerçada na consciência e na liberdade.

---

<sup>405</sup> Carta de 1979, n. 8.

<sup>406</sup> Carta de 1979, n. 8.

<sup>407</sup> Cf. Carta de 1984, n. 4.

<sup>408</sup> Cf. Carta de 1979, n. 8.

<sup>409</sup> Carta de 1979, n. 8.

<sup>410</sup> Cf. Carta de 1995, n. 5.

<sup>411</sup> Cf. Carta de 1979, n. 8.

<sup>412</sup> Carta de 1979, n. 8.

<sup>413</sup> Este ponto quase não é tratado nas restantes *Cartas*. Mas visto que seguimos o esquema da *Carta de 1979*, achamos por bem manter, mesmo que de forma muito breve.

Para uma vivência celibatária são necessários vários anos de preparação, profunda reflexão e assídua oração. Por isto mesmo é um ‘dom’ que Cristo concede<sup>414</sup>.

### **9.1. Fidelidade à palavra dada – as dispensas**

A fidelidade à palavra dada é algo pedido ao sacerdote para que este seja fiel e responsável para com Cristo e a Igreja. Para manter esta fidelidade, tem ao seu dispor como instrumento a oração; é pela oração que o sacerdote ultrapassa as provas e tentações. Esta fidelidade a Cristo é a mesma que à sua própria consciência e à dignidade humana<sup>415</sup>. «A vocação ao celibato exige ser conscientemente defendida, com uma especial vigilância sobre os sentimentos e a própria conduta inteira»<sup>416</sup>.

Porém, o Santo Padre pede e alerta a que nos momentos de crise não é conveniente pedir logo dispensa. Deve-se entender como um direito que Deus tem e para o qual presta o auxílio necessário<sup>417</sup>. Exorta a que se realize a oração pelas vocações e pelos sacerdotes, para que estes se mantenham fiéis à palavra<sup>418</sup>. De igual modo, que os sacerdotes sejam fiéis ao sacerdócio, rezem uns pelos outros como família espiritual, bem como, por aqueles que o Senhor lhes confia e necessitam de oração<sup>419</sup>. Mesmo com algum crescimento espiritual houve, no pós-Concílio, o surgir de uma crise. Porém, perante uma crise, não se pode duvidar da força do amor de Cristo<sup>420</sup>. Segundo o Papa, o sacerdócio vive-se na medida em que os sacerdotes forem fiéis ao ministério de Deus, particularmente ao da Eucaristia. O ministério sacerdotal cresce amando-o e realizando-o segundo os desígnios de Deus. Por outras palavras, o que o Santo Padre quer dizer é que o sacerdócio não é realizado somente no dia da ordenação, mas este tem que ser dinâmico, num contínuo crescimento<sup>421</sup>.

---

<sup>414</sup> Cf. Carta de 1979, n. 9.

<sup>415</sup> Cf. Carta de 1979, n. 9; Carta de 1980, n. 11.

<sup>416</sup> Carta de 1995, n. 5.

<sup>417</sup> Cf. Carta de 1979, n. 9.

<sup>418</sup> Cf. Carta de 1991, n. 2.

<sup>419</sup> Cf. Carta de 1994, n. 4.

<sup>420</sup> Cf. Carta de 1982, n. 6.

<sup>421</sup> Cf. Carta de 1996, n. 5.

Também aqui o sacerdote não pode deixar de estar vigilante na sua relação com uma mulher. Deve manter-se fiel à sua vocação e à palavra dada. Os perigos do mundo e a forma como apresenta a mulher – instrumento – pode levar a que os sacerdotes caiam na tentação e não sejam fiéis ao dom do celibato. Daí a exortação do Papa para que tal não suceda<sup>422</sup>.

## **9.2. Os que estão unidos pelo matrimónio têm direito a esperar de nós testemunho de fidelidade até à morte**

A fidelidade e a forma como os sacerdotes ultrapassam as provas são exemplos para aqueles que têm essa dificuldade no matrimónio. «O amor, de facto, em todas as suas dimensões, não é apenas chamamento, mas também dever»<sup>423</sup>. Por este testemunho, até à morte, realiza-se a edificação do Corpo de Cristo. Se assim não acontecer, a estrutura espiritual fica abalada e abalado fica o desenvolvimento da personalidade humana de todo o cristão<sup>424</sup>.

## **10. É PRECISO CONVERTER-SE TODOS OS DIAS**

«A Igreja, ao empenhar-se em manter o celibato dos sacerdotes como dom particular para o reino de Deus, professa a fé e exprime a esperança no seu Mestre, Redentor e Esposo e n'Aquele que é ao mesmo tempo “senhor da messe” e “doador do dom” (cf. Mt 9,38; 1Cor7,7)»<sup>425</sup>. Inicia-se este ponto com esta pequena referência à vivência do celibato. Contudo, é como que a forma de lançamento para fazer recordar aos sacerdotes que, para além de serem chamados para ajudar os Homens a converter-se, também a eles lhes é pedido que se convertam no dia-a-dia<sup>426</sup>.

O sacerdote converte-se, isto é, ‘dá conta’ das suas negligências e pecados, da sua maneira de pensar meramente humana, no recorrer ao amor de Deus pelo perdão, no

---

<sup>422</sup> Cf. Carta de 1995, n. 5.

<sup>423</sup> Carta de 1979, n. 9.

<sup>424</sup> Cf. Carta de 1979, n. 9; Carta de 1996, n. 5.

<sup>425</sup> Carta de 1979, n. 10.

<sup>426</sup> Cf. Carta de 1979, n. 10.

recomeçar, nas conquistas espirituais, no dar-se com alegria<sup>427</sup>. Daí a importância da Penitência, como diz o Papa: esta «pressupõe também, na pessoa do confessor, grandes qualidades humanas e, acima de tudo, uma vida espiritual intensa e sincera; é necessário que o próprio sacerdote recorra com regularidade a este Sacramento para seu proveito»<sup>428</sup>. Ele realiza o convite a redescobrir a vocação como “mistério de misericórdia”; a exemplo de Pedro, que confia na palavra de Cristo. Ele encheu-se de temor, mas Cristo diz-lhe que será pescador de Homens (cf. Lc 5,8-10). Por sua vez, depois das negações, Pedro responde que ama a Cristo. Este mesmo amor faz com que a ele seja confiada a missão de apascentar as ovelhas (cf. Jo 21,15-17). Um e outro caso são atitudes e responsabilidades que os sacerdotes possuem; mas recorde-se que é realizada, quer uma quer outra, através da misericórdia. Esta mesma misericórdia está igualmente presente na vida de Paulo (cf. 1Cor 15,9). «Quanto mais se é cumulado pela misericórdia, mais se sente a necessidade de testemunhá-la e irradiá-la»<sup>429</sup>.

Os exemplos dos dois Apóstolos devem levar a que haja uma maior entrega à Misericórdia de Deus, esta mesma Misericórdia que leva à santidade. João Paulo II exorta ainda a que os sacerdotes procurem a absolvição junto de outros sacerdotes. «É belo poder confessar os nossos pecados, e sentir como um bálsamo a palavra que nos inunda de misericórdia e nos faz retomar o caminho»<sup>430</sup>. Só quem conhece o sentir do amor de Deus pelo perdão o pode transmitir a quem o procura para o perdão. E insistindo mais uma vez a que os sacerdotes se confessem, defende que é pelo sacramento da Penitência que os ministros ficam menos indignos, com um coração mais puro, como pede o salmista (cf. Sl 51 (50),12)<sup>431</sup>. À penitência está ligada a oração<sup>432</sup>.

Esta mesma conversão realiza-se de forma sublime e ímpar no culto e mistério eucarístico. Ela é realizada por Cristo e é dirigida a Deus Pai que enviou o Seu Filho ao Mundo (cf. Jo 3,16); dirige-se no Espírito Santo, Aquele que vivifica. Isto mesmo leva-nos a uma outra característica que é o facto de quer a Eucaristia, quer o Santíssimo

---

<sup>427</sup> Cf. Carta de 1979, n. 10; Carta de 1982, n. 4.

<sup>428</sup> Carta de 1986, n. 7.

<sup>429</sup> Carta de 2001, n. 8.

<sup>430</sup> Carta de 2001, n. 9.

<sup>431</sup> Cf. Carta de 2001, n. 7-11.

<sup>432</sup> Cf. Carta de 1986, n. 11.

Sacramento, serem uma resposta de retribuição, de acção de graças e de louvor pelo amor de Cristo na Paixão, Morte e Ressurreição<sup>433</sup>. O alimento Eucarístico é fonte de vida e sustento. De igual modo, tornando-se vida, faz com que se adore o Pai tal como foi referido pelo Filho (cf. Jo 4,23)<sup>434</sup>. Segundo o Papa, os sacerdotes devem fazer um exame de consciência, para verem qual o verdadeiro valor da Eucaristia nas suas vidas, a exemplo do santo Cura de Ars<sup>435</sup>. Devem meditar em seu coração a grandeza e o dom recebido pelo Espírito Santo, aquando da imposição das mãos<sup>436</sup>. «Celebremos sempre com fervor a Santa Eucaristia. Detenhamo-nos com frequência e prolongadamente em adoração diante de Cristo eucarístico. De algum modo inscrevamo-nos na ‘escola’ da Eucaristia»<sup>437</sup>. O confronto e a força que se encontra na Eucaristia é que permitem ultrapassar dificuldades, como testemunham muitos sacerdotes<sup>438</sup>. Devem dedicar-se e celebrar a Eucaristia diariamente porque ela é o centro do seu ministério e fonte da energia espiritual que faz com que tenham forças para as outras actividades pastorais<sup>439</sup>. É o voltar constantemente ao Cenáculo<sup>440</sup>.

A vivência da verdadeira dimensão e beleza do sacerdócio leva a uma acção de graças contínua pelo dom do sacerdócio imerecido<sup>441</sup>. «Sabemos que somos “servos inúteis” (Lc 17,10), mas sentimo-nos gratos ao Senhor porque quis fazer de nós [sacerdotes] seus ministros»<sup>442</sup>. Esta mesma gratidão reflecte-se no louvor que os sacerdotes realizam a Deus para que a ‘juventude do coração’ permaneça<sup>443</sup>. É tão grande o dom de Deus para com os sacerdotes que estes podem descobrir os sinais da predilecção divina<sup>444</sup>. Contudo, invocar muitas vezes e deixar actuar o Espírito Santo são elementos importantes<sup>445</sup>.

---

<sup>433</sup> Cf. Carta de 1980, n. 3.

<sup>434</sup> Cf. Carta de 1980, n. 7.

<sup>435</sup> Cf. Carta de 1986, n. 8.

<sup>436</sup> Cf. Carta de 1991, n. 1.

<sup>437</sup> Carta de 2000, n. 14.

<sup>438</sup> Cf. Carta de 2000, n. 14.

<sup>439</sup> Cf. Carta de 2003, n. 31.

<sup>440</sup> Cf. Carta de 2000, n. 3.

<sup>441</sup> Cf. Carta de 1982, n. 2.

<sup>442</sup> Carta de 1996, n. 8.

<sup>443</sup> Cf. Carta de 1985, n. 7.

<sup>444</sup> Cf. Carta de 1984, n. 4.

<sup>445</sup> Cf. Carta de 1990, n. 5.

«A vocação sacerdotal é um chamamento especial ao ‘*officium laudis*’»<sup>446</sup>. Em toda a actividade do sacerdote, quer pastoral, litúrgica ou social, ele deve dar louvor a Deus e fazer com que os outros o façam também. O ‘*officium laudis*’ não é somente litúrgico e para entoar nos edifícios da Igreja, ele alarga-se ao mundo inteiro que recebe continuamente o dom da criação que se realizou no Mistério da Redenção e mais definitivamente no Mistério Pascal. O sacerdote, só vivendo mais profundamente a sua participação no ‘*officium laudis*’ poderá estar em contacto com a realidade humana, em contacto com os problemas dos Homens, bem como, com o mal do pecado<sup>447</sup>.

### 10.1. Oração

A oração é o ‘alfa e o ómega’ da conversão. É por ela que se realiza o progresso espiritual<sup>448</sup>.

Cristo é fonte e modelo da vocação sacerdotal<sup>449</sup>. Todavia, a oração pela própria vocação é fundamental, como diz o Papa: «Queridos Irmãos no sacerdócio, devemos frequentemente deter-nos a rezar, meditando no mistério da nossa vocação, com o coração repleto de encanto e gratidão para com Deus por dom tão inefável»<sup>450</sup>. Convidou a que, a partir da frase de São Paulo: «Considerai [...], irmãos, a vossa vocação» (1Cor 1,26), cada sacerdote examine a sua vocação com frequência; o ‘considerar’ torna-se oração<sup>451</sup>. A Eucaristia é também a oração pelas vocações, por excelência<sup>452</sup>. A necessidade de novas vocações tem a sua solução na oração, contudo, refere o Papa, tem havido pouca oração<sup>453</sup>. «É a oração que dá o estilo essencial do sacerdócio»<sup>454</sup>.

---

<sup>446</sup> Carta de 1996, n. 6.

<sup>447</sup> Cf. Carta de 1996, n. 6.

<sup>448</sup> No ano de 1982, o Santo Padre escreve uma oração, inspirada pela fé e nascida do coração, que se dirige a Cristo e, desta forma, a quis fazer oração de todos os sacerdotes.

<sup>449</sup> Cf. Carta de 1991, n. 1.

<sup>450</sup> Carta de 1996, n. 3.

<sup>451</sup> Cf. Carta de 1996, n. 8. Nesta mesma *Carta* o Santo Padre deixou também algumas datas para cada sacerdote considerar a sua vocação: *Quinta-feira Santa*, o aniversário de ordenação, principalmente nos jubileus sacerdotais. Deixou também o exemplo do seu cinquentenário da ordenação sacerdotal. Recordou as dificuldades, mas deu graças a Deus por tão grande dom. Convidou para o *Te Deum* pelo dom da vocação. Isto foi de tal forma importante que se reflectiu na vida de muitos sacerdotes.

<sup>452</sup> Cf. Carta de 2003, n. 31.

<sup>453</sup> Cf. Carta de 1984, n. 5.

<sup>454</sup> Carta de 1979, n. 10.

É pela oração que se mantém acesa a luz que guiou ao sacerdócio e é por ela que se realiza a conversão<sup>455</sup>. É pelo amadurecimento interior, por uma clara vivência e ensino e, muito mais ainda, é necessário que isto seja fruto da oração que une a Cristo, pela acção do Espírito Santo. Porém, nunca se podem esquecer que é a Deus que anunciam e não devem anunciar-se a si mesmos, isto porque “só Ele é bom” (cf. Mt 19,17)<sup>456</sup>. Voltamos ao exemplo de São João Maria Vianney, no que diz respeito à vida de oração. Ele tinha bem presente a oração contemplativa, silenciosa junto do Sacrário, a dedicação à Liturgia das Horas e ao Terço<sup>457</sup>. A Liturgia das Horas e a Adoração Eucarística ajudam a manter a consciência de que são «servos de Cristo» e «administradores dos mistérios de Deus» (1Cor 4,1)<sup>458</sup>. Exortou a que os sacerdotes não tenham medo de viver o compromisso de ascese, inspirando-se no Amor de Deus, a qual permite exercer dignamente o sacerdócio<sup>459</sup>.

«A oração ajuda-nos a crer, a esperar e a amar, mesmo quando a isso se opõe a nossa fraqueza humana»<sup>460</sup>. O Santo Padre, ao referir a relação íntima entre o Filho e o Pai – Abbá – ajuda a compreender que a oração do Getsemani revela a verdadeira identidade, a vocação e a missão do Filho. Quer dizer, igualmente, que os sacerdotes devem aproximar-se desta verdade; esta é a escola de oração que Cristo deixa especialmente aos sacerdotes, isto é, a união ao Pai. Pode entender-se que o Papa, ao referir a dor e o esforço de Jesus neste momento, quer transmitir aos sacerdotes que devem realizar a vontade de Deus e não a sua própria vontade. E saberão qual a vontade de Deus a partir da íntima oração com Ele, mesmo que esta seja dolorosa. Daí a relação entre a oração de Jesus no Getsemani e a oração na vida dos sacerdotes<sup>461</sup>. «A oração do Getsemani é como que uma pedra angular, posta por Cristo na base do serviço à causa que “fora confiada pelo Pai” – na base da obra da Redenção do mundo, mediante o sacrifício oferecido na cruz»<sup>462</sup>. Ela deve ser

---

<sup>455</sup> Cf. Carta de 1979, n. 10; Carta de 1987, n. 1.

<sup>456</sup> Cf. Carta de 1985, n. 5.

<sup>457</sup> Cf. Carta de 1986, n. 11; Carta de 1987, n. 10.

<sup>458</sup> Cf. Carta de 1987, n. 10.

<sup>459</sup> Cf. Carta de 1986, n. 11.

<sup>460</sup> Carta de 1979, n. 10.

<sup>461</sup> Cf. Carta de 1987, n. 4-6.

<sup>462</sup> Carta de 1987, n. 10.

igualmente a pedra angular na existência sacerdotal. É por ela que se mantém viva a ‘identidade e a autenticidade’ da vocação<sup>463</sup>.

É na oração que se torna realidade o Reino dos Céus que pedimos na oração que nos foi ensinada<sup>464</sup>.

«Tendo aprendido a decifrar os sinais do amor de Deus na sua história pessoal, o sacerdote, à medida que se aproxima da hora do encontro supremo com o Senhor, torna mais instante e ardente a sua oração, no desejo de se conformar com fé amadurecida à vontade do Pai, do Filho e do Espírito»<sup>465</sup>.

Com todas as vivências possíveis, o sacerdote vai crescendo no entendimento de que o Paráclito actua nele e o conduz para o Amor definitivo de Deus; este mesmo entendimento adquire-se pela oração<sup>466</sup>. Cada ano deve servir para que cada sacerdote se prepare melhor para realizar o que Cristo lhe confiou a fim de que, na sua segunda vinda, Ele possa chamá-los não servos, mas amigos (cf. Jo 15,15)<sup>467</sup>.

O Santo Padre pediu aos sacerdotes para rezarem por ele para que nunca lhe faltasse aquele amor que Cristo questiona a Pedro: “Tu amas-Me?” (cf. Jo 21,15)<sup>468</sup>, um verdadeiro amor agápico; para rezarem uns pelos outros<sup>469</sup>. É lugar também de ter presente no pensamento e oração todos aqueles que deixaram o sacerdócio por causa de uma mulher, por aqueles que vivem essa dificuldade confiando a intercessão da Mãe dos sacerdotes<sup>470</sup>.

## 10.2. Formação permanente

A formação é colocada ao lado da oração como importância. Fala-se da formação a todos os níveis; espiritual, pastoral e intelectual. Ela não se deve ficar apenas pela recebida

---

<sup>463</sup> Cf. Carta de 1987, n. 10

<sup>464</sup> Cf. Carta de 1979, n. 10.

<sup>465</sup> Carta de 1998, n. 6.

<sup>466</sup> Cf. Carta de 1998, n. 6.

<sup>467</sup> Cf. Carta de 1985, n. 2.

<sup>468</sup> Cf. Carta de 1983, n. 3. No *Ano Santo da Redenção* que se realizou entre 1983 e 1984, o Papa desejou que esse fosse um ano de arrependimento e conversão para toda a Igreja. Que fosse um tempo de renovação interior, vocacional e espiritual a partir da vivência deste mesmo ano da Redenção.

<sup>469</sup> Cf. Carta de 1986, n. 12; Carta de 1979, n. 11.

<sup>470</sup> Cf. Carta de 1995, n. 5. O Papa propôs, neste ano, a partir da *Congregação para o Clero*, que no dia da *Festa do Sagrado Coração de Jesus* se celebrasse em cada diocese o “Dia pela Santificação dos Sacerdotes”.

no tempo de seminário. É necessária que seja contínua como forma de resposta e testemunho para o mundo. Têm que ser testemunhas qualificadas de Cristo<sup>471</sup>.

### 10.3. Lugares onde se sente profundamente a ausência do sacerdote

Detenhamo-nos agora um pouco na forma comovente como o Santo Padre fala neste parágrafo, sobre a falta de sacerdotes. Fá-lo como um verdadeiro pastor. Diz ele:

«Irmãos queridos, vós que suportais “o peso do dia e o calor” (cf. Mt 20,12), que pusestes a mão ao arado e não olhais para trás (cf. Lc 9,62), e talvez mais ainda vós que duvidais do sentido da vossa vocação, ou do valor do vosso serviço: pensai naqueles lugares onde os homens esperam com ansiedade por um Sacerdote. Sentindo há muitos anos a sua falta, não cessam de suspirar pela sua presença. Por vezes, até se reúnem nalgum Santuário abandonado e, colocada sobre o altar a estola ainda conservada, assim recitam todas as orações da Liturgia eucarística; e então, no momento que corresponderia à transubstanciação, desce sobre eles um silêncio profundo, por vezes interrompido talvez por choro incontido... tão ardentemente desejam ouvir aquelas palavras que só os lábios de um Sacerdote podem eficazmente pronunciar!»<sup>472</sup>.

O Papa preocupa-se com a necessidade e falta de sacerdotes<sup>473</sup>. Esta necessidade sente-se, principalmente face à crise pós-Concílio<sup>474</sup>. Por isso levou a que o Papa pedisse que o mundo responda ao dom de chamamento<sup>475</sup>. As comunidades com falta de sacerdote devem rezar a Cristo que chame mais jovens para o sacerdócio, e ao mesmo tempo é necessário realizar uma pastoral vocacional adequada<sup>476</sup>. Porém, o povo ora pelas vocações sacerdotais, tendo presente a necessidade destas para o dom da Eucaristia. Todavia, a falta em alguns lugares e noutros o aumento de vocações sacerdotais, faz com que o Povo de Deus saiba dar importância à oração pelas vocações; por isso, o Papa exorta a que se convidem os fiéis a rezar pelas vocações<sup>477</sup>.

---

<sup>471</sup> Cf. Carta de 1979, n. 10.

<sup>472</sup> Carta de 1979, n. 10.

<sup>473</sup> Cf. Carta de 1985, n. 7; Carta de 2003, n. 32.

<sup>474</sup> Cf. Carta de 1991, n. 2. Neste ano de 1991, o Papa referiu que o sínodo, sobre a *Formação Sacerdotal na Igreja*, permitiu ver a realidade mais de perto e igualmente a abertura a uma ajuda recíproca entre os países com muitos sacerdotes e os que têm poucos.

<sup>475</sup> Cf. Carta de 1992. Nesta pequeníssima *Carta*, o Santo Padre, agradeceu a oração que foi realizada por ocasião do sínodo e daí realizou uma oração aos pés de Cristo. De referir que por esta mesma ocasião é oferecida à Igreja a Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*. Todavia, entendemos não a ter como *Carta aos Sacerdotes* como o referimos na introdução deste trabalho.

<sup>476</sup> Cf. Carta de 2003, n. 32.

<sup>477</sup> Cf. Carta de 2004, n. 4. 5; Carta de 1982, n. 8.

«A oração, enriquecida pela oferta silenciosa do sofrimento, é o primeiro e o mais eficaz meio da pastoral vocacional. Rezar é manter fixo o olhar em Cristo, confiando que d'Ele mesmo, único sumo Sacerdote, e da sua divina oblação brotam abundantemente, pela acção do Espírito Santo, os germes de vocação necessários em cada época para a vida e a missão da Igreja»<sup>478</sup>.

## 11. MÃE DOS SACERDOTES

Chegados a este último ponto, e tal como João Paulo II nos habituou fazemo-lo direccionados para Maria<sup>479</sup>. A confiança que ele tem por Maria leva a que, desde o início até ao fim, tenha confiado os sacerdotes à Mãe de Cristo<sup>480</sup>; pede a intercessão d'Ela como Esposa e Mãe da Igreja<sup>481</sup>; confia a Maria o sacerdócio, Ela que é a Mãe dos sacerdotes<sup>482</sup>. «Ela é de modo particular, a nossa Mãe: a Mãe dos Sacerdotes»<sup>483</sup>.

Tal como o Discípulo Amado, o sacerdote recebe de Cristo o poder de celebrar a Eucaristia e Maria como Mãe<sup>484</sup>. Ao celebrar a Eucaristia, os sacerdotes tornam presente o Mistério do Verbo Encarnado. Ao estarem unidos ao único Sacerdote, – o sacerdócio que iniciado no Cenáculo tem a sua fé ‘profunda e firme’ em Maria – os sacerdotes não devem esquecer que no sacrifício eucarístico está o sofrimento da Maria que foi trespassada por uma espada (cf. Lc 2,35) - profecia realizada ao pé da Cruz, onde a Mãe se manteve de pé, sofrendo também Ela a agonia do Filho em seu coração. Os ministros de Cristo, ao celebrarem a Eucaristia, como que se encontram no ‘dia’ do Gólgota, onde não devem

---

<sup>478</sup> Carta de 2004, n. 5.

<sup>479</sup> Tal como em muitas outras cartas ou documentos, o Santo Padre termina com referência a Maria. Todavia, nestas mesmas *Cartas aos Sacerdotes* não é assim tão habitual quanto isso, há mesmo algumas em que não há referência à Mãe de Jesus como é o exemplo os seguintes anos: 1982; 1983; 1989; 1990; 1991; 1992; 1993; 2001. Porém, em 1988, *Ano Mariano*, associa a figura de Maria a partir do ‘*Fiat*’ o que faz com que esta *Carta* seja a que mais directamente refere-se a Maria. De referir também, e visto sabermos o amor de João Paulo II a nossa Senhora, como que ‘abdica’ de falar directamente de Maria entre Outubro de 2002 e Outubro de 2003 tempo em que vivemos o *Ano do Rosário*, para em 2002 voltar a falar da Reconciliação, tema que escrevera um ano antes, e em 2003 com o tema da Eucaristia a partir da Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* a qual é apresentada como *Carta aos Sacerdotes* para esse mesmo ano.

<sup>480</sup> Cf. Carta de 1979, n. 11; Carta de 1995, n. 8; Carta de 2004, n. 8.

<sup>481</sup> Cf. Carta de 1980, n. 13.

<sup>482</sup> Cf. Carta de 1986, n. 12.

<sup>483</sup> Carta de 1979, n. 11.

<sup>484</sup> Cf. Carta de 1979, n. 11; Carta de 1988, n. 3.

esquecer a importância de ter ao seu lado Maria que manteve-se sempre firme<sup>485</sup>. Tal como diz o Papa:

«Todas as vezes que repetimos o gesto de Cristo na Última Ceia dando cumprimento ao seu mandato: “Fazei isto em memória de Mim”, ao mesmo tempo acolhemos o convite que Maria nos faz para obedecermos a seu Filho sem hesitação: “Fazei o que Ele vos disser!” (Jo 2, 5). Com a solicitude materna manifestada nas bodas de Caná, Ela parece dizer-nos: “Não hesiteis, confiai na palavra do meu Filho. Se Ele pôde mudar a água em vinho, também é capaz de fazer do pão e do vinho o seu corpo e sangue, entregando aos crentes, neste mistério, o memorial vivo da sua Páscoa e tornando-se assim ‘pão de vida’»<sup>486</sup>.

Ao realizar o sacrifício eucarístico *‘in persona Christi’*, o sacerdote como que se vê obrigado a olhar para Maria, Ela que deu vida ao Filho de Deus. Desta forma, em cada renovação sacerdotal é sentida a presença da maternidade e, graças e ela, a feminilidade no Sacramento da Ordem<sup>487</sup>. Diz ainda o Papa: «E o olhar extasiado de Maria, quando contemplava o rosto de Cristo recém-nascido e O estreitava nos seus braços, não é porventura o modelo inatingível de amor a que se devem inspirar todas as nossas comunhões eucarísticas?»<sup>488</sup>. Tal como nos é «impossível imaginar os sentimentos de Maria, ao ouvir dos lábios de Pedro, João, Tiago e restantes apóstolos as palavras da Última Ceia: “Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós” (Lc 22,19)»<sup>489</sup>. Exortou a que contemplassem a Eucaristia com os olhos de Maria<sup>490</sup>. Tendo a Eucaristia como acção de graças, os sacerdotes devem dar graças pelos dons recebidos. Devem ser um contínuo agradecimento pelos dons que recebem, particularmente o dom da fé e do sacerdócio; devem fazer das suas vidas o cantar do *Magnificat*<sup>491</sup>.

O significado é maior, quando se fala de ter Maria como Mãe, no que se refere aos sacerdotes, visto que sob o sinal do sacramento do sacerdócio eles são servidores da Redenção do Mundo, por ligação a Cristo<sup>492</sup>. Diz o Papa: «Desejo, portanto, que todos encontremos em Maria a Mãe do Sacerdócio, que vós e eu recebemos de Cristo. E desejo

---

<sup>485</sup> Cf. Carta de 1988, n. 1-2.

<sup>486</sup> Carta de 2003, n. 54.

<sup>487</sup> Cf. Carta de 1995, n. 3.

<sup>488</sup> Carta de 2003, n. 55.

<sup>489</sup> Carta de 2003, n. 56.

<sup>490</sup> Cf. Carta de 2004, n. 8.

<sup>491</sup> Cf. Carta de 2005, n. 2.

<sup>492</sup> Cf. Carta de 1988, n. 4.

ainda que a Ela confieis de modo particular o vosso sacerdócio»<sup>493</sup>. Convida e deseja que os sacerdotes se confiem a Maria<sup>494</sup>. Até porque, a fecundidade de Maria por obra do Espírito Santo, e sendo Ela imagem da Igreja como Mãe, faz com que esta, pela pregação e pelo batismo, gere os filhos de Deus para uma vida nova<sup>495</sup>. Toda a Igreja sente o amor maternal de Maria, mas quanto aos sacerdotes, pode dizer-se que têm um direito especial, visto que este amor está ligado ao mistério do Cenáculo. Isto porque Cristo chamou amigos aos Apóstolos e, de facto, sem esta amizade não era possível realizar o inefável sacramento na pessoa de Cristo. A amizade referida compromete, chama à responsabilidade, à disponibilidade, ao dar-se por inteiro, ao *'fiat'*. Todavia, isto é possível pelo Espírito Santo (cf. Jo 14,16; 15,16-27). Assim sendo, como escreve o Santo Padre: «Ao celebrarmos a Eucaristia, congregados em redor de muitos altares espalhados por todo o mundo, *agradeçamos* ao Eterno Sacerdote *pelo dom* que lhes outorgou no sacramento do Sacerdócio»<sup>496</sup>. Propôs também que se desse graças a Maria pelo sacerdócio e convidou a interrogarem-se se o sacerdócio não se deveria configurar às palavras que Maria pronunciou no *Magnificat*<sup>497</sup>. «*Agradeçamos* juntamente com Maria *o dom* inefável do Sacerdócio, em virtude do qual podemos servir na Igreja todos os homens»<sup>498</sup>. Na sua oração pede a protecção a Maria, Mãe do Eterno Sacerdote, para que Ela acompanhe os sacerdotes, principalmente nos momentos de cansaço e desfalecimento<sup>499</sup>.

### 11.1. «Experiência pessoal»

Iniciamos este ponto com as palavras do Santo Padre que diz: «Caríssimos Irmãos no sacerdócio! A solene invocação do Espírito Santo e o sugestivo gesto de humildade realizado durante a Ordenação sacerdotal fizeram também ressoar na nossa vida o *fiat* da Anunciação»<sup>500</sup>. A partir da imagem da Mãe, os sacerdotes devem ser seguidores<sup>501</sup>. Nas

---

<sup>493</sup> Carta de 1979, n. 11.

<sup>494</sup> Cf. Carta de 1979, n. 11.

<sup>495</sup> Cf. Carta de 1987, n. 13.

<sup>496</sup> Carta de 1988, n. 8.

<sup>497</sup> Cf. Carta de 1988, n. 6-8.

<sup>498</sup> Carta de 1988, n. 8.

<sup>499</sup> Cf. Carta de 1997, n. 5.

<sup>500</sup> Carta de 1998, n. 7.

<sup>501</sup> Cf. Carta de 1979, n. 11.

suas vidas deve ter lugar Maria, Maria no *fiat*<sup>502</sup>. É no exemplo contínuo de Maria e na sua disponibilidade à acção do Espírito Santo, que os sacerdotes devem viver. «O sacerdote é chamado a confrontar constantemente o seu *fiat* com o de Maria, deixando-se conduzir, como Ela, pelo Espírito»<sup>503</sup>. É desta forma que a Virgem Mãe ampara os sacerdotes na pobreza evangélica, no dom da castidade e na obediência<sup>504</sup>. «Acompanhado por Maria, o sacerdote saberá renovar todos os dias a sua consagração até quando, sob a guia do mesmo Espírito, invocado com confiança no itinerário humano e sacerdotal, entrar no oceano de luz da Trindade»<sup>505</sup>.

Tal como o Povo de Deus olha para Maria, assim deve ser o olhar do sacerdote: olhar de amor e de esperança<sup>506</sup>. Convidou a que no terceiro milénio se contemplasse o rosto de Cristo com Maria<sup>507</sup>. Mesmo tendo que anunciar Cristo, a melhor forma de o fazer é por Maria. Por Ela, aprende-se a nutrir o coração do Homem<sup>508</sup>. Daí que os sacerdotes tenham esta missão na Igreja e que os ‘obriga’ a ser amigos de Cristo. Para isso podem frequentar a escola de Maria<sup>509</sup>. Como refere o Papa: «Há no nosso sacerdócio ‘ministerial’ a dimensão estupenda e penetrante da proximidade da Mãe de Cristo»<sup>510</sup>.

Para esta peregrinação terrena, os sacerdotes devem olhar para o exemplo da Virgem Maria pois, como ensina o Concílio (cf. LG 58), Ela precede-nos na peregrinação<sup>511</sup>. «É necessário, pois, que se estreite constantemente a nossa ligação espiritual com a Mãe de Deus, a qual *para continuar na peregrinação da fé ‘vai adiante’ de todo o povo de Deus*»<sup>512</sup>.

O próprio Santo Padre recorda que insistiu ao longo do seu pontificado na importância «sobre a contemplação do rosto de Cristo – especialmente nas cartas apostólicas *Novo millennio ineunte* (cf. nn. 23ss.) e *Rosarium Virginis Mariæ* (cf. nn. 9ss.)

---

<sup>502</sup> Cf. Carta de 1995, n. 7.

<sup>503</sup> Carta de 1998, n. 7.

<sup>504</sup> Cf. Carta de 1998, n. 7.

<sup>505</sup> Carta de 1998, n. 7.

<sup>506</sup> Cf. Carta de 1979, n. 11.

<sup>507</sup> Cf. Carta de 2003, n. 6.

<sup>508</sup> Cf. Carta de 1979, n. 11.

<sup>509</sup> Cf. Carta de 2004, n. 7.

<sup>510</sup> Carta de 1979, n. 11.

<sup>511</sup> Cf. Carta de 1987, n. 13.

<sup>512</sup> Carta de 1988, n. 2.

– indiquei Maria como a mestra mais experimentada. Depois, na encíclica sobre a Eucaristia, apresentei-a como “Mulher eucarística” (cf. n. 53)»<sup>513</sup>.

O Papa termina a sua última *Carta aos Sacerdotes*<sup>514</sup> realçando a importância que Maria tem para a Eucaristia e pela qual se aprende a contemplar do rosto de Cristo. Estes são aspectos que os sacerdotes podem e devem ter bem presente na sua vida. Isto é, ter Maria como Mãe, tal como quis terminar a *Carta*<sup>515</sup>.

Ao terminar este capítulo, há tempo ainda para realizar uma pequena nota conclusiva.

Neste texto em que se apresentam (já numa perspectiva de espiritualidade sacerdotal ministerial) as *Cartas aos Sacerdotes*, como que se vivencia o ministério petrino de João Paulo II. Elas possibilitam ao sacerdote viver a sua espiritualidade pautada pelos seus ensinamentos, bem como, pelo seu testemunho de vida. Nesta perspectiva, e tendo em conta que o objectivo principal deste trabalho realça alguns temas que no capítulo seguinte serão tidos como proposta para um itinerário de espiritualidade ministerial a partir das *Cartas aos Sacerdotes*, entendeu-se como fundamental para a vida espiritual do sacerdote o ser-se testemunha de Cristo Bom Pastor, interligando a sua sacramentalidade, a fraternidade sacerdotal e Ministério Pastoral. A importância, a centralidade da Eucaristia, a necessária realidade da Reconciliação na vida do ministro ordenado bem como a Oração (pela qual ele se santifica e faz com que os outros se santifiquem, numa contínua conversão). Terminar-se-á este caminho na permanente companhia de Maria, tal como tantas vezes o Santo Padre o fez e habituou a confiar-se totalmente a Maria.

Tendo presente o que os dois capítulos expõem, poder-se-á dizer que as *Cartas* que João Paulo II escreveu aos sacerdotes são um desenvolvimento e aprofundamento das temáticas que o Concílio Vaticano II apresenta para a vida ministerial.

---

<sup>513</sup> Carta de 2005, n. 8.

<sup>514</sup> Referimo-nos à *Carta de 2005* a qual é a última escrita, do conjunto das *Cartas aos Sacerdotes*, e que ocorria desde 1979 todos os anos excepto em 1981.

<sup>515</sup> Cf. Carta de 2005, n. 8.

Numa tentativa de sintetizar toda a mensagem das *Cartas*, e inerente a isto mesmo toda a vida do Papa João Paulo II, recorramos novamente a São João e São Paulo quando dizem:

«Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: “Mulher, eis o teu filho!” Depois, disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua» (Jo 19,26-27).

«Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2,20).

## CAPITULO III

### CARTAS AOS SACERDOTES: UM ITINERÁRIO DE ESPIRITUALIDADE MINISTERIAL

No terceiro capítulo deste trabalho, vamos realizar uma reflexão sistemática, teológica e espiritual, a partir dos dois anteriores capítulos. Será uma abordagem onde teremos mais presente o pensamento do Santo Padre nas *Cartas aos Sacerdotes* (até porque são elas a fonte principal desta dissertação) do que propriamente o que é referido pelo Concílio Vaticano II sobre a Espiritualidade Sacerdotal (e que tratamos no primeiro capítulo). Um dos motivos já foi referido, um outro prende-se com o facto de o Concílio não desenvolver os temas que apresenta, mas como que oferece, no desenrolar dos textos, as bases para que tal seja possível.

Assim sendo, o primeiro capítulo estará bastante presente no primeiro ponto deste terceiro capítulo. Todavia, sempre que seja oportuno ter-se-á presente o conjunto do que foi escrito nos dois primeiros capítulos. Da mesma forma, não será regra restringirmo-nos aos temas isoladamente, dado que eles se interligam fazendo com que seja necessário, aqui e ali, realizar este entrelaçamento. De referir, igualmente, que para este capítulo, se optou por não ‘confrontar’ a partir das leituras realizadas dos vários autores, antes realçar citações que se afigurem oportunas<sup>516</sup>.

Este *itinerário de espiritualidade ministerial* encontra, nas palavras de Luís Rocha e Melo, uma definição possível:

«No itinerário espiritual que somos convidados a percorrer, o homem novo é chamado a ser novo todos os dias; somos hoje alguma coisa que ontem não éramos, e seremos

---

<sup>516</sup> Os autores dos diversos estudos, artigos ou livros, das leituras realizadas, abordam outros temas além dos escolhidos para este itinerário de espiritualidade ministerial. Todavia, restringimo-nos somente aos que foram escolhidos a partir das *Cartas aos Sacerdotes* (entendemos que sejam estes os mais importantes e os mais abrangentes, entre os vários temas que as Cartas apresentam). Porém, temos bem presente que a espiritualidade sacerdotal ministerial não se limita a eles e que muitos outros são um contributo importante para vida ministerial.

amanhã alguma coisa que hoje ainda não somos, embora não demos por isso a curto prazo, a nível da consciência»<sup>517</sup>.

## **1. SER-SE SACERDOTE: TESTEMUNHA QUALIFICADA DE CRISTO BOM PASTOR**

«Jesus Cristo está no meio de nós e diz-nos: “Eu sou o bom pastor” (Jo 10,14)»<sup>518</sup>. Os sacerdotes estão ao serviço do Bom Pastor. Não é em vão que João Paulo II usava muito a imagem do Bom Pastor para falar do ministério sacerdotal. Segundo ele, os sacerdotes são participantes em Cristo através dessa mesma imagem. Daí Cristo os ter constituído pastores para cuidarem das suas ovelhas, com um olhar sempre atento, principalmente às que andam perdidas.

«O ministério representativo do sacerdote será vivido como referência permanente ao verdadeiro protagonista, Cristo»<sup>519</sup>. Hoje, mais que nunca, o mundo necessita de ‘bons pastores’, de pastores que renunciem a si mesmos e sirvam como Aquele que serve. «O sacerdote é o ‘pastor’ dos homens, conduzindo-os a bons pastos. Ele é um cura de almas que cura a nossa alma. Ele é o médico que cura as nossas doenças»<sup>520</sup>. Para que tal aconteça é imprescindível que os pastores ‘deste tempo’ não se sintam inúteis, mas sim amados: «Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permanecei no meu amor» (Jo 15,9).

O sacerdote tem como uma das missões principais ser testemunha de Cristo, de tal forma que «não poderiam ser ministros de Cristo se não fossem testemunhas e dispensadores duma vida diferente da terrena, e nem poderiam servir os homens se permanecessem alheios à sua vida e às suas situações» (PO 3). «O ministro é um dom do Pai ao Filho na sua Igreja, uma confirmação permanente na sua Missão. Com Cristo, o

---

<sup>517</sup> ROCHA e MELO, Luís, sj – Os caminhos do silêncio e da oração. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – «Reaviva o dom que há em ti»: VI Simpósio do Clero de Portugal. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009, p. 74.

<sup>518</sup> Carta de 1984, n. 5.

<sup>519</sup> CURA ELENA, Santiago del – La sacramentalidad del sacerdote y su espiritualidad. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p.111.

<sup>520</sup> GRÜN, Anselm – O presbítero: homem de Deus seduzido. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – «Reaviva o dom que há em ti»: VI Simpósio do Clero de Portugal. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009, p.41.

presbítero, é constituído testemunha das origens e, como testemunha, é sinal da universalidade para as comunidades cristãs»<sup>521</sup>. Um sacerdote convertido converte, e converte pelo testemunho do Evangelho e da Eucaristia. «É verdade que por todos os lados se pede hoje ao sacerdote que dê testemunho; que seja testemunho; e também é verdade que o sacerdote está consciente de que não pode escapar à nomeação de testemunho»<sup>522</sup>.

O Papa encaminha-nos para o Lava-pés, como sendo este o gesto que exemplifica melhor a humildade e o serviço que o sacerdote está chamado a imitar. Configurando-se a este exemplo, os sacerdotes podem recordar e viver igualmente as palavras de Jesus: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar» (Lc 4,18; cf. Is 61,1). «O sacerdócio ministerial, no desígnio de Cristo, não é expressão de domínio, mas de serviço»<sup>523</sup>.

Por sua vez, como atitude de testemunho, Agostino Favale, remete-nos para o prefácio da Missa crismal que «descreve, do seguinte modo, o designo de Deus Pai sobre a vida dos presbíteros: “Tu propões-lhes Cristo como modelo para que ao dar a vida por ti e pelos irmãos, se esforçassem por conformar-se à imagem do teu Filho e dêem um testemunho de fidelidade e de amor”. Jesus Cristo é, portanto, o modelo do presbítero»<sup>524</sup>. Ser testemunha, configurado a Cristo; isto porque «um sacerdote deveria sentir-se configurado a Cristo ao longo das vinte e quatro horas do dia: quando confessa, quando prega, quando aconselha, quando consola os enfermos, quando presida à Eucaristia. É sempre sinal de Cristo Pastor»<sup>525</sup>. Nesta mesma linha de pensamento seguem as palavras de Walter Kasper ao dizer que «ser sacerdote e ser cristão só se pode entender, viver e

---

<sup>521</sup> TRUJILLO DIAZ, Lorenzo – Relaciones propias del presbítero y su espiritualidad. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 144.

<sup>522</sup> GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 142.

<sup>523</sup> Carta de 1995, n. 7.

<sup>524</sup> FAVALE, Agostino, S.D.B. – La relación del presbítero con Cristo. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 221. Agostino Favale utiliza a versão do 'Missal Romano' em castelhano do texto do Prefácio da Missa crismal o qual não corresponde à versão portuguesa.

<sup>525</sup> ALDAZÁBAL, José – Aspectos celebrativo y litúrgico del sacerdocio. In SEMANAS DE ESTUDIOS TRINITARIOS – XXXII: *Ministerio sacerdotal y Trinidad*. Salamanca, Ediciones Secretariado Trinitario, 1998, p. 211.

testemunhar a partir da amizade pessoal – vivida, renovada e aprofundada constantemente – com Jesus Cristo»<sup>526</sup>.

A presença do Espírito Santo na vida ministerial é um dos aspectos que o Santo Padre menciona nas *Cartas aos Sacerdotes* como sendo de grande importância, visto que Ele vivifica a vida dos Homens e mais ainda a vida dos sacerdotes, nos quais continua a realizar a sua acção. «Um estreito vínculo une o nosso sacerdócio ao Espírito Santo e à sua missão»<sup>527</sup>. Todos os sacerdotes devem viver a realidade maternal da Igreja configurada pela acção do Espírito Santo. «O ministro ordenado é alguém em quem o Espírito se fez presente para pô-lo totalmente ao serviço da missão de Cristo e da Igreja»<sup>528</sup>. Deve-se ter presente que todo «o sacerdote que se cansou do seu serviço deve lembrar-se de que recebeu o espírito de fortaleza. Esse espírito habita-o mesmo quando ele já não o sinta»<sup>529</sup>.

O Espírito Santo age, de tal modo com os seus dons, que faz com os sacerdotes continuem o que Cristo iniciou com os discípulos (cf. Jo 20,21-23). Essa acção está presente na oração que Cristo ensinou aos discípulos: “Pai-nosso” (cf. Mt 6,9-13; Lc 11,2-4). Chamar Pai a Deus só nos é possível com o auxílio do Espírito Santo. «A pessoa do ministro ordenado e os seus deveres ministeriais são colocados sob o poder e a força do Espírito Santo»<sup>530</sup>. Aos sacerdotes cabe ainda, escutar o Espírito Santo e realizar a sua vontade de modo a encaminhar o Povo de Deus para o conhecimento do Pai e do Filho. Dando, assim, significado à frase que se repete todos os dias: «nas Vossas mãos entrego o Meu Espírito» (cf. Lc 23,46), ansiando continuamente o encontro com Cristo no Pai. «Este ministério presbiteral realiza-se, em consequência, na força e no poder do Espírito. A dimensão pneumatológica do ministério que nos remete para a realidade trinitária do Espírito, enquanto Espírito de Deus e Espírito de Cristo»<sup>531</sup>. De igual forma, «se é verdade que não existe qualquer outro acesso ao mistério trinitário fora da sua revelação em Jesus Cristo e no Espírito Santo, isto significa que *a vida de Jesus, a humanidade de Jesus, é a*

---

<sup>526</sup> KASPER, Walter – *El sacerdote, servidor de la alegría*. 2ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009, p. 24.

<sup>527</sup> Carta de 1998.

<sup>528</sup> CURA ELENA, Santiago del – *La sacramentalidad del sacerdote y su espiritualidad*, p. 117.

<sup>529</sup> GRÜN, Anselm – *O presbítero*, p. 38.

<sup>530</sup> CURA ELENA, Santiago del – «En la fuerza del Espíritu Santo»: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal. In CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PRESBÍTERO – *À escuta da Palavra*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011, p. 114.

<sup>531</sup> CURA ELENA, Santiago del – «En la fuerza del Espíritu Santo», p. 117.

*chave de acesso à vida divina*»<sup>532</sup>. Assim, e sem nunca esquecer que estamos a falar de espiritualidade sacerdotal ministerial, referir que «a espiritualidade do presbítero é viver a sua identidade, que não se entende sem a relação com a Trindade»<sup>533</sup>. Ajudam a uma melhor compreensão as seguintes expressões de Acchile Triacca: «O Pai é o *vocante*, o Filho o *vocatus*, o Espírito Santo é a *vocatio*. De facto, toda a vocação tem a sua raiz na Trindade»<sup>534</sup>; e «o sacerdote com o seu ministério presbiteral, em fidelidade ao Espírito Santo, não pode deixar de ser *caminho da Trindade*»<sup>535</sup>.

Receber o Espírito Santo é receber o espírito do amor. Para o sacerdote, «não se trata apenas de exortar as pessoas para que se amem umas às outras. O amor é para ser proclamado através das nossas palavras, bem como através de todo o nosso carisma»<sup>536</sup>. Nasce uma fonte de amor que não seca porque é divina.

O sacerdote deve ser aquele que tem como exemplo máximo Cristo que deu a vida para a salvação do mundo (cf. 1Jo 3,16). Isto mesmo configura a sua vida. «Conduzindo e apascentando o Povo de Deus, são incitados pela caridade do Bom Pastor a dar a vida pelas ovelhas» (PO 13). «O cajado do Bom Pastor é a cruz gloriosa, ao seus pés estão descalços e feridos. Não se pode pois comungar do seu amor pastoral se não se comungar da sua imolação até à morte, cuja culminação é o martírio»<sup>537</sup>. Só a certeza de que Cristo continua presente permite viver este amor que é pura graça e dádiva de Deus.

Falar do Bom Pastor é falar das suas virtudes (humildade, obediência, castidade e pobreza) que devem estar presentes na vida dos pastores da Igreja (cf. PO 15-17). «Quem está à frente do rebanho deve ser o primeiro na pobreza e na humildade para que os outros, ao vê-la, se sintam chamados ao seguimento de Cristo, manso e humilde de coração (cf. Mt

---

<sup>532</sup> BIANCHI, Enzo – Tri-unidade de Deus e comunhão eclesial. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Presbitério em comunhão: Ao serviço de comunhão eclesial: V Simpósio do Clero de Portugal*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007, p. 89.

<sup>533</sup> GAMARRA, Saturnino – El ministerio sacerdotal en el reciente magisterio de la Iglesia. In SEMANAS DE ESTUDIOS TRINITARIOS – XXXII: *Ministerio sacerdotal y Trinidad*. Salamanca, Ediciones Secretariado Trinitario, 1998, p. 144.

<sup>534</sup> TRIACCA, Acchile – Reflexión teológico-trinitaria sobre el «ministerio sacerdotal». In SEMANAS DE ESTUDIOS TRINITARIOS – XXXII: *Ministerio sacerdotal y Trinidad*. Salamanca, Ediciones Secretariado Trinitario, 1998, p. 156.

<sup>535</sup> TRIACCA, Acchile – Reflexión teológico-trinitaria sobre el «ministerio sacerdotal», p. 168.

<sup>536</sup> GRÜN, Anselm – O presbítero, p. 39.

<sup>537</sup> LEGINO, Marcelino – Espiritualidad del seguimiento de Jesús según el modelo apostólico. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 219.

11,29) e glorifiquem, dessa maneira, o Pai que está nos céus (cf. Mt 5,16)»<sup>538</sup>. Também o decreto PO está alicerçado para uma espiritualidade sacerdotal na relação de Cristo Sacerdote e Bom Pastor, visto que o sacerdote participa intimamente no Sacerdócio de Cristo. Isto leva a que ele seja instrumento vivo de Cristo Bom Pastor (cf. PO 12) e portador d'Ele. «O sacerdote ministro é sacramento da presença de Cristo Mediador na comunidade eclesial, sinal e instrumento da mediação de Cristo»<sup>539</sup>. Esta relação de imitação, amizade e intimidade com Cristo Senhor conduz os sacerdotes a sentirem-se como os Apóstolos: «Nós somos testemunhas» (Act 2,32). Ser testemunha, no caso dos sacerdotes, é viver o sacerdócio deixando tudo para seguir Jesus, e segui-Lo até nas horas de Cruz. «A imitação de Jesus, bom Pastor, nasce da abundância de caridade que cresce na entrega»<sup>540</sup>. É necessário, porém, ter presente que «um bom pastor não se apascenta a si mesmo, não procura o seu próprio interesse, mas dá a vida pelos outros»<sup>541</sup>.

### 1.1. Quinta-feira Santa: «Este é o nosso dia com Ele»<sup>542</sup>

Ao abordarmos o dia de *Quinta-feira Santa* teremos presente também a sacramentalidade do sacerdote que advém desse 'Dia'. «A sacramentalidade constitui um importante ponto de partida e de referência para uma exacta vivência concreta do seu ministério e da sua condição pessoal por parte de sacerdote»<sup>543</sup>. A sua celebração torna-se num dos momentos importantes para a vida espiritual sacerdotal aquando da renovação dos votos sacerdotais, bem como depois, na celebração do Lava-pés. João Paulo II denominou este dia com várias frases carregadas de significado, ao longo de todas as *Cartas aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa*. Reportamos para aqui algumas delas:

- «Quinta-Feira Santa, o dia da festa anual do nosso Sacerdócio»<sup>544</sup>;
- «A Quinta-feira Santa é o dia natalício do nosso sacerdócio. Foi neste dia que nós nascemos. Assim como um filho nasce do seio de sua mãe, também nós, ó Cristo, nascemos do vosso único e eterno sacerdócio»<sup>545</sup>;

<sup>538</sup> ROCHA e MELO, Luís, sj – Os caminhos do silêncio e da oração, p. 76.

<sup>539</sup> CURA ELENA, Santiago del – La sacramentalidad del sacerdote y su espiritualidad, p. 90.

<sup>540</sup> LÓPEZ SANTIDRIÁN, Saturnino – Santidad. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 739.

<sup>541</sup> CORDEIRO, José Manuel – *O padre: Do mistério ao ministério*. Lisboa: Pedra Angular, 2009, p. 178.

<sup>542</sup> Carta de 1993, n. 1.

<sup>543</sup> CURA ELENA, Santiago del – La sacramentalidad del sacerdote y su espiritualidad, p. 75.

<sup>544</sup> Carta de 1979, n. 1.

<sup>545</sup> Carta de 1982, n. 1.

- «Quinta-feira Santa, o dia do amor de Cristo levado “até ao extremo” (cf. Jo 13,1), o dia da Eucaristia, o dia do nosso sacerdócio»<sup>546</sup>;
- «Ao entardecer, vejo-vos entrar no Cenáculo para iniciar o ‘Tríduo Pascal’. É precisamente naquela “sala mobilada no andar de cima” (Lc 22,12) que Jesus nos convida a retornar em cada *Quinta-Feira Santa*, e onde mais me apraz «encontrar-me convosco, amados irmãos no sacerdócio»<sup>547</sup>;
- «Naquela noite santa, Ele chamou pelo nome, cada um dos sacerdotes de todos os tempos»<sup>548</sup>.

Este foi e continua a ser (tanto para a Igreja como para os sacerdotes) um dia memorável que o sacerdote deve repetir em cada dia do ano, não se esquecendo que relacionados com a Última Ceia estão a agonia, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. O ‘isto é’ e o ‘fazei isto’ complementa-se no «tudo está consumado» (Jo 19,30), na Cruz. «Esta celebração invocativa recorda-nos o dia em que, juntamente com a Eucaristia, foi instituído por Cristo o sacerdócio ministerial. E este foi instituído para a Eucaristia e, portanto, para a Igreja que, enquanto Povo de Deus, se forma por meio da Eucaristia»<sup>549</sup>. «Em todas as paróquias se deveriam celebrar as Quintas-Feiras eucarísticas e sacerdotais. É uma alegria saber que em muitas se faz, todas as Quintas-Feiras, uma Hora Santa pelos sacerdotes e pelos seminaristas»<sup>550</sup>.

O ‘Sacerdote da Nova Aliança’ faz de cada um deles sacerdotes da ‘Nova Aliança’ nascidos da oração. «No ministério eclesial não se coloca uma autoridade humana no lugar de Cristo, mas Ele mesmo faz-se presente sacramentalmente, isto é, num sinal eficaz que para ele aponta e no qual Ele próprio garante agir»<sup>551</sup>. Compreendemos que a sacramentalidade do sacerdote está presente em todo o seu ministério. Isto mesmo se pode confirmar nas palavras do Papa: «O sacramento da Ordem imprime, na alma do sacerdote, um carácter específico, que, uma vez recebido, permanece nele como fonte da graça sacramental, de todos os dons e carismas próprios da vocação e serviço sacerdotal na Igreja»<sup>552</sup>. E como diz Cura Elena: «Não é em razão das suas qualidades pessoais nem da

<sup>546</sup> Carta de 2005, n.1.

<sup>547</sup> Carta de 2004, n. 1.

<sup>548</sup> Carta de 2004, n. 5.

<sup>549</sup> Carta de 1983, n. 1.

<sup>550</sup> APARICIO SÁNCHEZ, Gonzalo – *Sacerdos / 2. Apontamentos de espiritualidade sacerdotal: Oração, espiritualidade e vocações sacerdotais*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2009, p. 177.

<sup>551</sup> GRESHAKE, Gisbert – Ser padre numa Igreja em transformação. In CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PRESBÍTERO – *À Escuta da Palavra*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011, p. 49.

<sup>552</sup> Carta de 1991, n. 3.

sua santidade subjectiva, mas em virtude dos dons comunicados na ordenação que o sacerdote ‘representa’ sacramental e ministerialmente a Cristo»<sup>553</sup>. Com o mesmo pensamento Anselm Grün diz: «Deus deu-nos a vocação para sermos sacerdotes, não porque somos pessoas perfeitas e sem defeitos, mas para que possamos ser mais permeáveis ao espírito de Jesus Cristo»<sup>554</sup>. Foi Ele que nos escolheu e predestinou.

«O ministério sacramental é uma dádiva maravilhosa, precisamente porque actualiza a acção mediadora de Cristo no acontecimento da sua morte e ressurreição. É o dom que permite a transmissão de todos os outros dons salvíficos»<sup>555</sup>. A comunhão eclesial, que vamos tratar a seguir, tem visibilidade na sacramentalidade e também na união presente na missa crismal com tudo o que daí ocorre e se realiza.

## **1.2. Comunhão eclesial e fraternidade sacerdotal: Uma união ministerial**

João Paulo II iniciou o conjunto das *Cartas aos Sacerdotes* referindo que é na comunhão de sacramento e de ministério que escreve e, adaptando as palavras de Santo Agostinho, diz: «Para vós sou bispo, convosco sou sacerdote»<sup>556</sup>. É de suma importância esta vivência do sacerdócio que ele nos deixou e a qual os sacerdotes estão convidados a seguir neste itinerário espiritual. «O discipulado do corpo dos seguidores de Jesus sustêm-se com o amor fraterno»<sup>557</sup>. Para o Papa, os vínculos da fraternidade e de comunhão sacerdotal são aspectos importantes. A comunhão com o papado, entre o episcopado e entre o presbitério, reflecte de igual modo a unidade no Espírito Santo. «Esta comunhão hierárquica exige a humildade da obediência, atitude básica de uma total disponibilidade

---

<sup>553</sup> CURA ELENA, Santiago del – La sacramentalidad del sacerdote y su espiritualidad, p. 99.

<sup>554</sup> GRÜN, Anselm – O homem: força na debilidade. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – «Reaviva o dom que há em ti»: VI Simpósio do Clero de Portugal. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009, p. 47.

<sup>555</sup> VANHOYE, Albert, S.J. – Sacramentalidad del ministerio y su repercusión en la persona ordenada. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 80.

<sup>556</sup> «Vobis enim sum episcopus, vobiscum Christianus» (Serm, 340, 1 - nota de roda pé (3) da Carta de 1979).

<sup>557</sup> MORONTA RODRÍGUEZ, Mario – *El presbiterio y la fraternidad sacramental: Elementos para una reflexión teológica*. Madrid: BAC, 2008, p. 41.

para o serviço»<sup>558</sup>. Por sua vez, não esqueçamos que «em Jesus Cristo e no Espírito Santo, é o próprio Deus que vem a nós: Ele não se limita a comunicar-nos qualquer coisa, mas comunica-se a *si próprio* porque Ele é o Deus que é *comunicação e comunhão em si mesmo*»<sup>559</sup>. Como refere igualmente Moronta Rodríguez: «Esta fraternidade é criada graças à acção do Espírito Santo. Esse Espírito é o que nos reúne em estreita comunhão e nos impulsiona à missão de que é o grande protagonista»<sup>560</sup>.

Um dos contributos deixados pelo Vaticano II, e ao qual o Santo Padre dá continuidade, foi o de olhar para o ministério sacerdotal não como um poder mas como um serviço. «O Bispo,[...] tenha diante dos olhos o exemplo do bom pastor, que veio servir e não ser servido (cf. Mt 20,28; Mc 10,45) «e dar a própria vida pelas ovelhas (cf. Jo 10,11)» (LG 27). Isto mesmo estão chamados a realizar, não só os Bispos, mas todos os presbíteros. Até porque «o bispo não pode pastorear sozinho, prescindindo do seu presbitério; e vice-versa, o presbitério não pode pastorear sozinho, sem o bispo»<sup>561</sup>. Como diz D. José Policarpo: «Quando somos pastores à nossa maneira, atraímos a solicitude salvífica de Deus»<sup>562</sup>. Entramos, assim, dentro do conceito que é revelador da vivência de comunhão eclesial ou fraternidade sacerdotal. «Os presbíteros trabalham com os bispos num única herdade»<sup>563</sup>. Numa união que, mais do que jurídica, é espiritual, tal como acontecia nas primeiras comunidades. «A espiritualidade sacerdotal deve estar profundamente marcada pelo sentido da *comunhão* eclesial. De facto, o dom divino concedido por meio do sacerdote é dom de comunhão e de amor»<sup>564</sup>. Na fraternidade sacerdotal que «o Bispo, por seu lado, considere os sacerdotes, seus colaboradores, como filhos e amigos, à imitação de Cristo que já não chama aos seus discípulos servos mas amigos (cf. Jo 15,15)» (LG 28). «Sim, o outro é a possibilidade de encontrar, servir e amar

---

<sup>558</sup> POLICARPO, D. José – Crescer como pessoas para servir como pastores. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – «*Reaviva o dom que há em ti*»: VI Simpósio do Clero de Portugal. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009, p. 101.

<sup>559</sup> BIANCHI, Enzo – Tri-unidade de Deus e comunhão eclesial, p. 82.

<sup>560</sup> MORONTA RODRÍGUEZ, Mario – *El presbiterio y la fraternidad sacramental*, p. 105.

<sup>561</sup> MORONTA RODRÍGUEZ, Mario – *El presbiterio y la fraternidad sacramental*, p. 63.

<sup>562</sup> POLICARPO, D. José – Crescer como pessoas para servir como pastores, p. 102.

<sup>563</sup> URIARTE, Juan María – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2010, p. 95.

<sup>564</sup> VANHOYE, Albert, S.J. – Sacramentalidad del ministerio y su repercusión en la persona ordenada, p. 81.

o próprio Senhor no sacramento do irmão!»<sup>565</sup>. Por sua vez, a relação entre o bispo e os presbíteros e estes com o presbitério, deve ser, igualmente, sinal de unidade e fraternidade eclesial. «Perante Deus os presbíteros são co-presbíteros para sempre, e em cada um deles ressoa a pergunta primeira (‘onde está teu irmão?’) referida propriamente aos colegas sacramentais»<sup>566</sup>.

«O objectivo do sacerdócio foi sempre o estabelecimento de uma mediação salvífica entre os homens e Deus»<sup>567</sup>. A Igreja é comunhão de irmãos, membros de um só Povo e de um só Corpo em Cristo. O sacerdote, sinal visível desta Igreja-comunhão, é membro do presbitério, cuja cabeça é o bispo, ao serviço da comunidade eclesial (cf. PO 7-9; CD 28; LG 28). Esta comunhão é visivelmente presente na concelebração da Eucaristia, onde os presbíteros se unem em redor da Mesa com o seu bispo. «Porque ela é o sacramento da unidade, por excelência, através dela a unidade é realizada pelo próprio Cristo e este habilita para o envio, em ordem à unidade»<sup>568</sup>. Esta mesma comunhão eclesial, de que falou o Papa, está presente nas palavras de Enzo Bianchi:

«Também entre bispo e presbíteros o mais importante é a possibilidade de construir relações marcadas pelo amor: os presbíteros deveriam encontrar no bispo um irmão mais velho, um pai, ou até um amigo (cf. Jo 15,14-15); deveriam ter sempre a possibilidade de aceder a ele, de serem escutados por ele, de viverem com ele a solicitude apostólica e as consolações do ministério»<sup>569</sup>.

Serve de pequena síntese, e como elo de ligação, o texto da LG onde se deixa claro que a fraternidade sacerdotal não se prende somente pelo facto de levar a uma vida de santidade ou de disponibilidade missionária, mas também às exigências dos carismas sacerdotais:

«Em virtude da comum sagrada ordenação e missão, todos os presbíteros estão entre si ligados em íntima fraternidade, que espontânea e livremente se deve manifestar no auxílio mútuo, tanto espiritual como material, pastoral ou pessoal, em reuniões e na comunhão de vida, de trabalho e de caridade» (LG 28).

---

<sup>565</sup> BIANCHI, Enzo – O presbitério como comunhão. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Presbitério em comunhão: Ao serviço de comunhão eclesial: V Simpósio do Clero de Portugal*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007, p. 71.

<sup>566</sup> TRUJILLO DIAZ, Lorenzo – El presbítero en el presbiterio. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 486.

<sup>567</sup> COUTO, D. António – Há-de cumprir-se o sacerdócio. In CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PRESBITERO – *À escuta da Palavra*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011, p. 31.

<sup>568</sup> GRESHAKE, Gisbert – Ser padre numa Igreja em transformação, p. 58.

<sup>569</sup> BIANCHI, Enzo - O presbitério como comunhão, p. 69.

### 1.3. Caridade pastoral e ministério pastoral: Um viver para servir

«Se pela ordenação fomos feitos pastores com Cristo, temos de nos identificar com as suas intenções e objectivos de Pastor. A isto chama-se caridade pastoral. E é a caridade pastoral que nos há-de levar a servir e a dar vida como o Bom Pastor»<sup>570</sup>. É pela caridade que os sacerdotes, «fazendo as vezes do Bom Pastor, encontrarão no próprio exercício da caridade pastoral o vínculo da perfeição sacerdotal, que conduz à unidade de vida e acção» (PO 14). «O presbítero, com a sua actividade pastoral, está chamado a actualizar o mesmo Cristo, Cabeça e Pastor, isto é, Mestre, Sacerdote e Guia do seu povo»<sup>571</sup>. A espiritualidade sacerdotal, na relação harmoniosa que tem com a caridade do Bom Pastor, faz com que os sacerdotes realizem o seu ministério ‘em nome de Cristo’ e em ‘Seu Espírito’ como Aquele que serve (cf. PO 1), consagrando-se totalmente à obra apostólica, bem como, às virtudes cristãs (cf. PO 3), para uma espiritualidade e santidade no ministério da palavra (cf. PO 4), celebrando a Eucaristia e os Sacramentos (cf. PO 5) numa presença contínua ao serviço da comunidade (cf. PO 6). «A vida do presbítero é uma vida em que a *atitude oblativa e sacrificial* do Senhor Jesus deve fazer-se constantemente um valor de fundo. Ele não é um presbítero para si mesmo, mas para o serviço de Deus, a todo o tempo, em favor dos homens»<sup>572</sup>. Realça-se o facto de estar ao serviço da Palavra de Deus, exercendo com Deus e para Deus. Pela Palavra desperta-se a fé, alimenta-se e une-se o Povo de Deus e tornando-a presente nos sinais sacramentais. «A nossa missão é, portanto, em primeiro lugar, fazer ouvir a palavra de Deus no mundo, tornar essa palavra efectivamente presente às pessoas, aos nossos contemporâneos, àqueles em particular a quem a Igreja, precisamente, nos envia em nome de Deus»<sup>573</sup>.

Falar de ministério pastoral é falar de caridade pastoral; ambos estão relacionados entre si. O sacerdote é-o porque Cristo assim o quer; e quer para que este O sirva, numa unidade contínua, que leva a realizar o Seu ministério de Profeta, Sacerdote e Rei / Bom Pastor, no serviço para a Igreja e na Igreja. «A caridade pastoral implica amor a Cristo, à

---

<sup>570</sup> DIAS, D. Manuel Madureira – O presbítero – um homem dado ao Povo de Deus. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Presbitério em comunhão: Ao serviço de comunhão eclesial: V Simpósio do Clero de Portugal*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007, p. 109.

<sup>571</sup> FAVALE, Agostino, S.D.B. – La relación del presbítero con Cristo, p. 213.

<sup>572</sup> FAVALE, Agostino, S.D.B. – La relación del presbítero con Cristo, p. 223.

<sup>573</sup> BOUYER, Louis – *O sentido de vida sacerdotal*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2010, p. 29.

Igreja e àqueles que vão no barco a remar connosco (colegas e bispo) bem como a todos quantos foram confiados à nossa acção pastoral»<sup>574</sup>. Contudo, «a dimensão humana do serviço sacerdotal, para ser totalmente autêntica, terá de radicar-se em Deus»<sup>575</sup>.

A vida espiritual sacerdotal, realizada pelo exercício do ministério (cf. PO 12-14), reclama disponibilidade missionária, magnânima e vivencial, tendo em conta os mistérios proféticos, litúrgicos e a arte de conduzir (cf. PO 4-6). «Nós [os sacerdotes] temos na mão – exactamente nas nossas “mãos vazias” – o poder dos meios de acção que o Senhor nos entregou»<sup>576</sup>. O sacerdote aproxima-se do Homem, sendo sinal vivo da caridade do Bom Pastor, oferecendo-se totalmente. «A unidade de vida encontra-se exactamente na entrega ao mistério sacerdotal, na entrega ‘ao rebanho’»<sup>577</sup>. Escreveu o Papa aos sacerdotes: «A nossa vocação, amados Irmãos, encerra em si um *serviço* sublime e fundamental *em relação a cada um dos homens!*»<sup>578</sup>. Na mesma *Carta*: «O nosso sacerdócio é ministerial. Sim, nós devemos servir. E ‘servir’ quer dizer levar o homem aos próprios fundamentos da sua humanidade, ao cerne mais profundo da sua dignidade»<sup>579</sup>. «Jesus é o Senhor a nós somos seus servidores»<sup>580</sup>. Compreendemos melhor, assim, as palavras de Saturnino Gamarra: «O presbítero é um irmão entre os irmãos, mas ao mesmo tempo é um irmão ante os irmãos (representando Cristo) e um irmão para os irmãos (imitando a Jesus servo que dá a vida pelos seus)»<sup>581</sup>. Ou tal como diz Greshake: «O “servidor”, na sua cooperação, é unicamente o sinal de que o próprio Senhor faz»<sup>582</sup>.

A exemplo de Cristo que «passou fazendo o bem» (Act 10,30), assim a vida sacerdotal ministerial faz da caridade pastoral uma realidade de serviço, um servir totalmente o dom recebido. Como diz D. José Policarpo:

---

<sup>574</sup> DIAS, D. Manuel Madureira – O presbítero, p. 110.

<sup>575</sup> Carta de 1991, n. 2.

<sup>576</sup> Carta de 1984, n. 5.

<sup>577</sup> MATEO SECO, Lucas F., – La unidad de vida de los presbíteros. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 646.

<sup>578</sup> Carta de 1984, n. 3.

<sup>579</sup> Carta de 1984, 3.

<sup>580</sup> MARTINI, Carlo Maria – *Un tesoro en vasijas de barro: La espiritualidad del sacerdote*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2011, p. 35.

<sup>581</sup> GAMARRA, Saturnino – Líneas de convergencia en la espiritualidad del presbítero diocesano secular. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 683.

<sup>582</sup> GRESHAKE, Gisbert – *Ser sacerdote hoy*, p. 134.

«O sacerdote é chamado a pôr-se totalmente ao serviço da edificação da Igreja, com tudo o que é e tudo o que tem. Esta radicalidade do serviço é a mais bela realização da liberdade; é a mais perfeita realização do ideal humano, num mundo retalhado de egoísmos e busca dos próprios interesses»<sup>583</sup>.

O sacerdote torna-se rosto de Cristo, como refere São Paulo: sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo (cf. 1Cor 4,16). «Ser sacerdote quer dizer estar particularmente em amizade com o mistério de Cristo, com o mistério da Redenção, no qual Ele deu a própria “carne, pela vida do mundo” (Jo 6,51)»<sup>584</sup>. É o realizar o mandamento novo «assim como Eu vos amei, vós também vos deveis amar uns aos outros» (Jo 13,34).

A mensagem que o Santo Padre deixou permite compreender que as *Cartas* têm como especial objectivo a fraternidade na comum participação no Sacerdócio de Cristo. Compreende-se, assim, que as virtudes do Bom Pastor sejam «sinal e estímulo da caridade pastoral» (PO 16); porém, devem ser redimensionadas quanto ao seu papel evangelizador. Todo o sacerdote que vive estas virtudes realiza a pastoral da caridade em perfeita ligação ao exercício do seu ministério, concretamente no ministério da Palavra, na celebração da Eucaristia, nos sinais sacramentais e na acção apostólica. «A caridade pastoral brota do sacrifício eucarístico: de facto, toda a vida do sacerdote não é outra coisa que tornar realidade na vida de cada dia o que celebra no altar»<sup>585</sup>. Ou como diz Gamarra: «A Eucaristia é a actualização da caridade pastoral de Cristo: é a actualização da entrega filial de Cristo ao Pai e da entrega pastoral de Cristo aos irmãos»<sup>586</sup>. Para além de estar ao serviço daqueles que o Senhor lhe confiou, o sacerdote santifica-se a si mesmo e aos outros. «O presbítero deve esforçar-se para ser fiel às suas opções fundamentais, não pelo temor ou por conveniência, ou simplesmente por rotina, mas por um motivo de amor, porque a fidelidade não só floresce como cresce no amor»<sup>587</sup>.

O ministério pastoral é também aquele que está ao serviço dos jovens. «É preciso que o sacerdote esteja muito perto dos jovens»<sup>588</sup>. Ele deve saber acolhê-los como Cristo acolheu (cf. Mc 10,17-21) e viver a sua espiritualidade nesta entrega sabendo ouvir,

---

<sup>583</sup> POLICARPO, D. José – Crescer como pessoas para servir como pastores, p. 101.

<sup>584</sup> Carta de 1983, n. 2.

<sup>585</sup> MATEO SECO, Lucas F., – La unidad de vida de los presbíteros, p. 646.

<sup>586</sup> GAMARRA, Saturnino – Caridad pastoral. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 85.

<sup>587</sup> FAVALE, Agostino, S.D.B. – La relación del presbítero con Cristo, p. 229.

<sup>588</sup> Carta de 1996, n. 7.

responder e Amar. O testemunho através da Palavra vivida, do ‘fazer-se’ Eucaristia e da vida de oração leva os jovens até Cristo e faz florescer novas vocações. O sacerdote é uma das ‘pedras angulares’ na tarefa de Cristo para que os que Ele chama escutem o convite. «Um sacerdote ‘conquistado’ por Cristo (cf. Fl 3,12) pode mais facilmente ‘conquistar’ outros para a opção de fazerem a mesma aventura»<sup>589</sup>. Não se pode descurar ainda a pastoral familiar, da saúde e da ajuda aos pobres e marginalizados. Neste sentido, Vicente Boch lembra que «o sacerdote está chamado a viver em comunhão com todo o Povo de Deus, mais ainda, com todos os homens, para cujo serviço foi ordenado: membros dos institutos de vida consagrada e laical, todas as pessoas, doentes, jovens e velhos, cristãos e não cristãos»<sup>590</sup>.

«Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi» (Jo 15,16). Sentir o chamamento e a escolha de Cristo torna o sacerdote capaz de ir e dar frutos. «O sacerdote não pode atribuir a si mesmo a eficácia do seu sacerdócio»<sup>591</sup>. Porém, os frutos nascem da sua doação e entrega a Cristo. «A unidade de vida, fruto da caridade pastoral, comporta, pois, na espiritualidade sacerdotal uma característica que está especialmente sublinhada: a fraternidade sacerdotal, a união com os bispos, a entrega ao serviço das almas»<sup>592</sup>. Ao sentir-se implicado nas palavras da consagração ‘tomai e comei’ doa-se à comunidade e torna-se testemunha da entrega e do amor de Cristo. Então, cada sacerdote pode fazer suas as palavras de São Paulo: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2,20).

Devemos ter presente, igualmente, que «não há Eucaristia sem caridade de Pastor e não há caridade pastoral no sacerdote sem a Eucaristia»<sup>593</sup>.

---

<sup>589</sup> Carta de 2005, n. 7.

<sup>590</sup> BOSCH, Vicente – La espiritualidad sacerdotal. In PELLITERO, Ramiro, dir. – *La misión del sacerdote en la Iglesia*. Pamplona: EUNSA, 2011, p. 167.

<sup>591</sup> VANHOYE, Albert, S.J. – Sacramentalidad del ministerio y su repercusión en la persona ordenada, p. 82.

<sup>592</sup> MATEO SECO, Lucas F., – La unidad de vida de los presbíteros, p. 648.

<sup>593</sup> GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 224.

## 2. «NÓS NASCEMOS DA EUCARISTIA»<sup>594</sup>

«A Eucaristia é o ponto donde tudo irradia e para o qual tudo conduz»<sup>595</sup>. Ao falar-se da Eucaristia, no contexto de espiritualidade sacerdotal (e aqui mais concretamente como proposta de itinerário) deve-se, antes de tudo, lembrar que existe uma íntima relação entre a Eucaristia e o sacerdócio ministerial. «A espiritualidade sacerdotal tem que ser espiritualidade eucarística, no sentido de uma espiritualidade que nasce do celebrar conscientemente a Eucaristia, cada dia, e o desejo é incompreensível pelo mistério celebrado»<sup>596</sup>. Ela é a principal razão deste último, visto que o ‘ser’ do sacerdote se realiza ‘a partir dela’ e ‘para ela’. «Na santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida. [Ela] aparece como fonte e coroa de toda a evangelização» (PO 5). «O segredo de uma espiritualidade eucarística está precisamente no celebrar a Eucaristia e viver todos os seus compromissos e virtualidades»<sup>597</sup>.

«A celebração da eucaristia deve ser uma escola de amor ao próximo, de justiça e de paz»<sup>598</sup>. O inefável amor deixado por Cristo à Sua Igreja está alicerçado na Eucaristia. Esta realidade faz com que uma não possa existir sem a outra. Como também não pode haver Eucaristia nem Igreja sem sacerdotes. «Cristo quis necessitar do sacerdote ministro para se tornar presente nos sinais eucarísticos»<sup>599</sup>. Perante o amor e o sacrifício eucarístico realizado por Cristo (e que faz com que haja comunhão e anúncio no ‘hoje’ contínuo da Morte e Ressurreição) àquele que age *‘in persona Christi’* só lhe «resta ajoelhar e, em silêncio, adorar este mistério supremo da fé»<sup>600</sup>.

«O Sacerdote desempenha a sua missão principal e manifesta-se em toda a sua plenitude ao celebrar a Eucaristia»<sup>601</sup>. De tal forma isto é verdade que «quando o presbítero

---

<sup>594</sup> Carta de 2004, n. 2

<sup>595</sup> Carta de 2000, n. 10.

<sup>596</sup> CASTELLANO, Jesús – El sacerdote hombre eucarístico: liturgia y vida. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Padres para um novo milénio: III Simpósio do Clero*. Viana do Castelo: Comissão Episcopal do Clero Seminários e Vocações, 2000, p. 182.

<sup>597</sup> CASTELLANO, Jesús – El sacerdote hombre eucarístico, p. 187.

<sup>598</sup> KASPER, Walter – *El sacerdote, servidor de la alegría*, p. 136.

<sup>599</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – *Teología de la espiritualidad sacerdotal*, p. 130.

<sup>600</sup> Carta de 2004, n. 2.

<sup>601</sup> Carta de 1980, n. 2.

celebra a Eucaristia, actua *in persona Christi* mais que em qualquer outro sacramento»<sup>602</sup>. De lembrar também que «é pelo ministério dos presbíteros que o sacrifício espiritual dos fiéis se realiza em união com o sacrifício de Cristo, mediador único, que é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental pelas mãos deles, em nome de toda a Igreja, até quando o mesmo Senhor vier» (PO 2). «Na presidência da eucaristia o sacerdócio ministerial aparece verdadeiramente como é: não é a síntese dos ministérios, assumindo-os em si, mas o ministério da síntese que a todos reconhece e promove na unidade do povo santo de Deus»<sup>603</sup>. A íntima união com Cristo pela Eucaristia faz com que «pelas mãos dos sacerdotes o corpo do Senhor passe para as mãos dos irmãos. No centro da mesa fazem as vezes de Cristo cabeça, são o ícone transparente do Primogénito»<sup>604</sup>.

Os sacerdotes, inundados pela Eucaristia que os une ao mistério Pascal, actualizam a única e contínua ‘Fracção do Pão’, participando no sacrifício de Cristo a partir das palavras proferidas na consagração. Estas palavras são as mesmas que o Santo Padre deseja que sejam ditas sempre como se fosse a primeira vez, a fim de não caírem na rotina quotidiana porque exprimem o mais concreto do sacerdócio. A consagração não deve ser uma mera fórmula, mas uma ‘fórmula de vida’. «Não é possível repetir as palavras da consagração sem se sentir implicado neste movimento espiritual. Em certo sentido, o sacerdote deve aprender a dizer, com verdade e generosidade, também de si próprio: “tomai e comei”»<sup>605</sup>. Todavia, recorda João Paulo II: «O facto de estarmos tão intimamente vinculados a este mistério é, para nós, simultaneamente motivo de alegria e fonte de responsabilidade»<sup>606</sup>. Como escreve Vanhoye: «O sacerdote não fala nem actua a título pessoal. Fala e actua *in persona Christi*; vai reproduzindo um por um os gestos de Cristo, pronuncia as palavras de Cristo. Gestos e palavra que têm uma referência explícita ao sacrifício do calvário»<sup>607</sup>.

---

<sup>602</sup> FAVALE, Agostino, S.D.B. – La relación del presbítero con Cristo, p. 224.

<sup>603</sup> FORTE, Bruno – A vida espiritual do padre. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Padres para este tempo: III Simpósio do Clero*. Porto: Comissão Episcopal do Clero Seminários e Vocações, 1994, p. 125.

<sup>604</sup> LEGINO, Marcelino – Espiritualidad del seguimiento de Jesús según el modelo apostólico, p. 216.

<sup>605</sup> Carta de 2005, n. 3.

<sup>606</sup> Carta de 2000, n. 13.

<sup>607</sup> VANHOYE, Albert, S.J. – Sacramentalidad del ministerio y su repercusión en la persona ordenada, p. 83.

«Só a eucaristia revela o sentido da cruz»<sup>608</sup>. É neste âmbito de amor vivencial, em que se realiza o ‘memorial’ do sacrifício da Cruz, que os sacerdotes se tornam seres que amam, aprendem na escola do amor a tornarem-se semelhantes a Deus; testemunhas do Amor do Filho pelo Pai e do Pai pelo Filho. «O sacrifício de Jesus culminou na morte na cruz, mas abarcou toda a sua vida»<sup>609</sup>. Viver este amor é de tal forma importante que o sacerdote, não só na celebração da Eucaristia se torna ‘eucaristia’ – Cristo – ‘*in persona Christi*’, mas é continuamente ‘eucaristia’ – Cristo – para o seu próximo e para o mundo. «O autêntico sentido da Eucaristia torna-se, de per si, escola de amor activo para com o próximo»<sup>610</sup>. É também pela Eucaristia que «o Pão dos peregrinos nutre no presbítero a caridade que o faz imagem do Bom Pastor e o torna testemunha credível e contagiosa da esperança que n’Ele, o Ressuscitado dos mortos nos manifestou e deu»<sup>611</sup>.

«Emaús revela-nos a estreita vinculação entre a Palavra e a Eucaristia»<sup>612</sup>. Por conseguinte, a escola eucarística é também escola da Palavra de Deus. «Sim, a homilia é *diakonia* do Evangelho, mas também é fonte de vida espiritual no presbítero»<sup>613</sup>. O seu ensino faz com que o Povo de Deus seja mais evangelizador. Porém, os ministros da palavra têm um papel a realizar: fazer o que lhes é pedido ou, porque não, exigido; isto é, que se preparem bem para a escuta da Palavra de Deus de modo a serem eles também ‘palavra’ de Deus. «Da mesma maneira, o presbítero, servo da Palavra, é antes de tudo, alguém que a escuta, que se deixa alcançar, penetrar, medir por ela»<sup>614</sup>. Até porque «o Senhor, pela palavra dos seus apóstolos converte e convoca»<sup>615</sup>. Legino refere também que «os presbíteros não só foram chamados a convocar. Foram chamados igualmente a congregar e a incorporar pelos sacramentos que manam da eucaristia»<sup>616</sup>.

---

<sup>608</sup> BOUYER, Louis – *O sentido de vida sacerdotal*, p. 98.

<sup>609</sup> GRESHAKE, Gisbert – *Ser sacerdote hoy*, p. 90.

<sup>610</sup> Carta de 1980, n. 6.

<sup>611</sup> FORTE, Bruno – *A vida espiritual do padre*, p. 128.

<sup>612</sup> FERNÁNDEZ-MARTOS, José M<sup>a</sup>, SJ. – *Sacerdote, puente entre dos orillas: Cazando raposas culturales*. In URIARTE, Juan María; CORDOVILLA, Ángel; FERNÁNDEZ-MARTOS, José M<sup>a</sup>, SJ. – *Ser sacerdotal en la cultura actual*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2010, p. 124.

<sup>613</sup> BIANCHI, Enzo – *Aos presbíteros*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006, p. 24.

<sup>614</sup> BIANCHI, Enzo – *Presbíteros: El arte de servir el Pan e la Palabra*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2011, p. 61.

<sup>615</sup> LEGINO, Marcelino – *Espiritualidad del seguimiento de Jesús según el modelo apostólico*, p. 214.

<sup>616</sup> LEGINO, Marcelino – *Espiritualidad del seguimiento de Jesús según el modelo apostólico*, p. 216.

A acção do Espírito Santo possibilita que os sacerdotes continuem a levar a salvação de Jesus aos Homens através da Eucaristia. Toda a Eucaristia é acção do Espírito Santo realizada na pessoa do sacerdote. Recordamos que João Paulo II realça a importância da doxologia final com a qual se exprime a coroação do *'mysterium fidei'* pela acção do Espírito Santo que torna o Pão e Vinho em Corpo e Sangue do mesmo Cristo<sup>617</sup>. «No nosso ministério, especialmente no serviço litúrgico, deve permanecer sempre viva a consciência de estarmos a caminho do Pai, guiados pelo Filho no Espírito Santo»<sup>618</sup>. Pelas mãos e pelas palavras, o sacerdote age com o poder de Cristo e do Paráclito na transubstanciação que se torna «verdadeira, real e substancialmente» em Corpo e Sangue de Cristo. «Ao unir a Cristo, a Eucaristia une, por meio de Cristo e em Cristo, também ao Pai e ao Espírito Santo. De tal modo, a *comunhão com Cristo* introduz o presbítero na *comunhão trinitária*»<sup>619</sup>.

Os sacerdotes, na redescoberta diária do seu sacerdócio, devem sentir que a Eucaristia encaminha e sustenta a sua vida ministerial e espiritual, porque, como diz o Papa: «A Eucaristia é verdadeiramente um pedaço de céu que se abre sobre a terra; é um raio de glória da Jerusalém celeste, que atravessa as nuvens da nossa história e vem iluminar o nosso caminho»<sup>620</sup>. O conforto e as forças que a Eucaristia oferece permitem aos sacerdotes ultrapassar as dificuldades. A sua celebração diária, e tendo sempre presente que ela é o centro do seu ministério, é também bálsamo e fonte de energia para as actividades pastorais. «A Eucaristia educa-nos na gratuidade»<sup>621</sup>.

Em síntese, podemos dizer que «a Eucaristia, [...] coloca no centro da espiritualidade presbiteral a oferenda existencial de Cristo, realizada na Última Ceia e levada a cabo no Calvário; ao mesmo tempo, urge que o presbítero deseje envolver-se pessoalmente no dinamismo desta oferenda»<sup>622</sup>. Assim, compreende-se também que seja possível uma Espiritualidade Sacerdotal a partir das palavras da instituição da Eucaristia, como próprio João Paulo II refere:

---

<sup>617</sup> Cf. Carta de 1999, n. 4.

<sup>618</sup> Carta de 1997, n. 2.

<sup>619</sup> FAVALE, Agostino, S.D.B. – La relación del presbítero con Cristo, p. 224.

<sup>620</sup> Carta de 2003, n. 19.

<sup>621</sup> CASTELLANO, Jesús – El sacerdote hombre eucarístico, p. 196.

<sup>622</sup> VANHOYE, Albert, S.J. – Sacramentalidad del ministerio y su repercusión en la persona ordenada, p. 83.

«Irei fazê-lo, deixando-me guiar pelas palavras da instituição da Eucaristia, as mesmas que diariamente pronunciamos, *in persona Christi*, para tornar presente sobre os nossos altares o sacrifício realizado uma vez por todas no Calvário; é que de tais palavras brotam indicações de espiritualidade sacerdotal muito elucidativas: se toda a Igreja vive da Eucaristia, a existência sacerdotal deve a título especial tomar “forma eucarística”. Por isso, as palavras da instituição devem ser, para nós, não apenas uma fórmula de consagração, mas uma “fórmula de vida”»<sup>623</sup>.

### 3. RECONCILIAÇÃO: «VAI E NÃO TORNES A PECAR» (JO 8,11)

Entramos agora num dos pontos que pode, à partida, provocar alguma estranheza. De facto, isolamos um tema que habitualmente é tratado juntamente com outros na espiritualidade sacerdotal. Mais ainda, este tema quase nunca (e colocamos ‘quase nunca’ para não cair no erro de dizer nunca) é tratado numa perspectiva espiritual, aconselhando os sacerdotes a abeirarem-se, também eles, do sacramento da Penitência. João Paulo II, por sua vez, e como tivemos oportunidade de ver no segundo capítulo deste trabalho, deu-lhe alguma importância; daí o motivo maior para o termos colocado aqui como um dos temas a tratar. Entretanto, ele será abordado realçando a importância, para este *itinerário de espiritualidade ministerial*, de o sacerdote o viver quer no serviço do confessor quer como aquele que procura o perdão junto de Deus.

A rotina da vida pastoral e até mesmo da Eucaristia não podem fazer com que os sacerdotes esqueçam da necessidade do sacramento da Penitência. É certo que os dois sacramentos se unem. Mas os sacerdotes devem estar disponíveis e conscientes de que estão ao serviço do confessor para tornar possível o encontro do Homem com o Amor e a Misericórdia de Deus em Cristo Jesus. «É no confessor precisamente que se manifesta, acima de tudo a grande misericórdia de Deus»<sup>624</sup>. Estar ‘ao serviço do Bom Pastor’ é também servir o Povo de Deus no serviço do confessor. «A perda progressiva do sacramento da penitência é uma das carências mais sensíveis da Igreja actual»<sup>625</sup>. O pensamento do Papa remete várias vezes para o exemplo deixado por São João Maria Vianney, homem que dedicou muito do seu tempo à confissão daqueles que

---

<sup>623</sup> Carta de 2005, n. 1.

<sup>624</sup> Carta de 1986, n. 7.

<sup>625</sup> KASPER, Walter – *El sacerdote, servidor de la alegría*, p. 115.

procuravam o perdão, realizando o encontro pessoal com Cristo crucificado e que se faz presente na pessoa do ministro. «Não existe dúvida que tem um grande sentido a reconciliação sacramental e só se compreende num todo o que ela é quando se vive e experimenta no íntimo da pessoa»<sup>626</sup>.

Persiste ainda a necessidade de redescobrir Cristo nesta entrega de amor aos irmãos para que também eles reconheçam e redescubram Aquele que diz: «Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar» (Jo 8,11). Desta forma, a Reconciliação origina o encontro com o rosto e a voz do Bom Pastor e o acolher do amor de Deus presente no sacerdote. «A Igreja tem um sacramento para curar a ferida do pecado. Saibamos acolhê-lo e realizá-lo. Sejamos mais compassivos que críticos. Mais misericordiosos que juízes»<sup>627</sup>.

Isto só é possível com uma boa preparação para a administração deste sacramento. Deve preparar-se da melhor forma este encontro do Homem com Deus; os sacerdotes devem preocupar-se em realizar momentos de formação sobre questões de moral e noção de pecado. Ao fazê-lo, também eles redescobrem a ‘beleza do sacramento da Reconciliação’. Lembra o Papa que não se pode dar aquilo que não se tem. Ao realizar o serviço de confessorário com responsabilidade, o sacerdote será capaz de transparecer o amor e a luz de Cristo no coração do penitente que procura o perdão do Pai. «O perdão é imperecível e incontestável, é dom e prerrogativa exclusiva de Deus, só Ele pode perdoar os pecados, e fê-lo no evento de Cristo, sacramentalmente actualizado agora pelos ministros investidos do Espírito (cf. Jo 20,21-23), administradores dos divinos mistérios (cf. 1Cor 4,1)»<sup>628</sup>. Neste sentido diz o Santo Padre aos sacerdotes: «No sacramento da Reconciliação, somos instrumentos dum encontro sobrenatural com leis próprias, que devemos apenas respeitar e favorecer»<sup>629</sup>. Diz ainda que «a confissão, antes de ser um caminho do homem para Deus, é a chegada de Deus à casa do homem»<sup>630</sup>. Um bom acolhimento e uma boa realização deste sacramento recriam a alegria e o perdão que

---

<sup>626</sup> GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 235.

<sup>627</sup> URIARTE, Juan María – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*, p. 83.

<sup>628</sup> LUIS FERRERAS, Avelino de – Reconciliación. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 665.

<sup>629</sup> Carta de 2002, n. 5.

<sup>630</sup> Carta de 2002, n. 6.

Zaqueu viveu quando recebeu o Senhor em sua casa (cf. Lc 19,1-10). O sacerdote «é embaixador do Amor reconciliante, promotor da paz e fraternidade»<sup>631</sup>.

Se no início deste capítulo falamos do sacerdote como testemunha, esse mesmo testemunho pode ser realizado no serviço do confessor. O Papa alude que a ‘Hora’ de Cristo foi vivida e realizada pelo Cura de Ars especialmente na realização deste ministério. Este exemplo foi seguido por muitos sacerdotes, mas urge, nos dias de hoje, a existência de mais seguidores, nesta que é uma vivência também ela espiritual.

Contudo, João Paulo II diz que a importância da Penitência «pressupõe também, na pessoa do confessor, grandes qualidades humanas e, acima de tudo, uma vida espiritual intensa e sincera; é necessário que o próprio sacerdote recorra com regularidade a este Sacramento para seu proveito»<sup>632</sup>. Aqui podemos ir ao encontro de Pedro que, negando Jesus, foi capaz depois de responder afirmativamente à pergunta “tu amas-Me?” (cf. Jo 21,15-17). «Quanto mais se é cumulado pela misericórdia, mais se sente a necessidade de testemunhá-la e irradiá-la»<sup>633</sup>. Esta é a Misericórdia que vem de Deus e que conduz à santidade. Walter Kasper veio ao encontro desta vontade do Santo Padre quando diz: «Recomenda-se ao cristão, e especialmente ao sacerdote, a recepção periódica do sacramento da confissão, sobretudo nos tempos penitenciais da Igreja, como o advento e quaresma. Isto não só não causa depressão, como oferece alegria e liberdade»<sup>634</sup>.

O Papa realça a importância de o sacerdote ser capaz de procurar a absolvição junto de um outro irmão no sacerdócio. Como ele diz: «É belo poder confessar os nossos pecados, e sentir como um bálsamo a palavra que nos inunda de misericórdia e nos faz retomar o caminho»<sup>635</sup>. O sacerdote, ao conhecer e ao sentir o amor de Deus pelo perdão, poderá transmitir a quem o procura para o perdão esse mesmo Amor. «Percamos algum tempo a pedir-lhe perdão e força, indo depois ter com o sacerdote, se pudermos»<sup>636</sup>. Defende, igualmente, que é pelo sacramento da Penitência que os ministros ficam menos

---

<sup>631</sup> LUIS FERRERAS, Avelino de – Reconciliación, p. 666.

<sup>632</sup> Carta de 1986, n. 7.

<sup>633</sup> Carta de 2001, n. 8.

<sup>634</sup> KASPER, Walter – *El sacerdote, servidor de la alegría*, p. 117.

<sup>635</sup> Carta de 2001, n. 9.

<sup>636</sup> APARICIO SÁNCHEZ, Gonzalo – *Sacerdos / 1. Apontamentos de espiritualidade sacerdotal: Tentações e desafios de sacerdote actual*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2009, p. 131.

indignos, e tal como o salmista peçam: «criai em mim, ó Deus, um coração puro; renova e dá firmeza ao meu espírito» (Sl 51(50),12).

#### 4. ORAÇÃO: O ‘ALFA E O ÔMEGA’ DA CONVERSÃO

O viver dos cristãos devia ser sinónimo de uma plena e continua vida em oração. Se isto é pedido ao Povo de Deus, muito mais é pedido (uma obrigação) à pequena porção desse Povo, que são os sacerdotes. À oração une-se à santificação e a conversão diária. Como que há uma transformação interior em toda a estrutura do Homem. Assim «descobrimos a pedra preciosa, o tesouro escondido, a capacidade infinita de Jesus para provocar, para suscitar entusiasmo e conversão na nossa vida»<sup>637</sup>. O Papa João Paulo II propõe que o «Tu amas-me?; Amas-me tu mais do que estes?» (cf. Jo 21,15-17) seja a pergunta que deve marcar o dia-a-dia de cada sacerdote com um ‘sim’ contínuo e verdadeiro. Como santificação, deixa o exemplo de vida de São João Maria Vianney. Este pastor que, ao renunciar a si mesmo, seguiu e viveu imitando o verdadeiro Bom Pastor. Para se imitar necessita-se de contemplar e, como diz Elias Royon:

«Contemplar a vida de Jesus não é um de tantos modos possíveis de orar, ou uma metodologia para passar piedosamente o tempo dedicado à oração. É deixar a minha vida junto da vida de Jesus para que se vá convertendo; deixar a minha pessoa, transformada objectivamente no sacramento da ordem, junto do Bom Pastor, para que me vá transformando subjectivamente»<sup>638</sup>.

E nesta entrega de vida o Cura de Ars santificou-se, santificando as outras pessoas. De igual modo, «a oração é um dos elementos mais identificadores da toda a espiritualidade, no sacerdote deve estar configurada desde a própria identidade sacerdotal, nas suas características mais peculiares: a sacramentalidade e a missão»<sup>639</sup>.

Os sacerdotes, ao sentirem-se salvos, são testemunhas de salvação encaminhando os fiéis para a Salvação. «Só vivendo como salvados é que nos tornamos arautos credíveis

---

<sup>637</sup> LÓPEZ MARTIN, Julián – Espiritualidad litúrgica del sacerdote. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 378.

<sup>638</sup> ROYON, Elías, S.J. – Oración y experiencia de Dios en la vida del sacerdote. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p.377.

<sup>639</sup> ROYON, Elías, S.J. – Oración y experiencia de Dios en la vida del sacerdote, p. 376.

da salvação»<sup>640</sup>. A espiritualidade e santidade sacerdotais acontecem «pelo próprio exercício do seu ministério, realizado sincera e infatigavelmente no espírito de Cristo» (PO 13). Sem colocar de parte outros meios de santificação recomendados (cf. PO 18), o principal é mesmo o seu ministério, juntamente com a multiplicidade de actividades (a celebração eucarística como fonte e coroa) que encaminham e fazem com que ele realize o dom recebido na ordenação (cf. PO12-13). «Um caminho específico para a santidade só pode realçar a centralidade da espiritualidade que amadurece no serviço à Igreja, sendo, uma santidade no ministério e pelo ministério»<sup>641</sup>.

Os sacerdotes devem ser homens de oração por excelência. A humanidade assim espera. Aurelio Fernández reforça esta ideia afirmando: «O sacerdote não só deve ser “homem de oração”, mas também deve ser “mestre de oração”, dado que se reúne com o povo no ofício de Cristo, tal como se expressa a Carta aos Hebreus (cf. Heb 5,7-9)»<sup>642</sup>. Todavia, como diz Saturnino Gamarra: «Trata-se de ser ‘mestre’ na escola de Jesus; e para isso é necessário que o presbítero pertença à escola de Jesus orante e que nela continue»<sup>643</sup>. Ao ser homem de oração o sacerdote, para além de levar os Homens à oração, está mais disponível para as pessoas, encaminha-as para o encontro com o Pai, pelo Filho e «torna-se aquele a quem as pessoas confiam as coisas mais íntimas e os seus segredos, por vezes tão dolorosos»<sup>644</sup>. Neste mesmo serviço aos irmãos, o sacerdote realiza a sua santificação. O ser-se sacerdote para os outros, segundo o modelo de Cristo, é ser-se oração. É seguir o exemplo do Mestre que realizava a oração para benefício de todos. «Se a nossa oração é a de Cristo em nós, ela também é, e sempre, oração da Igreja»<sup>645</sup>. Tal como a Eucaristia, a oração é fonte de onde transbordam as forças para superar todos os sacrifícios, provas e tentações. Estes mesmos sacrifícios são superados se a comunidade for uma comunidade de oração. «A vocação sacerdotal é um chamamento especial ao ‘*officium laudis*’»<sup>646</sup>. O ser-se ‘*officium laudis*’ é alargar ao mundo inteiro o ‘ofício de louvor’, realizando a sua

---

<sup>640</sup> Carta de 2005, n. 4.

<sup>641</sup> CORDEIRO, José Manuel – *O padre*, p. 152.

<sup>642</sup> FERNÁNDEZ, Aurelio – Oración. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 528.

<sup>643</sup> GAMARRA, Saturnino – *Manual de espiritualidad sacerdotal*, p. 289.

<sup>644</sup> Carta de 1996, n. 7.

<sup>645</sup> ROCHA e MELO, Luís, sj – Os caminhos do silêncio e da oração, p. 84.

<sup>646</sup> Carta de 1996, n. 6.

acção no contacto com a realidade humana, os seus problemas e pecados. Contudo, «cada um deve orar tal como é, com a sua própria pobreza, sabendo que é amado por Deus na sua realidade. Quando alguém sabe orar assim, sempre encontra tempo para orar, visto que sempre se encontra tempo para aquele que se ama»<sup>647</sup>.

A conversão diária leva ao desejo ardente de estar com Deus. «O dinamismo da fé impulsiona-nos a passar do sentir a necessidade de orar, à atitude de *desejar* experimentar Deus: o desejo de Deus; o desejo de ver o rosto de Deus, que tanto repete nos salmos. “*A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo! Quando poderei contemplar a face de Deus?*” (Sl 42 (41),3)»<sup>648</sup>. A conversão diária, para além da oração, realiza-se de forma sublime no culto e mistério da Eucaristia onde o seu alimento sacia e sustenta. «Se é verdade que “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” [Gl 2,20], então é Cristo quem pronuncia essas palavras, em mim, através da minha pessoa, com a minha boca e com o som gutural da minha voz»<sup>649</sup>. Contudo, os sacerdotes, segundo o Santo Padre, devem meditar profundamente no verdadeiro sentido da Eucaristia nas suas vidas, reflectir no seu coração a grandeza do dom recebido através do Espírito Santo, aquando da imposição das mãos. «Efectivamente, cada vez que o sacerdote celebra a santa Missa aprende de Cristo a dar a vida pelas almas, a ser pão para os outros; e, por sua vez, essa total doação só é possível numa crescente configuração com Cristo morto e ressuscitado»<sup>650</sup>. Todavia, o Papa deseja que «celebrems sempre com fervor a Santa Eucaristia. Detenhamo-nos com frequência e prolongadamente em adoração diante de Cristo eucarístico»<sup>651</sup>.

A adoração à Santíssima Eucaristia é uma das formas de oração que o Santo Padre propõe para uma vivência ministerial. «A Igreja e o mundo têm grande necessidade do culto eucarístico. Jesus espera por nós neste Sacramento do Amor»<sup>652</sup>. É nesta disposição de amor e entrega que o sacerdote, juntamente com a comunidade, se sente testemunha eucarística. «A contemplação de Jesus purifica-nos, leva-nos a essa lua que é a única capaz

---

<sup>647</sup> ESQUERDA BIFET, Juan – *Teología de la espiritualidad sacerdotal*, p. 275.

<sup>648</sup> ROYON, Elías, S.J. – *Oración y experiencia de Dios en la vida del sacerdote*, p. 381.

<sup>649</sup> ROCHA e MELO, Luís, sj – *Os caminhos do silêncio e da oração*, p. 86.

<sup>650</sup> BOSCH, Vicente – *La espiritualidad sacerdotal*, p. 164.

<sup>651</sup> Carta de 2000, n. 14.

<sup>652</sup> Carta de 1980, n. 3.

de dissipar a nossas trevas»<sup>653</sup>. Ali mesmo ‘onde faltam os sentidos’ «é bom demorar-se com Ele e, inclinado sobre o seu peito como o discípulo predilecto (cf. Jo 13,25), deixar-se tocar pelo amor infinito do seu coração»<sup>654</sup>. Ao realizar a oração ao Santíssimo Sacramento, o sacerdote como que é levado ao Getsemani e aí testemunha a oração sacrificial de Cristo. «É importante construir-se *um* espaço para orar. A adoração da presença real de Cristo no Santíssimo Sacramento geralmente ajuda»<sup>655</sup>. Até porque «Jesus Cristo no sacrário é o melhor mestre, o melhor livro, uma biblioteca inteira, todo o evangelho presente, toda a teologia feita viva»<sup>656</sup>.

Como refere o Concílio Vaticano II:

«Os próprios presbíteros, ao recitar o ofício divino, distribuem pelas horas do dia os louvores e acções de graças que elevam na celebração da Eucaristia; é com o ofício divino que eles, em nome da Igreja, rezam a Deus por todo o povo que lhes fora confiado; mais ainda, por todo o mundo» (PO 5).

«A celebração da eucaristia e a celebração do Ofício Divino, por parte do sacerdote estão na mesma linha da sacramentalidade que é *senal pessoal* de Cristo para os fiéis»<sup>657</sup>. A Liturgia das Horas pauta o dia de oração do sacerdote. «É a sua música, a sua alegria, a sua dor, a sua angústia, a sua raiva, a sua súplica, o seu louvor, o seu amor»<sup>658</sup>. Ela ajuda a manter firme e consciente a vocação sacerdotal, como também recorda que os sacerdotes são «servos de Cristo» e «administradores dos mistérios de Deus» (1Cor 4,1). «A Liturgia das Horas é a fonte da verdadeira espiritualidade cristã e expressão da dinâmica orante da Igreja»<sup>659</sup>. Na oração da Liturgia das Horas, diz António Couto:

«Pouco importa o meu estado de ânimo e o estar de acordo com o meu estado de ânimo, porque esta é a oração de toda a humanidade e com toda a humanidade, que me faz sair ao encontro do pobre, do rico, do perseguido, do perseguidor, do humilhado, do doente, do são, do moribundo, do sem-Deus, do que anseia por Deus, do justo, do malvado, do jovem, do idoso, da criança. Rezar é dizer «eu» em vez e no lugar dos meus irmãos»<sup>660</sup>.

---

<sup>653</sup> MARTINI, Carlo Maria – *Un tesoro en vasijas de barro*, p. 118.

<sup>654</sup> Carta de 2003, n. 25.

<sup>655</sup> FERNÁNDEZ-MARTOS, José M<sup>a</sup>, SJ. – Sacerdote, puente entre dos orillas, p. 118

<sup>656</sup> APARICIO SÁNCHEZ, Gonzalo – *Sacerdos / 2. Apontamentos de espiritualidade sacerdotal*, p. 136.

<sup>657</sup> LOPEZ MARTIN, Julián – *Espiritualidad Litúrgica del Sacerdote*, p. 364.

<sup>658</sup> COUTO, António – A riqueza vital da oração a partir dos salmos o sabor das Liturgia da Horas. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *A oração na vida e o ministério do sacerdote: IV Simpósio do Clero*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2004, p.155.

<sup>659</sup> CORDEIRO, José Manuel – *O padre*, p. 157.

<sup>660</sup> COUTO, António – A riqueza vital da oração a partir dos salmos o sabor das Liturgia da Horas, p. 171.

«A oração ajuda-nos a crer, a esperar e a amar, mesmo quando a isso se opõe à nossa fraqueza humana»<sup>661</sup>. Com estas palavras, o Santo Padre quer remeter para a íntima relação de Jesus com o Pai, Ele que chama ‘Abbá’ ao Pai e que durante toda a sua vida terrena ora a Deus Pai, culminando na oração do Getsemani onde é revelada a vocação e missão do Filho. Ao remeter para este exemplo, compreende-se que seja para que os sacerdotes se aproximem desta verdade de amor, desta escola de oração que é o próprio Jesus e que leva à intimidade com Deus, mesmo nas horas de dor. Mas a oração é também uma contínua acção de graças e louvores pelo dom do sacerdócio imerecido. Isto porque, como diz João Paulo II: «Sabemos que somos “servos inúteis” (Lc 17,10), mas sentimo-nos gratos ao Senhor porque quis fazer de nós [sacerdotes] seus ministros»<sup>662</sup>.

Porém, não pode cair no esquecimento que, a oração é vivificada pelo Espírito Santo. O Espírito Santo tem uma acção primordial na forma como se realiza a oração. «Quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai» (Mt 6,6). O sacerdote, pela oração, alimenta a vocação que o guiou ao sacerdócio e, por ela, realiza a sua conversão, num amadurecimento interior, de forma a viver o fruto da oração unido a Cristo, pela acção do Paráclito. É igualmente pela oração que o Espírito Santo actua no sacerdote de forma que cresça no entendimento que o conduz ao Amor definitivo de Deus. Diz Luís Rocha e Melo que a «oração de Cristo em nós ou oração do Espírito em nós são a mesma, feita com gemidos inefáveis, provocados pelo Espírito nos seus inefáveis murmúrios, ou pela angústia da alma sedenta que deseja ver a Deus, mas ainda não pode»<sup>663</sup>.

Nos momentos de oração, quer comunitária quer pessoal, os sacerdotes tenham presente as famílias, os doentes, os mais pobres, os irmãos no sacerdócio... «A oração, enquanto componente da missão do sacerdote, significará sempre crescer em fraternidade e perdão mas, sobretudo, em solidariedade com os pobres e desfavorecidos, dando graças ao Pai por se revelar nos mais simples (cf. Lc 10,21)»<sup>664</sup>.

---

<sup>661</sup> Carta de 1979, n. 10.

<sup>662</sup> Carta de 1996, n. 8.

<sup>663</sup> ROCHA e MELO, Luís, sj – Os caminhos do silêncio e da oração, p. 82.

<sup>664</sup> ROYON, Elías, S.J. – Oración y experiencia de Dios en la vida del sacerdote, p. 384.

Falar de oração é também falar de leitura orante da Sagrada Escritura. «O sacerdote foi ordenado para prestar serviço à palavra»<sup>665</sup>. A Lectio Divina é um ótimo exercício de entrega e escuta à Palavra de Deus. «É necessário que a Palavra seja o mundo em que se banha, a atmosfera em que se vive»<sup>666</sup>. Este é um dos frutos da espiritualidade sacerdotal ainda a descobrir. Contudo, ela permite enriquecer a vivência espiritual ministerial a partir dos tradicionais momentos que orientam a oração. «Estar junto da cruz quererá dizer também estar junto da Palavra meditando da lectio divina, estar junto da Palavra nos dias feriais, nos momentos de aridez e deserto»<sup>667</sup>. Neste mesmo caminho de santificação entende-se que Enzo Bianchi diga:

«Se o presbítero é ministério, servo da Palavra, deve viver esta condição como ocasião para amadurecer na fé e santificar-se. [Bem como] «a santificação atinge-se mediante o equilíbrio entre a palavra de Deus escutada e as numerosas palavras escutadas e pronunciadas»<sup>668</sup>.

É falar do encontro silencioso com Deus em que se abandona numa total entrega a Deus através do Filho. No entanto, «o silêncio do coração nasce da adoração do Deus único e verdadeiro, e é perturbado pela falsidade de outras adorações»<sup>669</sup>. O silêncio é uma atitude reveladora até porque «se alguém não sabe estar a sós, se alguém não sabe estar em silêncio, então não é possível a vida espiritual nem a orientação feita por Deus»<sup>670</sup>.

Também trazemos para este ponto a importância da oração pelas vocações. «Deus chama normalmente através dos homens, e o sacerdote deve perguntar-se se Deus, por seu intermédio, não quererá despertar provavelmente em algum jovem o desejo de ser um dos enviados»<sup>671</sup>. O Santo Padre falou da sua necessidade, como foi referido no segundo capítulo. Preocupa-se com a falta de sacerdotes; para ele, essa escassez de padres tem na oração pelas vocações a sua solução. Os sacerdotes, quer individualmente, quer com as comunidades, ao rezar pelas vocações, estão a transformar o coração daqueles que Cristo chama. «Nas paróquias, todos os dias se deveria rezar, oficial e publicamente, pelas

---

<sup>665</sup> GRESHAKE, Gisbert – *Ser sacerdote hoy*, p. 550.

<sup>666</sup> BOUYER, Louis – *O sentido de vida sacerdotal*, p. 34.

<sup>667</sup> MARTINI, Carlo Maria – *Un tesoro en vasijas de barro*, p. 182.

<sup>668</sup> BIANCHI, Enzo – *Aos presbíteros*, p. 85.

<sup>669</sup> ROCHA e MELO, Luís, sj – *Os caminhos do silêncio e da oração*, p. 79.

<sup>670</sup> GRESHAKE, Gisbert – *Ser sacerdote hoy*, p. 313.

<sup>671</sup> GRESHAKE, Gisbert – *Ser sacerdote hoy*, p. 462.

vocações»<sup>672</sup>. A oração por excelência pelas vocações é a Eucaristia. E entende-se que seja, visto ser por ela que o sacerdócio existe. Esta mesma oração deve ter presente todos os sacerdotes. O ministério sacerdotal necessita da oração contínua da Igreja. «O mandato de Jesus de rezar pelas vocações, é dirigido a todos, é exigido a todos, sem excepção, mas principalmente aos padres, que temos que semear e dirigir esta oração nas nossas comunidades, nas nossas paróquias»<sup>673</sup>. O sacerdote, sendo homem de oração, como que realiza a acção de João Baptista, isto é, dá testemunho, provoca e indica o ‘Cordeiro de Deus’ (cf. Jo 1,29-36). Isto mesmo faz com que os que se sentem depois chamados possam ir ao encontro íntimo de Jesus e ouçam o «Vinde e vereis» (Jo 1,29).

Sintetizamos este ponto com uma passagem da PO:

«Para desempenhar com fidelidade o seu ministério, tenham a peito o colóquio quotidiano com Cristo Senhor, na visita e culto pessoal à Sagrada Eucaristia; entreguem-se de bom grado ao retiro espiritual, e tenham em grande apreço a direcção espiritual. De variados modos, especialmente pela prática da oração mental e das demais formas de oração, que livremente escolhem, buscam os presbíteros e instantemente pedem a Deus aquele espírito de verdadeira adoração, com que eles, ao mesmo tempo que o povo a si confiado, se unem intimamente a Cristo, mediador do Novo Testamento, e, como filhos da adopção, podem clamar: «Abba, Pai» (Rm 8,15)» (PO 18).

## 5. NA ESCOLA DE MARIA

Chegados à escola de Maria confiamo-nos à Mãe dos Sacerdotes. Nos seus braços encontramos a segurança e o conforto maternal para chegar a Cristo. Diz João Paulo II, ele que se fez todo em Maria (*Totus Tuus*): «Ela é de modo particular, a nossa Mãe: a Mãe dos Sacerdotes»<sup>674</sup>.

Na espiritualidade ministerial Maria deve ocupar um lugar privilegiado. Isto porque há uma íntima união entre o que Maria foi e é e aquilo que os sacerdotes estão chamados a ser. «A maternidade de Maria pertence intrinsecamente à maternidade da Igreja, de modo que é impossível pensar em Maria sem a Igreja e a Igreja sem Maria»<sup>675</sup>. Ela foi a primeira

---

<sup>672</sup> APARICIO SÁNCHEZ, Gonzalo – *Sacerdos / 2. Apontamentos de espiritualidade sacerdotal*, p. 177.

<sup>673</sup> APARICIO SÁNCHEZ, Gonzalo – *Sacerdos / 2. Apontamentos de espiritualidade sacerdotal*, p. 182.

<sup>674</sup> Carta de 1979, n. 11.

<sup>675</sup> GARCIA PAREDES, José Cristo Rey, C.M.F. – *María en la espiritualidad de los ministros ordenados*. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 274.

testemunha do momento em que Cristo instituiu a Eucaristia e o ministério sacerdotal. «Ela, a primeira discípula, é também a primeira testemunha da mensagem gozosa do Evangelho»<sup>676</sup>. Por meio de Cristo, Ela é a Esposa e Mãe da Igreja, funções a que os sacerdotes estão chamados a ser e a vivenciar. «Maria representa a função materna da Igreja, e o discípulo a todos os irmãos de Jesus, amados por ele até à morte»<sup>677</sup>. Nossa Senhora é Aquela a quem os sacerdotes devem confiar o seu sacerdócio, como diz o Papa: «Desejo, portanto, que todos encontremos em Maria a Mãe do Sacerdócio, que vós e eu recebemos de Cristo. E desejo ainda que a Ela confieis de modo particular o vosso sacerdócio»<sup>678</sup>. Assim, a dimensão da «espiritualidade mariana não é só um estilo de vida, mas um espírito que leva ao seguimento de Cristo. É necessário encarná-la, expressá-la»<sup>679</sup>.

A Mãe de Jesus e nossa Mãe é a ‘Mulher eucarística’. Retoma-se, assim, o tema da Eucaristia, mas agora para evidenciar a ligação que existe entre a Eucaristia e Maria no ministério sacerdotal. Todos os sacerdotes recebem de Cristo, tal como o Discípulo Amado, o dom de celebrar a Eucaristia e Maria como Mãe. «“Eis a tua mãe!” (Jo 19,27). O cristão sacerdote acolhe Maria em sua casa, entre os seus bens mais próprios e preciosos, tesouros irrenunciáveis»<sup>680</sup>. Tal como Maria trouxe ao mundo o Verbo Encarnado também os sacerdotes, pela Eucaristia, tornam presente o Mistério do Verbo de Deus. Nesta mesma e única Eucaristia, os sacerdotes ao oferecerem, em nome de Cristo, o Mistério da Cruz, têm em Maria, que se fez presente, que participou no sofrimento e permaneceu firme, um exemplo sublime de como devem viver e celebrar tais mistérios. «Em cada eucaristia pomonos sacramentalmente, como Maria e João, sob a cruz de hoje; participamos na liturgia do céu, diante do Cordeiro imolado por nós (Ap 5,5-8; cf. 1Pe 1,19s)»<sup>681</sup>. Ao celebrarem a Eucaristia, como que se encontram no ‘dia’ do Gólgota, onde têm ao seu lado Maria e ali permanecem como discípulos amados. Relembramos o que disse o Papa:

---

<sup>676</sup> KASPER, Walter – *El sacerdote, servidor de la alegría*, p. 37.

<sup>677</sup> MARTINI, Carlo Maria – *Un tesoro en vasijas de barro*, p. 181.

<sup>678</sup> Carta de 1979, n. 11.

<sup>679</sup> GARCIA PAREDES, José Cristo Rey, C.M.F. – *María en la espiritualidad de los ministros ordenados*, p. 282.

<sup>680</sup> LUIS FERRERAS, Avelino de – *Maria*. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p.419.

<sup>681</sup> KASPER, Walter – *El sacerdote, servidor de la alegría*, p. 130.

«Todas as vezes que repetimos o gesto de Cristo na Última Ceia dando cumprimento ao seu mandato: “Fazei isto em memória de Mim”, ao mesmo tempo acolhemos o convite que Maria nos faz para obedecermos a seu Filho sem hesitação: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Com a solicitude materna manifestada nas bodas de Caná, Ela parece dizer-nos: “Não hesiteis, confiai na palavra do meu Filho. Se Ele pôde mudar a água em vinho, também é capaz de fazer do pão e do vinho o seu corpo e sangue, entregando aos crentes, neste mistério, o memorial vivo da sua Páscoa e tornando-se assim ‘pão de vida’»<sup>682</sup>.

Na Eucaristia o sacerdote que actua *‘in persona Christi’* é convidado a olhar para Maria que deu a vida a Jesus Cristo, o Filho Único de Deus. O sacerdote encontra ali o seu lado maternal que está chamado a viver. «E o olhar extasiado de Maria, quando contemplava o rosto de Cristo recém-nascido e O estreitava nos seus braços, não é porventura o modelo inatingível de amor a que se devem inspirar todas as nossas comunhões eucarísticas?»<sup>683</sup>. Uma dela imagem é também esta que o Santo Padre descreve: «Impossível imaginar os sentimentos de Maria, ao ouvir dos lábios de Pedro, João, Tiago e restantes apóstolos as palavras da Última Ceia: “Isto é o meu corpo que vai ser entregue por vós” (Lc 22,19)»<sup>684</sup>. Um dos convites deixados pelo Papa é que os sacerdotes olhem para a Eucaristia com os olhos de Maria.

Contar com a Virgem Santíssima na vida sacerdotal é ter o cântico do *Magnificat*, como hino de louvor, constantemente a brotar dos lábios. Em tom de acção de graças, o *Magnificat* torna-se também um cântico interrogativo: a partir das suas palavras que os sacerdotes se questionem acerca do seu sacerdócio e se realmente se configuram às palavras proferidas, isto é, se se configura a Maria. «É por isso que Maria nos aparece no Evangelho como mensageira não de tristeza, mas de alegria, tal como o padre deve aparecer aos olhos do mundo. No “Magnificat”, ela é precisamente a testemunha da alegria inefável e incomparável com que Deus coroa as renúncias mais heróicas»<sup>685</sup>.

Tomamos de novo as palavras do Papa aos sacerdotes: «Caríssimos Irmãos no sacerdócio! A solene invocação do Espírito Santo e o sugestivo gesto de humildade realizado durante a Ordenação sacerdotal fizeram também ressoar na nossa vida o *fiat* da

---

<sup>682</sup> Carta de 2003, n. 54.

<sup>683</sup> Carta de 2003, n. 55.

<sup>684</sup> Carta de 2003, n. 56.

<sup>685</sup> BOUYER, Louis – *O sentido de vida sacerdotal*, p. 135.

Anunciação»<sup>686</sup>. Maria, na vida dos ministros da Igreja, é também exemplo a partir da acção do Espírito Santo, tendo como resposta o *fiat*. Como o ‘sim’ de Maria, também os sacerdotes permitem que o Espírito de Deus habite e realize neles os Seus desígnios. «Maria não é só sinal do Espírito, é também o seu instrumento»<sup>687</sup>. Estar disponíveis continuamente, como esteve Maria do *fiat*. «O sacerdote é chamado a confrontar constantemente o seu *fiat* com o de Maria, deixando-se conduzir, como Ela, pelo Espírito»<sup>688</sup>. Continua o Papa: «Acompanhado por Maria, o sacerdote saberá renovar todos os dias a sua consagração até quando, sob a guia do mesmo Espírito invocado com confiança no itinerário humano e sacerdotal, entrar no oceano de luz da Trindade»<sup>689</sup>.

Com um olhar de amor e esperança, os sacerdotes olham para a Mãe, e com o seu olhar maternal, contemplam o rosto de Cristo. «Através de Maria compreendemos quem é Jesus. Ela é em toda a sua vida uma permanente afirmação cristológica»<sup>690</sup>. O Santo Padre convida a que se anuncie Cristo a partir de Maria. Por Ela, aprende-se a nutrir o coração do Homem. «Maria e o sacerdote têm uma função análoga, conceber e comunicar Cristo ao mundo, função modalmente distinta na execução»<sup>691</sup>. Esta é a escola de Maria, onde a mestra ensina e encaminha para Cristo. «Há no nosso sacerdócio ‘ministerial’ a dimensão estupenda e penetrante da proximidade da Mãe de Cristo»<sup>692</sup>. Na vida espiritual, o sacerdote deve ter Maria sempre presente como guia no caminho que percorre, em direcção às realidades futuras e seguindo-lhe o exemplo, ele mesmo deve ser guia e indicador dessas mesmas realidades para os Homens. «O sacerdote que se abandona filialmente em Maria experimenta a sua companhia e protecção, com a consciência de ser sempre pequeno, necessitando de indicações claras no caminho para o Reino»<sup>693</sup>. Ou como diz João Paulo II, «é necessário, pois, que se estreite constantemente a nossa ligação espiritual com a Mãe de

---

<sup>686</sup> Carta de 1998, n. 7.

<sup>687</sup> GARCIA PAREDES, José Cristo Rey, C.M.F. – María en la espiritualidad de los ministros ordenados, p. 279.

<sup>688</sup> Carta de 1998, n. 7.

<sup>689</sup> Carta de 1998, n. 7.

<sup>690</sup> GARCIA PAREDES, José Cristo Rey, C.M.F. – María en la espiritualidad de los ministros ordenados, p. 275.

<sup>691</sup> LUIS FERRERAS, Avelino de – Maria, p. 416.

<sup>692</sup> Carta de 1979, n. 11.

<sup>693</sup> BOSCH, Vicente – La espiritualidad sacerdotal, p. 180.

Deus, a qual *para continuar na peregrinação da fé ‘vai adiante’ de todo o povo de Deus*»<sup>694</sup>.

Mesmo sem o referir claramente, (fá-lo quando fala de São João Maria Vianney e no ano que são inseridos os Mistério Luminosos) sabemos o quanto era querida a oração do Rosário na vida do Santo Padre, apelidando-a de ‘oração predilecta’. Assim sendo, entende-se que ela deve ocupar um lugar na vida diária dos sacerdotes. «A devoção e o amor à Virgem Imaculada, a recitação do terço, a imagem de Nossa Senhora junto de nós, no nosso quarto, para a invocarmos de joelhos, como bons filhos, vai-nos tornando semelhantes a ela e foi a pedra de toque da castidade de muitas vidas sacerdotais»<sup>695</sup>. Rezar o terço é meditar nos mistérios de Cristo, é tornar presente, a partir daquele embalar, os momentos importantes da vida de Jesus. «O padre precisa de ter Maria, a mulher, no centro da sua vida, capaz de encher o seu coração. A devoção a Nossa Senhora fá-lo-á participante do seu calor maternal e da graça do seu auxílio diário»<sup>696</sup>.

Concluimos este ponto com as palavras com que o Santo Padre terminou a sua última *Carta aos Sacerdotes*, referindo-se a Maria:

«Quem pode, melhor do que Maria, fazer-nos saborear a grandeza do mistério eucarístico? Ninguém pode, como Ela, ensinar-nos com quanto fervor devemos celebrar os santos Mistérios e determo-nos em companhia do seu Filho escondido sob as espécies eucarísticas. Por isso, a Ela vos recordo a todos, entrego-Lhe especialmente os mais idosos, os doentes, quantos se encontram em dificuldade. Nesta Páscoa do Ano da Eucaristia, aprez-me fazer ressoar para cada um de vós a doce e reconfortante declaração de Jesus: “Eis a tua Mãe” (Jo 19,27)»<sup>697</sup>.

Como conclusão deste capítulo, podemos dizer que o *itinerário espiritual* apresentado é um de entre os muitos possíveis, a partir das *Cartas aos Sacerdotes*. Este alicerça-se na importância de o sacerdote ser testemunha e imagem de Cristo Bom Pastor. Inerente a isto está a sacramentalidade ministerial, instituída em *Quinta-feira Santa*, passando a ser a nascente e a fonte para toda uma vivência de comunhão e de caridade a partir do exemplo d’Aquele que deu a vida pelos seus.

---

<sup>694</sup> Carta de 1988, n. 2.

<sup>695</sup> APARICIO SÁNCHEZ, Gonzalo – *Sacerdos / 1. Apontamentos de espiritualidade sacerdotal*, p. 183.

<sup>696</sup> APARICIO SÁNCHEZ, Gonzalo – *Sacerdos / 1. Apontamentos de espiritualidade sacerdotal*, p. 186.

<sup>697</sup> Carta de 2005, n. 8.

Este caminho passa, obrigatoriamente, pela Eucaristia. Ela é a fonte perene onde, por excelência, o sacerdote age *in persona Christi*. Nela está contida o cerne da vida espiritual. O desejo de o sacerdote se abeirar da Confissão é um dos passos deste percurso levando a que este viva e experimente o perdão de Deus. Não menos importante, até porque estes temas se entrelaçam, é a oração integrada como conversão diária que permite que o sacerdote seja ainda mais pastor e mestre, à imagem de Cristo. Tudo isto é acompanhado na presença de Maria. Ela é a Mãe dos Sacerdotes em quem eles podem confiar o seu ministério, bem como seguir os seus exemplos, num ‘sim’ contínuo.

Todo este *itinerário de espiritualidade ministerial* leva a que os sacerdotes sejam como São Pedro assim desejou:

«Aos presbíteros que há entre vós, eu - presbítero como eles e que fui testemunha dos padecimentos de Cristo e também participante da glória que se há-de manifestar dirijo-vos esta exortação: Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, governando-o não à força, mas de boa vontade, tal como Deus quer; não por um mesquinho espírito de lucro, mas com zelo; não com um poder autoritário sobre a herança do Senhor, mas como modelos do rebanho. E, quando o supremo Pastor se manifestar, então recebereis a coroa imperecível da glória» (1Pe 5,1-4).

## CONCLUSÃO

Depois de se ter aprofundado a *Espiritualidade Sacerdotal Ministerial*, (primeiramente a partir dos documentos do Concílio Vaticano II, depois nas *Cartas aos Sacerdotes* e, por último, propondo um determinado itinerário espiritual, tendo como pano de fundo o primeiro capítulo e como alicerce e fonte o segundo), momento agora para elaborar a conclusão desta tese de mestrado.

Trabalhar sobre esta temática, no primeiro capítulo, tendo como base o Concílio Vaticano II, permitiu compreender e apreender as indicações e orientações que foram realizadas sobre a espiritualidade ministerial. Todavia, este estudo privilegiou o que ao sacerdócio ministerial diz respeito; sem que com isto deixar de ter presente que, seja qual for o documento do Concílio, ele dirige-se a todo o Povo de Deus, o que faz com que não falando directamente sobre o tema em questão, sejam igualmente importantes para a vida dos sacerdotes.

Todavia, como foi referido no último ponto do primeiro capítulo, a espiritualidade sacerdotal nos documentos do Vaticano II abrange a configuração íntima do sacerdote à vida de Cristo como a identidade, prolongação, participação na sua consagração e missão. Fazendo com que a atitude e serviço sejam também elas um espelho da caridade que o Bom Pastor deixou e que permite uma proximidade ao Homem. Tudo isto faz sentido numa contínua vivência espiritual no exercício do ministério, onde também está presente a fraternidade sacerdotal, bem como as virtudes do Bom Pastor no exercício da caridade pastoral. Sem esquecer nunca que este é um serviço à Igreja particular e universal.

De entre todos os textos, realçamos o extraordinário contributo do decreto conciliar PO, quer pela sua importância, no que se refere à vida sacerdotal (aqui mais na vertente espiritual), quer pela sua actualidade, mesmo quase cinquenta anos após o Concílio. Este facto possibilitou uma melhor releitura e compreensão das *Cartas aos Sacerdotes* redigidas por João Paulo II. Até porque poder-se-á dizer que o Santo Padre desenvolve, aprofunda e dá continuidade, também aqui, à doutrina apresentada pelo último Concílio.

No que se confina ao extenso segundo capítulo, ele vale *de per si*. Pretende ser uma apresentação dos conteúdos das cartas que o Papa dirigiu aos sacerdotes. Realizado sob a

perspectiva da espiritualidade ministerial, permite, desde as primeiras palavras, obter o que de mais particular se configura à identidade (espiritualidade) daquele que é chamado a ser pastor, a exemplo do Único e Bom Pastor que é Cristo. De referir que os aspectos a realçar deste capítulo foram utilizados para a elaboração do terceiro capítulo, onde apresentamos a proposta de *um itinerário de espiritualidade ministerial*.

O título do terceiro capítulo condensa quer o próprio capítulo, quer a dissertação - *Cartas aos Sacerdotes: um itinerário de espiritualidade ministerial*, uma vez que apresenta a sua fonte e o seu objectivo principal. Inicia-se este caminho pelo que de mais fundamental e prioritário se pede e se espera que os sacerdotes sejam: testemunhas de Cristo - Bons Pastores, seguidores e imitadores do Messias. A importância fundamental de Quinta-feira Santa, e que ano após ano se renova, permite compreender a instituição do sacramento da Ordem e o que há de mais fecundo e autêntico na vida do sacerdote: a sua sacramentalidade ministerial (e porque na vida sacerdotal nada se vive desconectado da vida real) a que se interliga a fraternidade sacerdotal como realidade vivencial possibilitadora de uma co-unidade (comunhão), relevadora do amor e da intimidade com Cristo e a sua Igreja. Isto mesmo se prolonga no ministério pastoral que cada um está chamado a realizar a partir de uma autêntica caridade pastoral, à luz d'Aquele que deu a vida por todos; a vida contínua em todos.

Igualmente instituída na Ceia do Senhor, a Eucaristia é para o ministro sagrado de extrema importância. Nela ele vive, mais que em qualquer outro lugar, *in persona Christi*. Re-apresenta Cristo no mais sublime acto de doação a Deus Pai, fazendo-se, também ele, 'eucaristia' contínua. A Eucaristia é o âmago da toda a espiritualidade ministerial; isso está bem presente na mensagem que o Santo Padre transmite. A Eucaristia é o ponto da magnitude da vida do Sacerdote. É o ponto de encontro, por excelência, com o Povo de Deus, com a Palavra, com Deus Pai, pelo Espírito Santo, em Cristo Jesus.

Do que foi referido sobre o sacramento da Penitência realçamos a sua importância e a uma responsabilidade na vida dos sacerdotes. Todavia, não podemos deixar de mencionar a necessidade de o ministro de Deus se abeirar do sacramento da Reconciliação, onde se vive de uma forma única o perdão de Deus e se sente o amor e a misericórdia do Pai. Ninguém pode dar aquilo que não tem. Assim sendo, o confessor só conseguirá transmitir e

administrar bem este sacramento se também ele o viver regularmente, sentindo o perdão, o conforto, a paz e a alegria de voltar a ser um homem novo.

O sacerdote é aquele que continuamente se oferece como oração, ele é homem e mestre de oração. Na conversão diária, a oração é o princípio e o fim de um caminho que se faz dia a pós dia. A Liturgia das Horas, a adoração, a meditação, a Palavra (escutada e meditada) e o silêncio, entre outros, são meios adquiridos a partir dos ensinamentos da escola de Jesus. A oração leva ao encontro íntimo com o Pai. Através dela o sacerdote reza quer individual, quer comunitariamente, pelas intenções particulares, mas principalmente por toda da Igreja e em nome d'Ela. A oração é o lugar da escuta do que o Espírito Santo tem a transmitir.

A escola de Maria é o último ponto deste capítulo. Porém, não é sinónimo de que o sacerdote coloque Maria, na sua vida, em último lugar. Ela tem um papel importantíssimo na vida do ministério sacerdotal. Maria, sendo Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, é também a Mãe dos sacerdotes. A este amor maternal eles podem confiar o seu sacerdócio. Na companhia de Maria, primeira discípula, os sacerdotes tornam-se autênticos discípulos de Cristo. Vivenciam o hino do *Magnificat* numa contínua doação de vida e acção de graças. Tornam-se capazes do *fiat* em cada acção do Espírito Santo. Celebram e vivem a Eucaristia na companhia e com olhos postos na Mulher que se manteve firme aos pés da Cruz. Esta é a escola onde a única ordem é: «fazei o que Ele vos disser!» (Jo 2,5).

Antes das palavras finais, é o momento ainda para referir que este trabalho procurou debruçar-se mais especificamente no que se refere à *Espiritualidade Sacerdotal Ministerial*, balizando assim os conteúdos da abordagem realizada. Porém, outros temas e assuntos ficam em aberto a partir das *Cartas aos Sacerdotes*, tais como: a vertente teológica - pastoral; a ministerialidade sacerdotal; o paralelismo com as duas biografias que o Santo Padre escreveu (*Dom e Mistério* e *Levantai-vos vamos*); igualmente um paralelismo com dois escritos que estão muito presentes no início do caminho vocacional de Karol Wojtyla (a mística em São João da Cruz e o *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem* de São Luís Maria Grignon de Montfort); e porque não um largo aprofundamento não só às *Cartas aos Sacerdotes*, mas a todos os escritos de João Paulo II sobre esta vertente espiritual?

Por último, e tomando um ensinamento de João Paulo II, finalizamos com Maria em cujo regaço materno se sente o conforto e a felicidade da Mãe que olha para um dos filhos que Cristo lhe confiou. Com filho, acolho e deposito toda a vida e caminho vocacional, bem como, se assim Deus quiser, o futuro como presbítero, à Virgem Mãe, num *'Totus tuus'*.

Acompanhados por Maria, a partir destas palavras finais, encaminhamo-nos até ao Cenáculo onde, mais uma vez, se escutam e se meditam as palavras do Evangelho de João que são como que o paradigma para a vida sacerdotal ministerial:

«Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura.

Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: “Senhor, Tu é que me lavas os pés?” Jesus respondeu-lhe: “O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás-de compreendê-lo depois”. Disse-lhe Pedro: “Não! Tu nunca me hás-de lavar os pés!” Replicou-lhe Jesus: “Se Eu não te lavar, nada terás a haver comigo”. Disse-lhe, então, Simão Pedro: “Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!” Respondeu-lhe Jesus: “Quem tomou banho não precisa de lavar senão os pés, pois está todo limpo. E vós estais limpos, mas não todos”.

Ele bem sabia quem o ia entregar; por isso é que lhe disse: ‘Nem todos estais limpos’. Depois de lhes ter lavado os pés e de ter posto o manto, voltou a sentar-se à mesa e disse-lhes: “Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me ‘o Mestre’ e ‘o Senhor’, e dizeis bem, porque o sou. Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também. Em verdade, em verdade vos digo, não é o servo mais do que o seu Senhor, nem o enviado mais do que aquele que o envia. Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática”» (Jo 13 3,17).

## ANEXO

### 1. Testemunho

Padre Miguel Sales do Amaral – Pontifícia Universidade de Santa Cruz - Roma

Roma, 2011-III-23

Caro Jorge,

É com muito gosto que respondo a tua carta e rezarei pela feliz conclusão do teu trabalho de investigação.

As cartas aos sacerdotes que o Servo de Deus João Paulo II escreveu com ocasião das Quintas-feiras santas do seu pontificado foram certamente de grande interesse e meditação para mim. Como me ordenei em 1999, só na fase final do pontificado, talvez desde 1995, altura em que já estava em Roma a fazer os meus estudos filosófico-teológicos, comecei a prestar-lhes atenção. Neste momento não sei precisar quantas li nem o teor dos diversos temas, mas conservo anotações de tipo espiritual que são extraídas destes documentos de tipo mais pastoral.

Talvez isto seja óbvio, ou talvez não seja, mas a modalidade em que as cartas me serviram foi, em primeiro lugar, como leitura espiritual. De facto, costumo fazer todos os dias uns minutos de leitura espiritual que me possam ajudar a alimentar a meditação pessoal. Normalmente escolho textos do magistério (os de carácter mais pastoral/espiritual), dos Padres da Igreja, dos santos dos diversos séculos da Igreja, como Santa Teresa de Jesús, Santo Afonso Maria de Ligório, São João da Cruz, Santa Teresa do Menino Jesús, São Josemaría Escrivá, etc.

Dessa leitura das cartas do Papa João Paulo II, cada um deve tirar o partido que pode e consegue. Se pedimos luzes ao Espírito Santo e procuramos estar abertos àquilo que

Ele nos sugere, é possível obter um grande benefício espiritual. Mas depois, pode acontecer uma das duas coisas que diz São Tiago ao falar da atitude diante da Palavra de Deus: quando a ouvimos e aceitamos, até nos alegramos, mas depois podemos esquecer-nos dela se não a aplicamos na vida. São Tiago usa como exemplo o homem que se vê diante do espelho, que observa como é, mas quando se afasta do espelho logo esquece o que viu. O desafio maior é a encarnação pessoal das sugestões divinas com ocasião da leitura (e da meditação). O segundo desafio é o de não ser tentado pelas grandes concretizações, que às vezes são tão grandes que é impossível aplica-las, nos desmoralizam e nos convencem de que a santidade é uma coisa para os conventos ou para os momentos de grande fervor.

Os temas das cartas aos sacerdotes foram vários. Centro-me na celebração da Santa Missa, que é um dos temas que mais impacto provocou. Outro tema importante foi a celebração do sacramento da Penitência e a sua própria vivência penitencial, ou a devoção a Nossa Senhora. O Papa vivia em grande oração, era um homem muito rezador. É curioso que, no meio de tanta actividade, rezava muito. Na capela privada. O sacrário atraía-o muito. Era uma pessoa apaixonada de Cristo. Tudo isto sabia-se bem já naquela altura.

Nos últimos anos o que mais me chamou a atenção foi a sua capacidade de sofrer pelos outros sem se afastar deles. Não se afastava porque era pai. E um pai não pode afastar-se dos filhos. E não pode deixar de sofrer quando os filhos o fazem sofrer. Em certo sentido é escolher o sofrimento porque se escolheu amar. A dor normalmente impulsa-nos a fugir, a afastar-nos daquilo que a causa (pessoa ou circunstâncias). A capacidade de sofrer pelos outros não. E é um grande aspecto da caridade pastoral. As pessoas, simplesmente, ficavam desarmadas ao ver o que o Papa se esforçava por recebe-las bem, apesar da sua doença ou da dificuldade em falar. Nos últimos anos era normal ver que as pessoas choravam nas audiências com ele. Não era a emoção normal de estar com o Papa. Era o facto de o verem sofrer, de o verem a dar-se por elas, tentando ler os discursos como podia, e sem deixar que o texto fosse abreviado ou lido pelo monsenhor que estivesse ao seu lado. Estas coisas não apareciam na Televisão, porque os realizadores do Centro Televisivo Vaticano tinham instruções para não tomar “primeiros planos” do Papa durante muito mais do que uns breves segundos. O normal era planos de longe, intervalados com

breves momentos de primeiros planos. Por isso não se via como é que as pessoas voltavam de o cumprimentar ou estar mais perto dele. E a pergunta que nos vem à cabeça é: “eu mereço que esta pessoa, tão importante, com tantas coisas importantes, me dedique tanta atenção, se esforce tanto por mim?”. Esta experiência da dedicação de João Paulo II a cada pessoa transforma qualquer um que a tenha vivido. Percebe-se melhor, assim aquilo que Cristo fez na Cruz, simplesmente porque se faz a experiência de ter alguém que está, nesse preciso momento, a sofrer por nós. A dedicar-se a nós. Acho que a caridade pastoral muitas vezes passa por aqui, por dar sem esperar resposta, sem pôr condições para oferecer essa dedicação... E era uma dedicação generosa e alegre, com muito sentido do humor, mesmo quando lhe chegavam aos ouvidos as críticas veiculadas pela imprensa.

O Papa João Paulo II sempre sofreu muitas críticas dos jornais. Nesse sentido o pontificado actual é igual ao anterior. Nos últimos anos teve de ouvir muita gente dizer que ele estava apegado ao poder, que era demasiado rígido na moral e na doutrina, que ia morrer daqui a pouco (o papa esteve a ponto de morrer, de acordo com os jornais, durante uns quinze anos), e outras coisas do mesmo género. Ele não tratou mal a ninguém, que eu saiba, e deu-se a todos como podia, sem esconder as suas limitações de saúde. Tudo isto parece-me que revela bastantes aspectos daquilo que escreveu nas suas cartas, mas não só nas cartas. Para mim é difícil precisar se uma manifestação da vida do futuro beato João Paulo II se encontra só nas cartas das quintas-feiras santas. Elas são só uma manifestação mais duma vida muito rica de amor a Deus e aos homens.

Um abraço, Pe. Miguel

## 2. Testemunho

D. Manuel Clemente – Bispo do Porto

Breve testemunho sobre João Paulo II e as suas cartas aos sacerdotes

1. Era diácono quando João Paulo II foi eleito e o meu sacerdócio (29 de Junho de 1979) foi depois muito marcado pela sua personalidade e os documentos que dirigiu aos padres.

Em todas as Quintas-feiras Santas insistia num aspecto essencial do ministério, nas suas prioridades, motivações e características específicas.

Nos anos oitenta e noventa tal era particularmente necessário, dadas as indefinições culturais e espirituais da altura. Na juventude, eu e muitos colegas tínhamos sido marcados pelo Vaticano II, a comunhão eclesial, a disponibilidade para dialogar com o mundo, em resposta aos “sinais dos tempos”. Mas os anos oitenta trouxeram algum pessimismo à sociedade e uma certa indefinição à Igreja, que se repercutiam também em hesitações e dúvidas sobre o carácter sacerdotal, o que seria de manter ou largar...

Foi por isso muito importante ter um Papa sacerdotalmente definido e energicamente apostólico, que, em cada carta que nos dirigia, reforçava a convicção de que devíamos ser “diferentes” do mundo por amor desse mesmo mundo, libertando-o do materialismo e do hedonismo e apresentando-lhe, mesmo nas nossas vidas sacerdotais, a verdade, a bondade e a beleza do Evangelho.

2. Para mais, João Paulo II era o exemplo vivo dessa definição evangélica e sacerdotal da vida. A entrega pessoal e pública à oração, o cuidado pastoral que o tornava um incansável pastor do mundo, a força com que se dirigia aos auditórios, tudo nos incitava a ser também assim, padres de Cristo para a salvação de todos. A cada hesitação ou dúvida ele respondia com as suas cartas e documentos, mas ele próprio era uma “carta” permanente.

Além das cartas, foram especialmente marcantes dois textos seus: a exortação Pastores dabo vobis, aprofundando o sacerdócio ministerial como sacramento de Cristo Pastor no meio de todos; e a belíssima meditação Dom e mistério, nas suas bodas de ouro sacerdotais.

Em tudo isto João Paulo II deu inteira razão a Paulo VI, quando este dizia que o mundo aceita melhor as testemunhas do que os mestres e aceita os mestres se forem testemunhas!

Manuel Clemente

### 3. Testemunho

Cardeal D. Stanislaw Dziwisz – Arcebispo de Cracóvia



*Stanisław Kardynał Dziwisz*  
*Arcebiskup Metropolita Krakowski*

Cracovia, 23 maggio 2011

Gentile Signore,

mi è pervenuta la Sua cortese lettera, nella quale mi parla della Sua tesina sulla spiritualità del sacerdozio ministeriale di Sua Santità Papa Giovanni Paolo II.

Riguardo alla questione che mi ha posto, tutta la vita del Beato Giovanni Paolo II si rifletteva anche nei suoi scritti, fonte ricchissima per approfondire la sua spiritualità.

Di cuore invoco una particolare benedizione del Signore, per la conclusione dei Suoi studi e per la preparazione agli Ordini Sacri.

Nella grande gioia per la Beatificazione del Santo Padre Giovanni Paolo II, Le rivolgo un cordiale saluto e l'augurio di ogni bene nel Signore

*Stanisław kard. Dziwisz*  
Stanisław Card. Dziwisz

Gent. Sig. Jorge Manuel Nunes da Rocha  
Seminario Maior da Nossa Senhora  
da Conceicao do Porto  
Largo Dr. Pedro Vitorino, 2  
4050-468 Porto  
PORTUGAL

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios*. 11ª ed. Braga: Editorial A. O. 1987.

L'Osservatore Romano – Ano X – Número 15 (489) 15 de Abril de 1979.

——— Ano XI – Número 12 (538) 23 de Março de 1980.

——— Ano XIII – Número 14 (644) 4 de Abril de 1982.

——— Ano XIV – Número 14 (696) 3 de Abril de 1983.

——— Ano XIX – Número 14 (958) 3 de Abril de 1988.

——— Ano XV – Número 10 (744) 4 de Março de 1984. Neste ano a *Carta aos Sacerdotes* foi a homilia que o Santo Padre realizou no encerramento do *Ano Jubilar da Redenção*, conforme remete a primeira página do jornal – número 16 (750) 15 de Abril de 1984.

——— Ano XV – Número 13 (801) 31 de Março de 1985.

——— Ano XVII – Número 12 (852) 23 de Março de 1986.

——— Ano XVIII – Número 16 (908) 19 de Abril de 1987.

——— Ano XX – Número 12 (1.008) 19 de Março de 1989.

——— Ano XXI – Número 13 (1.062) 01 de Abril de 1990.

——— Ano XXII – Número 11 (1.111) 17 de Março de 1991.

——— Ano XXIII – Número 15 (1.067) 12 de Abril de 1992.

——— Ano XXIV – Número 13 (1.116) 28 de Março de 1993.

- Ano XXIX – Número 14 (1.477) 04 de Abril de 1998.
- Ano XXV – Número 13 (1.268) 26 de Março de 1994.
- Ano XXVI – Número 14 (1.322) 08 de Abril de 1995.
- Ano XXVII – Número 12 (1.372) 23 de Março de 1996.
- Ano XXVIII – Número 12 (1.423) 22 de Março de 1997.
- Ano XXX – Número 13 (1.528) 27 de Março de 1999.
- Ano XXXI – Número 15 (1.582) 08 de Abril de 2000.
- Ano XXXII – Número 14 (1.528) 07 de Abril de 2001.
- Ano XXXIII – Número 13 (1.685) 30 de Março de 2002.
- Ano XXXIV – Número 16 (1.740) 19 de Abril de 2003.
- Ano XXXV – Número 15 (1.791) 10 de Abril de 2004.
- Ano XXXVI – Número 13 (1.841) 26 de Março de 2005.

### **Estudos**

- ALBERIGO, Giuseppe – *Breve historia del Concilio Vaticano II (1959-1965): En busca de la renovación del cristianismo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.
- ALDAZÁBAL, José – Aspectos celebrativo y litúrgico del sacerdocio. In SEMANAS DE ESTUDIOS TRINITARIOS – XXXII: *Ministerio sacerdotal y Trinidad*. Salamanca, Ediciones Secretariado Trinitario, 1998, p. 183-216.
- APARICIO SÁNCHEZ, Gonzalo – *Sacerdos / 1. Apontamentos de espiritualidade sacerdotal: Tentações e desafios de sacerdote actual*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2009.

———, *Sacerdos / 2. Apontamentos de espiritualidade sacerdotal: Oração, espiritualidade e vocações sacerdotais*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2009.

BIANCHI, Enzo – *Aos presbíteros*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.

———, O presbitério como comunhão. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Presbitério em comunhão: Ao serviço de comunhão eclesial: V Simpósio do Clero de Portugal*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007, p. 67-78.

———, *Presbíteros: El arte de servir el Pan e la Palabra*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2011.

———, Tri-unidade de Deus e comunhão eclesial. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Presbitério em comunhão: Ao serviço de comunhão eclesial: V Simpósio do Clero de Portugal*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007, p. 79-91.

BOSCH, Vicente – La espiritualidad sacerdotal. In PELLITERO, Ramiro, dir. – *La misión del sacerdote en la Iglesia*. Pamplona: EUNSA, 2011, p. 153-180.

BOURGEOIS, Henri; SESBOÛÉ, Bernard, sj.; TIHON, Paul, sj. – Os Sinais da Salvação: Os Sacramentos, a Igreja, a Virgem Maria. In SESBOÛÉ, Bernard, sj. Dir. – *História dos dogmas*. Tomo 3. São Paulo (Brasil): Edições Loyola, 2005.

BOUYER, Louis – *O sentido de vida sacerdotal*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2010.

BUR, Jacques – *A espiritualidade sacerdotal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998.

CASTELLANO, Jesús – El sacerdote hombre eucarístico: liturgia y vida. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Padres para um novo milénio: III Simpósio do Clero*. Viana do Castelo: Comissão Episcopal do Clero Seminários e Vocações, 2000, p. 181-200.

- CODINA, Víctor – De la ascética y mística a la vida según el Espíritu de Jesús. In FLORISTAN, Casiano; TAMAYO, Juan-José (Editado) – *El Vaticano II, veinte años después*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985, p. 271-291.
- CORDEIRO, José Manuel – *O padre: Do mistério ao ministério*. Lisboa: Pedra Angular, 2009.
- COUTO, António – A riqueza vital da oração a partir dos salmos o sabor das Liturgia da Horas. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *A oração na vida e o ministério do sacerdote: IV Simpósio do Clero*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2004, p. 153-172.
- , Há-de cumprir-se o sacerdócio. In CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PRESBITERO – *À escuta da Palavra*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011, p. 15-36.
- CURA ELENA, Santiago del – Identidad del sacerdocio ministerial: la relacionabilidad como clave de comprensión. In PELLITERO, Ramiro, dir. – *La misión del sacerdote en la Iglesia*. Pamplona: EUNSA, 2011, p. 37-83.
- , La sacramentalidad del sacerdote y su espiritualidad. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 73-119.
- , «En la fuerza del Espíritu Santo»: dinamismo pneumatológico y espiritualidad sacerdotal. In CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PRESBITERO – *À escuta da Palavra*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011, p. 99-142.
- DIAS, D. Manuel Madureira – O presbítero – um homem dado ao Povo de Deus. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Presbitério em comunhão: Ao serviço de comunhão eclesial: V Simpósio do Clero de Portugal*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007, p. 103-113.

- ESQUERDA BIFET, Juan – La espiritualidad del sacerdote en el Vaticano II. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 283-299.
- , *Teología de la espiritualidad sacerdotal*. 2ª edición corregida y aumentada. Madrid: BAC, 1991.
- FAVALE, Agostino, S.D.B. – La relación del presbítero con Cristo. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 201-231.
- FERNÁNDEZ, Aurelio – Oración. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 526-528.
- FERNÁNDEZ-MARTOS, José M<sup>a</sup>, SJ. – Sacerdote, puente entre dos orillas: Cazando raposas culturales. In URIARTE, Juan María; CORDOVILLA, Ángel; FERNÁNDEZ-MARTOS, José M<sup>a</sup>, SJ. – *Ser sacerdotal en la cultura actual*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2010, p. 87-127.
- FORTE, Bruno – A vida espiritual do padre. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Padres para este tempo: III Simpósio do Clero*. Porto: Comissão Episcopal do Clero Seminários e Vocações, 1994, p. 117-128.
- GAMARRA, Saturnino – La espiritualidad presbiteral y el ejercicio ministerial según el Vaticano II. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 461-482.
- , Caridad pastoral. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 82-87.
- , El ministerio sacerdotal en el reciente magisterio de la Iglesia. In SEMANAS DE ESTUDIOS TRINITARIOS – XXXII: *Ministerio sacerdotal y Trinidad*. Salamanca, Ediciones Secretariado Trinitario, 1998, p. 115-148.

- , Espiritualidad. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 253-261.
- , Líneas de convergencia en la espiritualidad del presbítero diocesano secular. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 677-690.
- , *Manual de espiritualidad sacerdotal*. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2008.
- GARCIA PAREDES, José Cristo Rey, C.M.F. – María en la espiritualidad de los ministros ordenados. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 263-282.
- GRESHAKE, Gisbert – Ser padre numa Igreja em transformação. In CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PRESBÍTERO – *À Escuta da Palavra*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011, p. 43-66.
- , *Ser sacerdote hoy: Teología, praxis pastoral e espiritualidad*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.
- GRÜN, Anselm – O homem: força na debilidade. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *«Reaviva o dom que há em ti»: VI Simpósio do Clero de Portugal*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009, p. 47-58.
- , O presbítero: homem de Deus seduzido. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *«Reaviva o dom que há em ti»: VI Simpósio do Clero de Portugal*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009, p. 33-45.
- GUILLET, Charles-Marie – *A Igreja: Comunidade de testemunhas mergulhadas na história*. Lisboa: Edições Paulistas, 1990.
- KASPER, Walter – *El sacerdote, servidor de la alegría*. 2ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009.

- LEGINO, Marcelino – Espiritualidad del seguimiento de Jesús según el modelo apostólico. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 193-220.
- LIMA, José da Silva – *Teologia prática fundamental: Fazei vós, também*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.
- LÓPEZ MARTIN, Julián – Espiritualidad litúrgica del sacerdote. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 349-366.
- LÓPEZ MARTÍNEZ, Nicolás – «Presbyterorum Ordinis» y Vaticano II. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 629-639.
- LÓPEZ SANTIDRIÁN, Saturnino – Santidad. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 728-743.
- LUIS FERRERAS, Avelino de – Maria. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 415-421.
- , Reconciliación. In *DICCIONARIO DEL SACERDOCIO*. Dirs. Profesores de la Facultad de Teología de Burgos. Madrid: BAC, 2005, p. 658-668.
- MARTIN VELASCO, Juan – La espiritualidad del presbítero diocesano en la coyuntura histórico-social actual. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 371-395.
- MARTINI, Carlo Maria – *Un tesoro en vasijas de barro: La espiritualidad del sacerdote*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2011.
- MATEO SECO, Lucas F., – La unidad de vida de los presbíteros. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 643-650.

- ROCHA e MELO, Luís, sj – Os caminhos do silêncio e da oração. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – «*Reaviva o dom que há em ti*»: VI Simpósio do Clero de Portugal. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009, p. 71-88.
- MORONTA RODRÍGUEZ, Mario – *El presbiterio y la fraternidad sacramental: Elementos para una reflexión teológica*. Madrid: BAC, 2008.
- MORUJÃO, Manuel, S. J. – *Ser cristão: À luz do Vaticano II*. Braga: Editorial A.O. 1998.
- OÑATIBIA AUDELA, Ignacio – La espiritualidad en su evolución histórica. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 23-58.
- POLICARPO, D. José – Crescer como pessoas para servir como pastores. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – «*Reaviva o dom que há em ti*»: VI Simpósio do Clero de Portugal. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009, p. 89-108.
- ROYON, Elías, S.J. – Oración y experiencia de Dios en la vida del sacerdote. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 366-385.
- TRIACCA, Acchile – Reflexión teológico-trinitaria sobre el «ministerio sacerdotal». In SEMANAS DE ESTUDIOS TRINITARIOS – XXXII: *Ministerio sacerdotal y Trinidad*. Salamanca, Ediciones Secretariado Trinitario, 1998, p. 149-182.
- TRUJILLO DIAZ, Lorenzo – El presbítero en el presbiterio. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 483-490.
- , Relaciones propias del presbítero y su espiritualidad. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad sacerdotal: Congreso*. Madrid: EDICE, 1989, p. 121-171.

URIARTE, Juan María – *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2010.

VANHOYE, Albert, S.J. – Sacramentalidad del ministerio y su repercusión en la persona ordenada. In COMISIÓN EPISCOPAL DEL CLERO – *Espiritualidad del presbítero diocesano secular: Simposio*. Madrid: EDICE, 1987, p. 69-85.

VELASCO, Rufino – *La Iglesia de Jesús: Proceso histórico de la conciencia eclesial*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1992.

## ÍNDICE

SIGLÁRIO .....	2
INTRODUÇÃO .....	3
CAPÍTULO I - A ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL NO VATICANO II.....	8
1. A IGREJA POVO DE DEUS: REDESCOBERTA DA CONDIÇÃO BAPTISMAL.....	9
2. CONTEÚDOS GERAIS NOS DOCUMENTOS CONCILIARES .....	13
2.1. Génesis da Presbyterorum Ordinis .....	13
2.2. Presbyterorum Ordinis .....	14
2.3. Breve alusão a outros documentos .....	16
2.4. O sacerdócio na relação episcopal e presbiteral na Lumen Gentium.....	17
3. A ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL NOS DOCUMENTOS CONCILIARES .....	19
3.1. Identidade sacerdotal como prolongamento de Cristo e participação na sua consagração e missão .....	20
3.2. Atitude de serviço .....	22
3.3. Proximidade ao Homem com a caridade do Bom Pastor .....	24
3.4. Espiritualidade no exercício do ministério.....	25
3.5. Fraternidade sacerdotal no presbitério diocesano .....	26
3.6. Virtudes do Bom Pastor a partir da caridade pastoral .....	28
3.7. Serviço à Igreja particular e universal.....	31
CAPÍTULO II - «ELE PRÓPRIO ERA UMA “CARTA” PERMANENTE».....	35
1. PARA VÓS SOU BISPO, CONVOSCO SOU SACERDOTE .....	35
1.1. Unidade dos sacerdotes com o seu bispo .....	38
2. UNE-NOS O AMOR DE CRISTO E DA IGREJA .....	38
3. «ESCOLHIDO DE ENTRE OS HOMENS... CONSTITUÍDO A FAVOR DOS HOMENS».....	41
3.1. Sacerdócio ministerial e sacerdócio comum dos fiéis.....	42

4.	O SACERDOTE, DOM DE CRISTO PARA A COMUNIDADE.....	43
4.1.	O sacerdócio sacramental não recebe a sua origem da comunidade.....	47
4.2.	O sacerdócio foi-nos dado para servir os outros e não para se poder renunciar a tal... 48	48
5.	AO SERVIÇO DO BOM PASTOR.....	50
5.1.	A salvação do próximo dá sentido à vida sacerdotal.....	52
6.	«A ARTE DE GUIAR AS ALMAS É A ARTE DAS ARTES».....	54
6.1.	«Adaptação» dos grandes santos ao seu tempo.....	56
7.	DISPENSADORES E TESTEMUNHAS.....	57
7.1.	A laicização da vida sacramental.....	63
7.2.	Esperam que sejamos homens de oração.....	65
7.3.	O mistério sacerdotal dos contemplativos.....	66
8.	SIGNIFICADO DO CELIBATO.....	66
8.1.	Herança da Igreja latina.....	67
8.2.	Dom do Espírito, diverso da vocação ao amor conjugal.....	68
9.	PROVA E RESPONSABILIDADE.....	68
9.1.	Fidelidade à palavra dada – as dispensas.....	69
9.2.	Os que estão unidos pelo matrimónio têm direito a esperar de nós testemunho de fidelidade até à morte.....	70
10.	É PRECISO CONVERTER-SE TODOS OS DIAS.....	70
10.1.	Oração.....	73
10.2.	Formação permanente.....	75
10.3.	Lugares onde se sente profundamente a ausência do sacerdote.....	76
11.	MÃE DOS SACERDOTES.....	77
11.1.	«Experiência pessoal».....	79
CAPITULO III - CARTAS AOS SACERDOTES: UM ITINERÁRIO DE ESPIRITUALIDADE MINISTERIAL.....		83

1. SER-SE SACERDOTE: TESTEMUNHA QUALIFICADA DE CRISTO BOM PASTOR...	84
1.1. Quinta-feira Santa: «Este é o nosso dia com Ele».....	88
1.2. Comunhão eclesial e fraternidade sacerdotal: Uma união ministerial .....	90
1.3. Caridade pastoral e ministério pastoral: Um viver para servir .....	93
2. «NÓS NASCEMOS DA EUCARISTIA» .....	97
3. RECONCILIAÇÃO: «VAI E NÃO TORNES A PECAR» (JO 8,11).....	101
4. ORAÇÃO: O ‘ALFA E O ÓMEGA’ DA CONVERSÃO.....	104
5. NA ESCOLA DE MARIA.....	110
CONCLUSÃO .....	116
ANEXO.....	120
1. Testemunho .....	120
2. Testemunho .....	123
3. Testemunho .....	125
BIBLIOGRAFIA .....	126
Fontes .....	126
Estudos .....	127
ÍNDICE .....	135